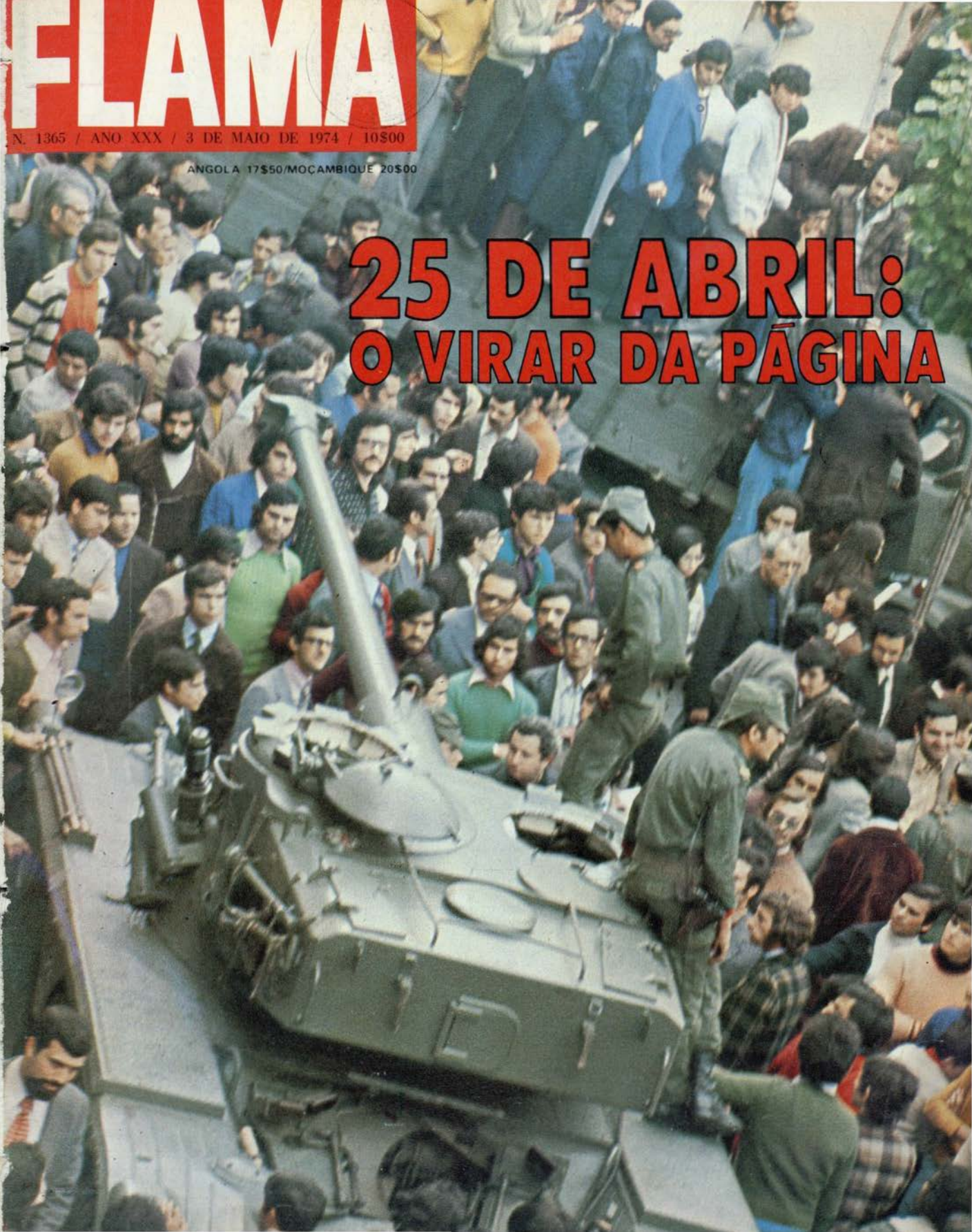


FLAMA

N. 1365 / ANO XXX / 3 DE MAIO DE 1974 / 10\$00

ANGOLA 17\$50/MOÇAMBIQUE 20\$00

25 DE ABRIL: O VIRAR DA PÁGINA



PLAZA INTERNACIONAL


para quem conhece o mundo
e o sabor das melhores
coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.

Um cigarro de nível internacional.

Um acto de escolha e de afirmação própria.

O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.

Extra Longo.  Filtro Triplo Ventilado.

Duas vezes mais eficaz!



PLAZA a sua afirmação pessoal



DÍALOGO COM O LEITOR

VIRAR A PÁGINA

A TÉ ao romper da madrugada do último dia 25 — 25 de Abril de 1974, uma nova data a inscrever na história de Portugal — o grosso do noticiário que enchia as páginas dos jornais e o serviço informativo da rádio era, pode dizer-se, a França, apanhada de surpresa com a morte de Pompidou, e à beira — ela também — de virar a página para um novo capítulo da sua história. Mas na madrugada daquele dia 25 de Abril de 1974 algo de muito mais importante para nós, Portugueses, acontecia, dominando as atenções não apenas dos órgãos informativos, mas do povo que, nessa altura, sentiu que despertava para uma era nova. A mais decisiva e importante tomada de posição das Forças Armadas dos últimos anos, iniciada nessa madrugada, prosseguida pelo dia adiante e concretizada com a rendição incondicional do prof. dr. Marcello Caetano abria uma nova perspectiva aos Portugueses. Do que foi essa quinta-feira — a última do mês de Abril — e dos subsequentes acontecimentos realizámos a cobertura que hoje oferecemos ao leitor.

E a França, ela também, surge nas nossas páginas, acontecimento que vão ser as eleições que se realizarão no próximo dia 5. Três candidatos concentram as atenções da grande massa do eleitorado francês: François Mitterrand, Chaban-Delmas e Giscard d'Estaing. O primeiro unindo a força de socialistas e comunistas, os restantes dividindo ainda mais a já fragmentada U.D.R., herança do general De Gaulle que os seus seguidores não conseguiram manter intacta. As sondagens à opinião pública prevêem a vitória de Mitterrand no primeiro escrutínio, a realizar no próximo dia 5 de Maio, restando, portanto, aos representantes da maioria governamental lutar entre si para se decidir qual dos dois enfrentará o dirigente socialista no segundo e definitivo escrutínio.

Outra luta se vem desenrolando em terrenos diferentes daqueles onde se enfrentam os candidatos franceses. Sem objectivos eleitorais, espalha-se, no entanto, por muitos outros países e mobiliza, cada vez mais, o interesse e entusiasmo das mulheres. Muitas vezes se pergunta que pretendem os movimentos feministas e porque lutam as mulheres. Algumas respostas estão neste número da Flama.

Quase sempre a imagem das coisas mesmo que dura e cruel, é preferível à descrição deturpada ou incompleta das mesmas. Nas páginas que dedicamos ao problema da agricultura a intenção foi de não deturpar a imagem. E da leitura de dados estatísticos e opiniões de peritos no assunto conclui-se que se torna forçoso modificar um panorama teimosamente impeditivo das transformações de uma agricultura enraizada no passado e alheia a situações que impossibilitam o seu enquadramento em economias modernas. Tanto mais que esta estagnação inibe o desenvolvimento dos restantes sectores económicos.

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS. CHEFE DE REDACÇÃO: EDITE SOEIRO/SUBCHEFES DE REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS E ANTÓNIO AMORIM/GRÁFICOS: MANUEL VIEIRA E VITORINO C. MARTINS/CHEFE DE PUBLICIDADE: TINA RODRIGUES/PROPRIEDADE DA SOCIEDADE EDITORIAL FLAMA, S. A. R. L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua Rodrigues Sampaio, 50, 2., E. — Lisboa 2 — Tels. 563764/5/6/7. Publicidade — 535382. Compõe-se e imprime-se na Sociedade Nacional de Tipografia, S. A. R. L. — R. de "O Seculo", 41 a 63 — Lisboa 2/Distribuição: Distribuidora "O Seculo", — telef. 35152.

A "FLAMA" declina toda a responsabilidade acerca dos documentos que lhe sejam enviados. Os originais não publicados não serão devolvidos. A colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção. Completamente interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos e ilustrações.

Preço (Pagamento adiantado): **Metrópole e ilhas** — Assinatura anual 440\$00/Assinatura semestral 225\$00/Assinatura trimestral 115\$00/Exemplares avulso 10\$00 — **Ultramar, Espanha e Brasil** — Assinatura anual 495\$00/Assinatura semestral 260\$00/Exemplares avulso 12\$50 — **Outros países** — Assinatura anual 600\$00/Exemplares avulso 15\$00 — Por via aérea: acresce da respectiva sobretaxa por exemplar conforme segue: **Metrópole, Ilhas e Espanha** 2\$00 — **Ultramar** 13\$20 — **Outros países da Europa** 4\$00 — **Restantes países** 15\$40 — **Nota:** As prestações acertam-se sempre pelo ano civil. Mudanças de endereço 1\$00.



Dá resultado... ...e vê-se na sua cara!

Não há por certo, nada que mais envelheça do que a pele seca. A verdade é que, por volta dos 25 anos, a sua pele começa a perder cada vez mais a humidade necessária para a manter jovem e bela.

É por isso que você precisa da ajuda que só o 2.º Début lhe pode dar.

A fórmula única 2.º Début

2.º Début contém uma fórmula muito importante conhecida pelos nossos técnicos por CEF — Cellular Expansion Factor (Factor de Expansão Celular). Ao aplicar 2.º Début sobre o rosto, este ao contrário dos vulgares produtos hidratantes, penetra directamente para além da superfície da pele e vai rejuvenescer as células interiores.

Alimentando-as, o 2.º Début dá-lhe a capacidade natural de conservarem a humidade.

Um tratamento em poucos minutos

Dois minutos de manhã e à noite. Sem perda de tempo, você verá como o 2.º Début consegue parar os anos. E é tão mais agradável de aplicar do que os cremes oleosos e loções que provavelmente já usou... E muito, muito mais eficiente.

Mantenha a juventude da sua pele com o 2.º Début

O 2.º Début é apresentado em duas fórmulas: marfim CEF 600, para as mulheres mais jovens e rosa CEF 1200, com acção dupla, para as rugas mais pronunciadas e resultados mais rápidos. Qualquer delas conservá-la-á jovem apesar da idade.





FLAMA

Cartas ao Director

RECTIFICAÇÃO E APLAUSO

No número 1361, editado a 5 do corrente, e dedicado a Angola, no texto intitulado MOÇAMÉDES: A CIDADE-CORAGEM, na folha 123 do parágrafo designado "O Deserto", diz o articulista Moutinho Pereira "O deserto é vida, na corrida das zebras, no retouçar dos gulgungos (?), na passada larga do avestruz...".

Procurando no dicionário ilustrado português não encontrei a designação gulgungo, mas sim guelengue "animal da fauna africana de cornos direitos, de porte magnífico".

Para aqueles que nunca estiveram em África e nunca tiveram a oportunidade de admirar tão belo exemplar da fauna, quer no deserto do Iona ou ainda nos belíssimos parques do sudoeste africano e reservas de caça sul-africanas onde esta espécie é corrente, agradeço que seja feita a devida rectificação.

Lamento ainda que não tenham dedicado uma nota a Salazar, onde se encontra um dos mais belos parques de conservação da natureza.

Sou natural de Lisboa, onde vivi 25 anos. Permaneço aqui desde há cinco e admiro esta terra grande e generosa que conheço bem. O vosso número dedicado a Angola deveria ser lido por todos os portugueses aí residentes para que vissem por outro prisma e analisassem mais sensatamente as grandes potencialidades e realidades desta terra.

MARIA OFÉLIA V. ALMEIDA
(LUANDA)

ÉCRINAL



a última descoberta da Ciência
para o tratamento das

PESTANAS - Ecrinal Cils

UNHAS - Ecrinal Ongles

CABELOS - Shampoing

Ecrinal Cheveux • Lotion Ecrinal

Produtos dos

**LABORATOIRES ASEPTA
MONACO**

Pedido de literatura e amostra
de Ecrinal Ongles à

ARIANE

Rue Arçugio Mafra, 33, 1.º-Esq.
Tel. 77 23 33 - Lisboa - 5

3

**PRODUTOS
DE ALTA
QUALIDADE**

AMENDOIM

ISRAEL

ARROZ

TREVO

ESPECIARIAS

TREVO



UM TOM DE PELE CLARO E ENCANTADOR

com a
cire aseptine

Substâncias naturais — meio ideal para tratar e embelezar a pele. Por isso os nossos Dermo-técnicos criaram a CIRE ASEPTINE, um produto maravilhoso, à base de extractos de flores e de óleo de calêndula. Para libertar a pele das impurezas e lhe fornecer os elementos nutritivos de que ela carece, use regularmente a CIRE ASEPTINE. O seu poder de penetração é excepcional: graças às substâncias naturais que entram na sua composição, a CIRE ASEPTINE faz desaparecer rapidamente as manchas avermelhadas, irritações e borbulhas, regenerando e aliviando a pele. A CIRE ASEPTINE dá à pele dentro de pouco tempo a suavidade e o encantador aveludado da juventude. Use diariamente a CIRE ASEPTINE e verá a sua pele adquirir uma tonalidade pura e leve e tornar-se realmente sã, fresca e macia.



cire aseptine

à base de substâncias naturais.

FLAMA

Preencha o talão em baixo e envie-o (com a respectiva importância em vale, cheque ou selos) para:

Administração da "Flama" — Rua Rodrigues Sampaio, 50-2o. Esq. — Lisboa-2



Nome:

Morada:

Deseja assinar a "Flama"

pele período de $\left\{ \begin{array}{l} 6 \text{ meses (225\$00)} \\ 1 \text{ ano (440\$00)} \end{array} \right.$

(cortar o que não interessa)

para o que junto envia a respectiva importância em

Assinatura



CARCASSONE

Malhas de qualidade

Reportagem de ANTÓNIO AMORIM, ALEXANDRE MANUEL, FERNANDO CASCAIS,
DIONÍSIO DOMINGOS, ANTÓNIO XAVIER, ARMANDO VIDAL e CARLOS GIL

25 DE ABRIL: O VIRAR DA PÁGINA

Quando ao fim da tarde de quinta-feira da semana passada um blindado Chaimite safa do portão principal do quartel da G. N. R. do Carmo, transportando o prof. Marcelo Caetano e três ministros do seu Governo, o País despertava para uma nova era. Os acontecimentos históricos que levaram à mais importante e decisiva tomada de posição das Forças Armadas dos últimos anos iniciaram-se às primeiras horas da madrugada do dia 25 de Abril. Tropas do Movimento Militar das Forças Armadas tomaram posição e ocuparam lugares estratégicos em Lisboa e também no Porto. Os primeiros comunicados do Movimento, difundidos, através da Rádio, despertaram a população para o que viria a ser uma das mais espectaculares manifestações de apoio espontâneo presenciadas na capital. Povo e soldados de mãos dadas acabariam por ver conseguidos os seus objectivos com a rendição incondicional do chefe do Governo. Horas de impaciência e de esperança decorreram durante a tarde, em frente e nas imediações do quartel da G. N. R. do Carmo, que juntamente com a sede da Direcção-Geral de Segurança constituíram os últimos focos de resistência ao Movimento das Forças Armadas. O embarque em avião militar do almirante Américo Tomás e do prof. Mar-

celo Caetano para a ilha da Madeira ficará na História da Nação Portuguesa como o momento da queda definitiva do Governo que pretendeu ser a tentativa de continuação de um regime que, durante quase 50 anos, se caracterizou essencialmente pelo desrespeito das liberdades fundamentais do homem, mercê da imposição constante de um forte sistema censório e policial. Consumado o êxito do golpe de Estado, o Movimento das Forças Armadas entregou o Governo a uma Junta de Salvação Nacional presidida pelo general António de Spínola que, segundo a lei eleitoral a elaborar pelo futuro Governo Provisório, decretará a eleição de uma Assembleia Nacional Constituinte por sufrágio universal, directo e secreto. A reportagem deste momento histórico, que publicamos ao longo de várias páginas e que documenta alguns dos mais importantes passos da evolução dos acontecimentos nas ruas de Lisboa, foi o nosso primeiro trabalho realizado logo após o general António de Spínola ter declarado ao País que a Junta de Salvação Nacional se compromete, também, a "garantir a liberdade de expressão e pensamento".





O Chaimite "Bula" prepara-se para transportar o ex-Presidente do Conselho que, entretanto, se tinha rendido incondicionalmente ao General Antônio de Spínola, Presidente da Junta de Salvação Nacional. À ESQUERDA - Para os populares aglomerados nas imediações do Largo do Carmo, tudo serviu para observar a ação das Forças Armadas: est: tuas, árvores, blindados.

25 DE ABRIL:

O ASSUMIR DE UM COMPROMISSO



Foi às primeiras horas de um novo dia, após cerca de vinte e quatro horas de operações militares, que o País tomou conhecimento da constituição da Junta de Salvação Nacional nas mãos de quem o Movimento das forças Armadas depositara o Governo da Nação. Milhões de portugueses viram então através da televisão a primeira imagem das individualidades que formam a Junta: capitão-de-fragata António Alba Rosa Coutinho; capitão-de-mar-e-guerra José Baptista Pinheiro Azevedo; general Francisco da Costa Gomes; general António de Spínola; brigadeiro Jaime Silvério Marques; coronel Carlos Galvão de Melo e general Manuel Diogo Neto (ausente da Metrópole). Na sua qualidade de presidente da Junta, o general António de Spínola proferiu uma breve alocução na qual enumerou os compromissos a que a mesma se propunha em ordem a encaminhar o País para a definição e consecução de verdadeiros objectivos nacionais.

Algumas horas depois e já com o último

foco de resistência, a sede da D. G. S., completamente dominada e os ex-chefes do Governo e da Nação exilados na Madeira, o Movimento das Forças Armadas Portuguesas distribuiu o seu programa que transcrevemos na íntegra:

“Considerando que, ao fim de 13 anos de luta em terras do Ultramar, o sistema político vigente não conseguiu definir concreta e objectivamente uma política ultramarina que conduza à paz entre os portugueses de todas as raças e credos.

Considerando que a definição daquela política só é possível com o saneamento da actual política interna e das suas instituições, tornando-as, pela via democrática, indiscutidas representantes do povo português. Considerando ainda que a substituição do seu sistema político vigente terá de processar-se sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar da Nação, o Movimento das Forças Armadas Portuguesas, na profunda convicção de que interpreta as aspirações e



O general Spínola, com as individualidades que formam a Junta, no momento em que lia perante as câmaras da televisão a histórica declaração. À ESQUERDA: Manter a população ao corrente da evolução dos acontecimentos foi preocupação constante do general Spínola.



Os generais Costa Gomes e António de Spínola.

25 DE ABRIL:

UMA LINHA DE ABERTURA A SOLUÇÕES DE EVOLUÇÃO



interesses da esmagadora maioria do povo português e de que a sua acção se justifica plenamente em nome da salvação da Pátria e, fazendo uso da força que lhe é conferida pela Nação através dos seus soldados, proclama e compromete-se a garantir a adopção das seguintes medidas, plataforma que entende necessária para a resolução da grande crise nacional que Portugal atravessa.

A) MEDIDAS IMEDIATAS

1 — Exercício do poder político por uma Junta de Salvação Nacional até à formação, a curto prazo, de um Governo provisório civil. A escolha do presidente e vice-presidente será feita pela própria Junta.

2 — A Junta de Salvação Nacional decretará:

a) a destituição imediata do Presidente da República e do actual Governo, e dissolução da Assembleia Nacional e do Conselho de Estado, medidas que serão acompanhadas do

anúncio público da convocação, no prazo de 12 meses, de uma Assembleia Nacional Constituinte, eleita por sufrágio universal directo e secreto, segundo lei eleitoral, a elaborar pelo futuro Governo Provisório;

b) a destituição de todos os governadores civis no continente, governadores dos distritos autónomos nas ilhas adjacentes e governadores-gerais nas províncias ultramarinas, bem como a extinção imediata da Acção Nacional Popular.

1 — Os governos-gerais das províncias ultramarinas serão imediatamente assumidos pelos respectivos secretários-gerais, investidos nas funções de encarregado do Governo até nomeação do novo governador-geral pelo Governo Provisório.

2 — Os assuntos decorrentes dos governos civis serão despachados pelos respectivos substitutos legais, enquanto não forem nomeados novos governadores pelo Governo provisório.

c) a extinção imediata da D. G. S., Legião

Portuguesa e organizações políticas de juventude. No Ultramar, a D. G. S. será reestruturada e saneada, organizando-se como polícia de informação militar enquanto as operações militares o exigirem;

d) a entrega às Forças Armadas dos indivíduos culpados de crime contra a ordem política instaurada, enquanto durar o período de vigência da Junta de Salvação Nacional, para instrução de processo e julgamento;

e) medidas que permitam uma vigilância e um controlo rigorosos de todas as operações económicas e financeiras com o estrangeiro;

f) a amnistia imediata de todos os presos políticos, salvo os culpados de delitos comuns, os quais serão entregues ao foro respectivo e reintegração voluntária dos servidores do Estado destituídos por motivos políticos.

g) a abolição da censura e exame prévio;

1 — Reconhecendo-se a necessidade de salvaguardar o segredo dos aspectos militares e evitar perturbações na opinião pública cau-



O Terreiro do Paço e o aeroporto de Lisboa (à esquerda e em baixo) foram dos primeiros pontos estratégicos a ser ocupados pelas tropas do Movimento das Forças Armadas. A população transitou calmamente junto aos carros blindados, manifestando total compreensão e civismo.

sadas por agressões ideológicas dos meios mais reaccionários, será criada uma comissão "ad hoc"; para "contrôle" da Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema, de carácter transitório, directamente dependentes da Junta de Salvação Nacional, a qual se manterá em funções até à publicação de novas leis de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema pelo futuro Governo Provisório.

h) medidas para a reorganização e saneamento das Forças Armadas e Militarizadas, G. N. R., P. S. P., Guarda Fiscal, etc.;

i) o "contrôle" de fronteiras será das atribuições das Forças Armadas e Militarizadas, enquanto não for criado um serviço próprio;

j) medidas que conduzam ao combate eficaz contra a corrupção e a especulação.

B) MEDIDAS A CURTO PRAZO

1 - No prazo máximo de três semanas após a conquista do Poder, a Junta de Salvação

25 DE ABRIL:

PERFEITA COORDENAÇÃO NO PROCESSO DE CONTROLE

Nacional escolherá de entre os seus membros, o que exercerá as funções de Presidente da República Portuguesa, que manterá poderes semelhantes aos previstos na actual Constituição.

a) os restantes membros da Junta de Salvação Nacional assumirão as funções de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, chefe do Estado-Maior da Armada, chefe do Estado-Maior do Exército e chefe do Estado-Maior da Força Aérea e farão parte do Conselho de Estado.

2 — Após assumir as suas funções o Presidente da República nomeará o Governo Provisório civil, que será composto por personalidades representativas de grupos e correntes políticas e personalidades independentes que se identifiquem com o presente programa.

3 — Durante o período de excepção do Governo Provisório, imposto pela necessidade histórica de transformação política, manter-se-á a Junta de Salvação Nacional, para salvaguarda dos objectivos aqui proclamados.

a) o período de excepção terminará logo que, de acordo, com a nova Constituição política, estejam eleitos o Presidente da República e a Assembleia Legislativa.

4 — O Governo Provisório governará por decretos-leis que obedecerão obrigatoriamente ao espírito da presente proclamação.

5 — O Governo Provisório, tendo em atenção, que as grandes reformas de fundo só poderão ser adoptadas no âmbito da futura Assembleia Nacional Constituinte, obrigará-se a promover imediatamente:

a) a aplicação de medidas que garantam o exercício formal da acção do Governo e o estudo e aplicação de medidas preparatórias de carácter material, económico, social e cultural que garantam o futuro exercício efectivo da liberdade política dos cidadãos;

b) a liberdade de reunião e de associação. Em aplicação deste princípio, será permitida a formação de associações políticas, possíveis embriões de futuros partidos políticos e garantida a liberdade sindical, de acordo com lei especial que regulará o seu exercício.

c) a liberdade de expressão e pensamento, sob qualquer forma;

d) a promulgação de uma nova lei de Imprensa, Rádio, Televisão, Teatro e Cinema;

e) medidas e disposições tendentes a assegurar, a curto prazo, a independência e a dignificação do poder judicial.

1 — A extinção dos tribunais especiais e dignificação do processo penal em todas as suas fases.

2 — Os crimes cometidos contra o Estado, no novo regime, serão instruídos por juízes de Direito e julgados em tribunais ordinários, sendo dadas todas as garantias aos arguidos.



Foi longa a noite, mas às primeiras horas do dia já a esperança reinava entre os militares. Depois, veio o povo e disse o seu "sim" apoteótico. O Governo caiu às mãos dos militares.

As averiguações serão cometidas à Polícia Judiciária.

6 — O Governo Provisório lançará os fundamentos de:

a) uma nova política económica posta ao serviço do Povo Português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista.

b) uma nova política social, que, em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses.

7 — O Governo Provisório orientar-se-á, em matéria de política externa pelos princípios da independência e da igualdade entre os Estados, da não ingerência nos assuntos internos dos outros países e da defesa da paz, alargando e diversificando relações internacionais, com base na amizade e cooperação.

a) O Governo Provisório respeitará os compromissos internacionais decorrentes dos tratados em vigor.

8 — A política ultramarina do Governo Provisório, tendo em atenção que a sua defi-



25 DE ABRIL: O PAÍS DESPERTOU COM OUTRA FACE



nição competirá à Nação, orientar-se-á pelos seguintes princípios:

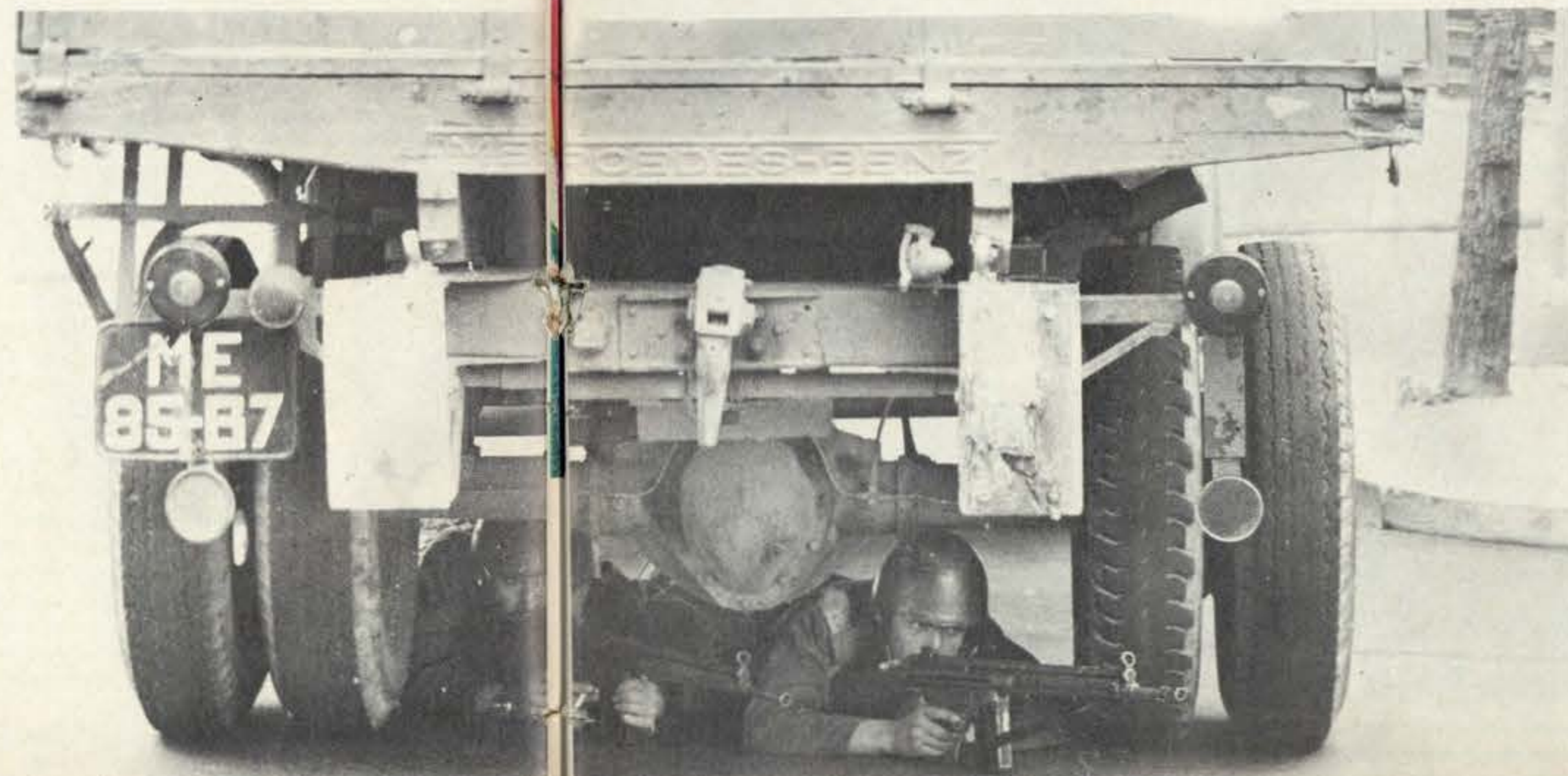
- a) Reconhecimento de que a solução das guerras no Ultramar é política e não militar.
- b) Criação de condições para um debate franco e aberto a nível nacional, do problema ultramarino.
- c) Lançamento dos fundamentos de uma política ultramarina que conduza à paz.

C) CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 — Logo que eleitos pela Nação a Assembleia Nacional Constituinte e o novo Presidente da República, será dissolvida a Junta de Salvação Nacional e a acção das Forças Armadas será restringida à sua missão específica de defesa externa da soberania nacional.

2 — O Movimento das Forças Armadas, convicto de que os princípios e os objectivos aqui proclamados traduzem um compromisso assumido perante o País e são imperativos para servir os superiores interesses da Nação, dirige a todos os portugueses um veemente apelo à participação sincera, esclarecida e decidida na vida pública nacional e exorta-os a

Primeiro foi a ocupação (militar), depois foi a proclamação (popular). Estas foram as duas imagens de uma revolta que, em poucas horas, mudou a face de um país e fez reacender as esperanças de um povo desconhecedor, na sua quase totalidade, dos direitos democráticos.



garantirem, pelo seu trabalho e convivência pacífica qualquer que seja a posição social que ocupem, as condições necessárias à definição, em curto prazo, de uma política que conduza à solução dos graves problemas nacionais e à harmonia, progresso e justiça social indispensáveis e à obtenção do lugar a que Portugal tem direito entre as nações."

Esta a primeira vez que a Junta de Salvação Nacional entra em contacto com a Imprensa. Antes de mais, desejo agradecer a forma patriótica como a Imprensa acompanhou o Movimento das Forças Armadas e, para além desse agradecimento, formulo votos para que a Imprensa, dentro de uma liberdade de expressão que vai passar a ter, saiba efectivamente cumprir o alto dever que lhe compete para com a Pátria, no esclarecimento do nosso bom povo português. A todos agradece o Movimento das Forças Armadas e a sua Junta de Salvação Nacional."

Foi com estas palavras que a Junta de Salvação Nacional, através do seu general-presidente, iniciou a primeira conferência de Imprensa, realizada no Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.

A demissão do Governo, encabeçado pelo

25 DE ABRIL:

O LARGO DO CARMO FOI O ÚLTIMO REDUTO DO REGIME



Nos prédios circundantes do Largo do Carmo, soldados tomam posições estratégicas nos telhados. A população também procurou todas as posições de onde pudesse ver os mais pequenos pormenores do desenrolar dos acontecimentos que conduziram à rendição incondicional do ex-Presidente do Conselho.



O povo sobe, com as colunas militares, a Rua Garrett, em direcção ao Largo do Carmo. O cerco ia fechar-se. À ESQUEDA: "Panhard's" no Largo de Camões. O insólito para milhares de portugueses menores de 47 anos...



prof. Marcelo Caetano, havia acontecido 15 horas e 25 minutos antes. Anteriormente as estações emissoras haviam difundido uma mensagem de agradecimento (assinada pelo gen. António de Spínola) dirigida "aos bravos militares dos três ramos das Forças Armadas", por mais "este sublime acto de patriotismo a juntar a tantos outros praticados na defesa do Ultramar português, e ainda pela exemplar disciplina e alta eficiência demonstradas no cumprimento da transcendente missão de que foram incumbidas a bem da Pátria". Poucos minutos depois, o DC 6 militar, levando a bordo o alm. Américo Thomaz, o prof. Marcelo Caetano, os ex-ministros Silva Cunha e Moreira Baptista e ainda o comandante Benvido (oficial às ordens do ex-Presidente da República), aterrava no Aeroporto do Funchal, na capital da Ilha, que agora, lhes vai servir de exílio.

Depois, seguiram-se as perguntas e as respostas.

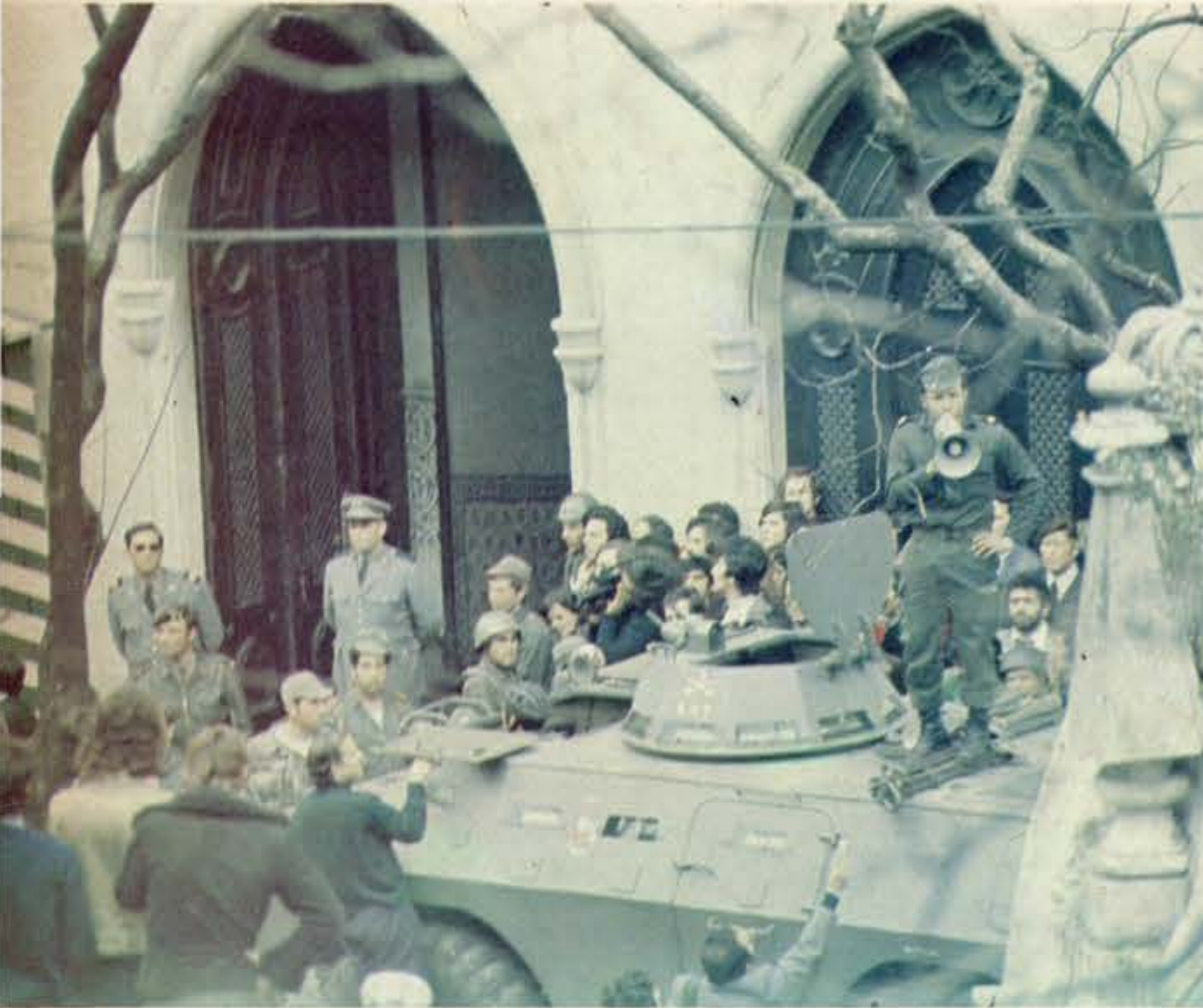
Para além do comunicado, então distribuído, os jornalistas ali presentes ficaram a saber que a revolta será orientada por "uma linha de abertura a soluções de evolução e a um futuro de progresso de Portugal no seu todo pluricontinental".

Sobre a P. I. D. E./D. G. S. a polícia política que serviu de sustentáculo (arbitrário) ao ex-regime, comentou o gen. António de Spínola: "Está prevista a sua extinção. As únicas restrições dirão respeito ao Ultramar e apenas enquanto as operações militares o exigirem." Paralelamente, referiu também a abolição da Censura/Exame Prévio, que conhecerá algumas restrições, mas tão somente nos "aspectos militares nesta fase que ainda atravessamos no nosso Ultramar".

Merecem ainda uma referência especial as

25 DE ABRIL:

UMA REACÇÃO AGONIZANTE



O capitão Maia, da Escola Prática de Cavalaria (Santarém) que teve funções destacadas no cerco ao Largo do Carmo, anuncia aos milhares de manifestantes a iminente chegada do general António de Spínola, que ali receberia a rendição de Marcelo Caetano.

respostas à equipa de reportagem da televisão espanhola, no respeitante à política externa: "Vai ser uma linha de abertura a soluções de evolução a um futuro de progresso de Portugal no seu todo pluricontinental." Sobre as colónias, a política a seguir "será definida no consenso do País".

Qual, neste momento, a situação dos presos políticos?

Vão ser libertados. A ideia é que o sejam todos os presos políticos, com excepção feita, evidentemente, àqueles que para além de problemas ligados a ideologias políticas tenham também cometido crimes classificados no Código Penal.

(Recorda-se que a libertação dos primeiros presos políticos começou aos 17 minutos do dia seguinte, depois de uma equipa de advogados da Comissão para a Libertação dos Presos Políticos, em conjunto com uma delegação da Junta Militar, haver procedido a uma análise dos vários e muitos processos.)

Os refugiados políticos poderão regressar a Portugal?

Esses serão abrangidos pelas medidas a que há pouco me referi.

E em relação aos emigrantes?

Esse é um problema que vai entrar em audição.

Resposta semelhante seria dada em relação às empresas multinacionais que, até agora, têm dominado de modo arbitrário a economia (e não só) nacional.

Terminada a primeira Conferência de Imprensa, os elementos da Junta Militar, com excepção do gen. Diogo Neto, ainda em terras de Moçambique, recolheu aos seus aposentos para, algumas horas depois, tomar a direcção do edifício da Defesa Nacional, na Covã da Moura, onde estão, actualmente, instalados.

A protecção militar foi assegurada por um "jeep", duas autometralhadoras ligeiras equipadas com morteiro 60 ("Vila Pery" e "Nampula"), uma Panhard de nome "Zala" e a chaimite "Bula" que, na véspera, serviu de transporte do Quartel do Carmo até ao Regimento da Pontinha, ao ex-Presidente do Conselho e dos ex-ministros do Interior e da De-



fesa.

Aí, uma enorme multidão, esquecida das horas e dos empregos ("o emprego que espere, porque até agora esperámos nós") quis assistir à entrada dos vários elementos da Junta e aclamar, de modo especial, o gen. António de Spínola. Lá dentro, sucediam-se os abraços e saudavam-se vivamente aqueles que, há pouco, eram apenas elementos indesejáveis de um regime que nunca admitiu a pluralidade de opiniões. Naquele momento, a tentativa das Caldas era apenas um facto passado.

Depois, começaram as reuniões. E enquanto nos gabinetes se discutiam problemas graves que, necessariamente, terão de ser enfrentados, nos corredores aventavam-se hipóteses e falava-se em nomes já contactados (muitos deles bastante afastados ou até repe-

lidos pelo sistema que, durante tantos anos, dominou os Portugueses) para a formação do Governo Provisório.

NÃO foram necessárias mais de vinte e quatro horas para que o Movimento das Forças Armadas atingisse plenamente os seus objectivos. A operação foi desencadeada quando, à meia noite e vinte e um minutos, o programa "Limite", difundido pela Rádio Renascença, transmitiu a senha que consistiu exactamente na leitura do poema e na passagem da canção "Grândola Terra Morena". Forças militares partiram de Santarém e de Tomar em direcção a Lisboa, onde se juntaram a outros contingentes para tomar posição em pontos estratégicos da capital. Imediatamente foram ocupados importantes objec-

A alegria dos soldados pedia meças à da população, que sempre os vitoriou como autênticos libertadores. EM BAIXO — Nos acessos ao Largo do Carmo, todos se acumularam (inclusive sobre os veículos militares) para assistir à mais importante das acções do Movimento.

25 DE ABRIL:

DUROU NOVE HORAS A TOMADA DO CARMO



Os momentos mais importantes da queda de um regime de quarenta e sete anos desenrolaram-se no Carmo, em cujo quartel da G. N. R., se refugiara o prof. Marcello Caetano. Impaciente a multidão, foi necessário acalmá-la através de megafones.

tivos. O comando das tropas do Movimento ficou instalado nos estúdios principais do Rádio Clube Português, de onde emitiu o primeiro comunicado informando que desencadeara uma série de acções "com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina".

Também os estúdios da Emissora Nacional ficaram sob "contrôle" das forças militares. O Aeroporto da Portela foi cercado e ocupado, sendo os voos desviados para outros aeroportos. Cerca das três horas da manhã os estúdios do Lumiar da RTP entravam em poder dos militares, após episódica manifestação de resistência de alguns elementos da P. S. P. Outros objectivos foram sucessivamente caindo em poder das tropas do Movimento, demonstrando estas perfeita coordenação no processo da ocupação. Uma coluna da Escola Prática de Cavalaria foi a primeira a tomar posição no Terreiro do Paço, impedindo o acesso ao local com fortes dispositivos de homens e armamento. O Estado-Maior do Exército e o Quartel-General da Região Militar de Lisboa contavam-se entre os primeiros aquartelamentos cercados.

Entretanto, a população de Lisboa foi-se apercebendo que algo se anormal se estava a passar: alguns ao presenciarem o desusado movimento de tropas, outros pelos comunicados constantemente emitidos pelo R. C. P. e, depois, também pela Emissora Nacional. A cidade despertou quando as tropas afectas ao Movimento dominavam a situação, com o trânsito condicionado em várias zonas, o que originou que parte da população não se apresentasse nos seus empregos. Nos rostos de toda a gente estampou-se a surpresa de quem julgava já ser impossível assistir ao que os seus olhos presenciavam agora. Apesar dos insistentes comunicados em que o comando do Movimento pedia para a população recolher ou continuar nas suas residências, muita gente não resistiu a aproximar-se dos pontos quentes onde se desenrolavam as operações. A multidão foi engrossando cada vez mais em torno dos militares, acabando por se transformar numa apoteótica manifestação de apoio às Forças Armadas.

No Porto o movimento iniciou-se a partir do Regimento de Cavalaria 6. Às seis horas tropas deste aquartelamento desceram a Avenida da Boavista, fraccionando-se em várias direcções. Elementos do Exército ocuparam o posto emissor do Rádio Clube Português, em Miramar, as instalações da Televisão, no Monte da Virgem, e a Ponte da Arrábida. Da surpresa inicial, provocada pelo movimento de viaturas militares e pelos comunicados emitidos pelo R. C. P., a população portuense passou às manifestações de apoio que se foram intensificando durante a tarde. Com o encerra-



Ao entardecer do dia 25 de Abril, o general António de Spínola chegava ao Largo do Carmo onde foi desusadamente ovacionado pela grande massa de público. Pouco depois de o general Spínola ter entrado no quartel da G. N. R., o ex-presidente saía do seu último reduto, no chaimite "Bula", sob custódia, rumo a instalações militares na Pontinha.



mento dos estabelecimentos engrossaram os grupos que percorreram as ruas da cidade, dando "vivas" a Portugal e às Forças Armadas. O entusiasmo popular atingiu o delírio quando um oficial informou a multidão de que se havia concentrado na Praça da República da rendição do chefe do Governo. Mais tarde, grupos de populares manifestaram-se contra as forças da P. I. D. E./D. G. S., enquanto vários automóveis particulares precediam as colunas militares que circularam pelas principais artérias da cidade.

Desde as primeiras horas da madrugada do dia 25 de Abril o Terreiro do Paço tornou-se um dos principais pontos do teatro de operações. À coluna vinda da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, juntaram-se forças militares de Tomar e de Cavalaria 7 de Lisboa. Após tomarem posições nas embocaduras de todas as artérias que ali confluem, as forças do Movimento destacaram um grupo de oficiais que entrou no Ministério do Exército sem qualquer oposição. Vários oficiais foram detidos. E embora o comando do Movimento tivesse conhecimento de que ali se encontra-

Junto do edifício da P. I. D. E./D. G. S., viveram-se longas horas de tensão antes que a rendição fosse pedida incondicionalmente.



25 DE ABRIL:

A D.G.S. ESTREBUCHOU ATÉ REBENTAR

vam o ministro e o subsecretário do Exército não foi possível detê-los. Ambos haviam escapado por um buraco aberto numa parede de tijolos de uma antecâmara do primeiro andar do edifício que dá para a biblioteca do Ministério da Marinha. Entretanto, forças de Lançadores 2 e do Regimento de Engenharia 1 convergiram também para o Terreiro do Paço. Vindas do Sul, colunas militares concentraram-se no morro de Cristo-Rei, em Almada. Outras já haviam atravessado a ponte sobre o Tejo a caminho de Lisboa.

As forças em operação estabeleceram cordões nas artérias limítrofes, colocando em posições estratégicas carros de combate e autometralhadoras ligeiras. Tanques Patton M-47 do Regimento de Cavalaria 7, que haviam avançado em direcção ao Terreiro do Paço em oposição às tropas do Movimento, acabaram por modificar a linha de tiro... Pouco depois das nove horas abandonaram o Ministério do Interior do dr. Moreira Baptista, o prof. Silva Cunha e o almirante Henrique Tenreiro.

NO fim da manhã do já célebre 25 de Abril, forças do Movimento das Forças Armadas começaram a subir o Chiado. O destino era o último reduto do regime: o quartel do Carmo, comando-geral da Guarda Nacional Republicana, onde se refugiara, o ex-Presidente do Conselho, Marcelo Caetano. Ali, entre as únicas forças militares que lhe

Aquartelados na sede daquela que foi uma das mais tenebrosas organizações de um regime que durou quase meio século, agentes da P. I. D. E./D. G. S., faziam frente ao cerco que lhes era movido. Mais do que defender um regime, defendiam a pele, conscientes — por uma vez — da repulsa que provocavam, desde sempre, na população que violentaram. E esta, pertinaz, manteve-se firme nos postos "conquistados" nas ruas limítrofes de onde podia alcançar o fechar do cerco pelas Forças Armadas que terminou, felizmente, em rendição.





Quem tivesse pensado que as Forças Armadas acabariam por ceder ao cansaço e à falta de alimento enganou-se. Em toda a parte onde elas estiveram, esteve também um gesto de carinho da população.



O maior foco de resistência ao Movimento das Forças Armadas foi a P. I. D. E./D. G. S., por virtude da qual foi derramado sangue. Cercados por efectivos do Exército a que se juntaram fuzileiros da Marinha, os polícias políticos resistiram durante toda a noite do dia 25, continuaram pelo dia 26, acabando por render-se às primeiras horas de 27. A evacuação dos agentes detidos não foi fácil, pois a população não arredava pé do local, exigindo vingança por suas próprias mãos.

25 DE ABRIL: A POPULAÇÃO LEMBRA-SE (BEM) DA POLÍCIA POLÍTICA

ficaram fiéis, a si e ao regime salazarista (mais ou menos evolucionado na continuidade) que representava, o antigo chefe do Governo aguardaria o que era impossível acontecer: a continuação da posse do poder, independentemente da vontade do povo.

Ao princípio da manhã, nada de anormal parecia acontecer no Largo do Carmo. As portas do quartel da G. N. R. estavam abertas, a sentinela na rua, nenhum vestígio aparente de sobressalto. No entanto, através das ondas do Rádio Clube Português os comunicados do Movimento sucediam-se. Pontos estratégicos do contrôle da cidade e do País estavam dominados. Sabia-se que os três ramos das Forças

Armadas tinham aderido — com pequenas e brevemente controladas excepções — ao Movimento. Apenas as forças repressivas do antigo regime — Legião Portuguesa, Guarda Nacional Republicana e Direcção-Geral de Segurança (ex-P. I. D. E.) — o poderiam tentar proteger.

Entretanto, o ex-Presidente do Conselho chegara ao quartel. As portas fecharam-se, tentando evitar o inevitável. Os altos comandos da G. N. R. e dois ex-ministros — o do Interior e o dos Negócios Estrangeiros — acompanhavam-no.

Blindados subiram o Chiado e taparam todas as ruas de acesso ao Largo do Carmo, onde se ia desenrolar o acontecimento fulcral

de toda a acção do Movimento: a rendição do governo que há quarenta e sete anos oprimia o País.

Tropas altamente equipadas da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, às quais se juntariam, depois das 15 horas, efectivos do Regimento de Infantaria 3 de Estremoz, foram os protagonistas de uma cena longos anos esperada. Presenciaram-na milhares de portugueses, na rua ou pendurados nas árvores.

Cerca de uma hora da tarde, o cerco estava feito. No quartel, símbolo da reacção do Governo agonizante, nada bulia. Como se estivesse deserto. No entanto, o seu recheio, bem

valioso, agitava-se nervosamente. Os comandos máximos da G.N.R. atarefavam-se em redor de qualquer hipótese de solução que, verdadeiramente, nunca existiu.

Cá fora, a população começava a concentrar-se. Ao princípio, encheu as ruas convergentes para o largo. Mais tarde, nem no largo caberia um alfinete. Todos queriam ver a derrocada formal de um Governo que tantos anos o subjugara.

Porém, pouco passava das 13 horas quando o receio se instalou em redor do largo. Tropas da G.N.R. avançavam, dispendo-se ao longo da Rua Nova da Trindade. O choque, porém, nunca resultaria, dada a desproporção de material e mesmo numérica. Por outro lado, os oficiais de Santarém mostravam-se absolutamente decididos a esmagar rapidamente qualquer tentativa dos fiéis do regime.

A situação tornou-se mais simples quando, pouco depois das 15 horas, chegou o regimento de Estremoz. As companhias da G.N.R. renderam-se.

Ao mesmo tempo, o Largo do Carmo tornava-se um imenso mar de gente. Sobre os telhados, nas varandas e janelas, em cima das árvores, cujos ramos pareciam ter frutos humanos. Pouco a pouco, os blindados e outros veículos do Exército eram "assaltados" pela população que tentava alcançar o poiso mais alto possível para presenciar o melhor de todos os momentos. Simplesmente, este tardava.

"Se for preciso vamos lá nós buscá-los", diziam populares, enquanto a impaciência

25 DE ABRIL:

PRESOS POLÍTICOS REENCONTRARAM A LIBERDADE

crecia. Muitos gritos de protesto contra o Governo que ia cair (oficialmente) ergueram-se durante horas. Porém, apenas às cinco horas houve capitulação.

Antes, depois de ter expirado sem resposta um prazo dado pelos sitiados aos membros fiéis ao antigo regime, as forças vitoriosas tiveram de abrir fogo sobre a fachada do quartel. Vários buracos na parede (alguns deles nos vidros, sinal de que projectéis entraram no quartel) são o testemunho visível da renitência do regime à rendição. Na verdade, eram 47 anos que iam terminar num breve momento...

A situação, embora esperasse o epílogo indispensável para toda a Nação, era, nessa altura, muito mais tranquila para os largos milhares de portugueses que, também desobedecendo às insistentes recomendações do Posto de Comando do Movimento, queriam satisfazer a curiosidade reprimida durante décadas. Militarmente, reinava a tranquilidade no Largo do Carmo. A população, sem receio, aguardava.

O capitão Maia, que desempenhou importante e incansável papel no cerco do quartel do Carmo, anunciaria, as 17 e 30, que o general António Spínola estava a chegar. O entusiasmo da população presente foi grande, por isso o capitão Maia pediu calma.

Perto das 18 horas, o actual presidente da Junta de Salvação Nacional entrava, de automóvel, no quartel. Lá dentro, recebeu a rendição incondicional de Marcelo Caetano, tomando assim posse do governo e do comando das Forças Armadas do País.

Nesse momento, Portugal via terminar a negra era de quase meio século de servidão a interesses e a ideologias obscuras. Estava iniciada uma nova página na história do País, um regresso à liberdade fundamental a que qualquer povo tem direito.

Uma hora mais tarde, um tanque entrou no quartel. Destinava-se a recolher o ex-Presidente do Conselho e os ex-ministros que o acompanhavam. Muitos populares correram atrás do veículo bélico, extravasando o misto de alegria e fúria que não conseguiam conter.

Antes, porém, registara-se um incidente que dá bem a medida do actual estado de espírito da população: um popular, ao ver sair um automóvel do quartel, pensando que nele vinha o ex-Presidente do Conselho, lançou-lhe uma pedra. Simplesmente, era o general Spínola quem vinha dentro do carro. De imediato, um magote de gente se lançou sobre o lançador da pedra. E este, ao ver-se agredido e já tendo reparado no seu engano só gritava: "Mas eu sou um dos vossos. Enganei-me. Julguei que era o outro..."

Cerca de nove horas durou o aconteci-

mento político mais importante do Movimento das Forças Armadas: a tomada do quartel do Carmo. Quando terminou, já ao fim da tarde, a população dirigiu-se ao Terreiro do Paço onde, apesar da chuva que entretanto começara a cair, se manifestou exuberantemente.

Entretanto, constava que o ex-Presidente da República, o almirante Américo Tomás, que ia no seu terceiro mandato consecutivo, estaria, com outros membros do seu Governo refugiado no Regimento de Lanceiros 2, em Belém. Na realidade, este aquartelamento foi, durante horas, um foco de resistência do regime. No entanto, a meio da tarde, um comunicado do Movimento informava da rendição de Lanceiros 2, que içou um pano branco. Porém, o presidente deposto não se encontrava, pelo menos nessa altura, dentro do quartel. Só na manhã do dia seguinte foi noticiado que se encontrava, bem como outros membros do ex-Governo, sob custódia.

Entretanto, o almirante Tomás chegaria, com Marcelo Caetano, à ilha da Madeira, onde ficaram exilados.

QUANDO uma grande aglomeração populacional se encontrava no Largo do Carmo, elementos da Direcção-Geral de Segurança, com sede situada na Rua António Maria Cardoso, dispararam, tendo ferido várias pessoas, entre as quais três jovens.

Comunicados sucessivos do Movimento Militar informavam que muitos elementos da G. N. R. e D. G. S. se faziam por amigos, quando, na verdade, eram adversos às Forças Armadas.

Durante a noite, uma grande multidão de jovens, sobretudo estudantes, dirigiu-se para a sede da D. G. S., que, entretanto, se mantinha vigilante, preparada para contra-atacar. Apesar das ameaças dos agentes daquela instituição, uma massa compacta de populares gritava em uníssono: "Assassinos!"

A certa altura, atiradores da D. G. S., um dos grandes baluartes do antigo regime, dispararam, tendo morto uma jovem universitária e ferido mais de uma dezena de pessoas. Por razões de prevenção, várias ambulâncias, material de socorro e equipas de médicos e enfermeiros, deslocaram-se imediatamente para as cercanias da sede da Polícia política, a fim de assistir a eventuais feridos.

A meio da noite, um agente da D. G. S., é morto por tropas das Forças Armadas, quando tentava fugir, depois de saltar daquele edifício policial para a rua. Ao tomar conhecimento deste facto, muitos manifestantes rompem



Foram longas, longas, as horas de espera que os familiares dos presos políticos tiveram de aguardar junto ao forte de Caxias. Mas foram horas que valeram a pena. Depois viriam os abraços, o recordar de uma lembrança antiga de muitos anos.





com os cordões militares e, duplicando a sua fúria, gritam:

"Vinguemos os camaradas mortos."

Entretanto, a D. G. S. resistia ainda na prisão de Caxias, constando o boato de que iriam exercer represálias sobre os presos políticos, o que não se verificou, segundo reportagens feitas junto daqueles presos, transmitidas pelo Rádio Clube Português.

Na madrugada de 26 de Abril, forças de Fuzileiros Navais, apoiadas pelo Exército, cercaram o edifício da P. I. D. E. /D. G. S. Mais de duas centenas de agentes desta polícia se encontravam entrincheirados durante toda a noite e parte do dia.

Ao contrário das restantes instituições fiéis ao ex-Governo, a Polícia política de Lisboa e de outras cidades, nomeadamente Porto e Coimbra, resistiu até à noite de 26 de Abril.

Entretanto, dez agentes da D. G. S., que haviam sido presos, seguiram para o Governo Civil, onde foram sujeitos a interrogatórios.

Em pleno dia, foram detidos mais dois agentes, quando se aproximavam da sede para entrar de serviço. Foram identificados como os cabos Belchior e Tranca. Pouco tempo depois, mais dois elementos eram presos, um dos quais teria sido forçado a despir-se, pois que se recusou a identificar com o seu verdadeiro cartão de identificação, o de agente da D. G. S.

PODESE portanto afirmar que o maior foco da resistência ao Movimento das Forças Armadas, uma vez que a Legião Portuguesa (já dissolvida) não foi grande obstáculo e uma vez dominada a G. N. R., (cujo actual comandante, já nomeado pela Junta, é o general Rosa Garoupa), foi a P. I. D. E. /D. G. S., instituição também já extinta pela Junta.

A repulsa da população por esta Polícia

política e muito especialmente pelos seus numerosos agentes e informadores, cujos actos bem conhecidos são de todo o Povo Português, ficou bem patente numa série de incidentes verificados no dia em que eclodiu o Movimento e no dia seguinte.

Conforme alguns dos oficiais do Exército nos revelaram, o quartel-general da P. I. D. E. /D. G. S., situado na Rua António Maria Cardoso, no Chiado, não pôde ser imediatamente ocupado, porque "embora sendo muitos não chagamos para todo o País e nós tivémos de o ocupar de norte a sul". No entanto, a população logo se voltou para aquela famosa rua. Como seria de prever, dado a incontida fúria popular, feita de anos e anos de prepotências inqualificáveis impostas por um organismo ao qual o regime deu plenos poderes (porque nele residia a sua grande defesa, mesmo a sua existência), a revolta da população não se fez esperar. Isso dificultou a acção das Forças Armadas que, desde o início, tinham a desacti-

A multidão já não tem dúvidas que de Caxias irão sair os familiares, os amigos, os conhecidos há muito detidos. E mesmo com chuva não arredou pé. Tranquilamente. Aproveitando as horas para convívio.

Uma cena das imediações de Caxias. Quem aguardará o menino? Talvez um pai que não conheça ainda...

25 DE ABRIL: UM POSTO DE COMANDO TRANQUILO



vação da P. I. D. E./D. G. S., como uma das medidas indispensáveis.

A extrema cautela das Forças Armadas no trato com a população civil e até mesmo para com as forças inimigas constituiu um facto particularmente notado por todos. O Movimento das Forças Armadas nunca desejou derramamento de sangue, sobretudo inocente. Porém, o sangue foi derramado em virtude (uma vez mais) de actos criminosos da P. I. D. E./D. G. S.

Na noite do dia 25 de Abril, agentes aquartelados na sede da organização abriram fogo sobre civis. Três pessoas morreram e muitas outras ficaram feridas pelas balas assassinas. Mais do que defender um regime, os agentes defendiam a pele, conscientes — por uma vez — da repulsa que provocavam, desde sempre, na população que violentavam.

A notícia da acção criminosa cedo chegou ao Posto de Comando do Movimento, no

O general António de Spínola chega ao Quartel-General da Cova da Moura. Eram 16.25 horas do dia 26 de Abril.

R. C. P., e uma informação ao País logo foi prestada, acrescentando-se que as forças militares seguiram para o local a fim de resolver a situação.

A sede da P. I. D. E./D. G. S., completamente fechada, foi cercada por efectivos do Exército, aos quais se juntaram fuzileiros da Marinha. O cerco demorou toda a noite, até que na manhã do dia 26, às 9.45, oficiais das Forças Armadas vitoriosas penetram no edifício, depois de terem enviado dois agentes capturados parlamentar com os que se acoitavam no edifício, instigando-os à rendição. E esta foi pedida, incondicionalmente.

Cerca de trezentos a quatrocentos agentes estavam dentro do edifício, que durante todo o dia esteve cercado pelas Forças Armadas e

por milhares de pessoas. Lá dentro foi descoberto um autêntico arsenal: cerca de uma tonelada de material bélico, constituído por armas ultramodernas.

Foi muito difícil para as Forças Armadas a evacuação dos agentes detidos, pois a população não arredava pé do local, exigindo vingança por suas próprias mãos.

Entretanto, durante a noite anterior à capitação da P. I. D. E./D. G. S., um agente, que tentava fugir por entre os automóveis estacionados na rua, foi logo abatido a tiro. Outros três entregaram-se às Forças Armadas, que os prenderam.

Durante a manhã do dia 26, a população, que entretanto, segundo as indicações radiofónicas do Movimento, já seguia normalmente para os seus locais de trabalho, era interceptada por patrulhas do Exército que pediam a todos para se identificarem. O objectivo era detectar agentes da P. I. D. E./D. G. S., e da Legião, dois organismos filhos do antigo regime que foram dissolvidos, em boa hora, pelo Movimento.

Nas ruas da "baixa", manifestantes que pejavam artérias, aclamando a acção vitoriosa do Movimento e a queda do regime fascista, descobriram, misturados entre a população, agentes daquela Polícia política. A muito custo e com todo o esforço, elementos do Exército conseguiram evitar que os populares aniquilassem, de imediato, os agentes descobertos, que as Forças Armadas tiveram que, nalguns casos, meter em blindados para os furtar à ira popular.

Entretanto, eram transmitidos comunicados, informando da ansiada desactivação da P. I. D. E./D. G. S. Mas nem por isso os populares abandonavam a caça a que se deram, pois numerosos agentes ainda se estariam a misturar com os populares.

No dia 25 e, muito especialmente, no dia seguinte, enquanto "devoravam" edições sucessivas dos jornais, milhares de pessoas concentravam-se na "baixa" alfacinha. As manifestações que já se tinham esboçado, no mesmo local, na véspera, proliferaram no dia 26.

Em virtude da situação da P. I. D. E./D. G. S., e temendo os excessos dos manifestantes, as Forças Armadas (Exército e Marinha) permaneceram — e até se reforçaram — na região. Ao fim da manhã, foi recebida uma comunicação, no Regimento de Engenharia n. 1, na Pontinha, de que havia tiros isolados na "baixa". Imediatamente uma companhia da Escola Prática de Infantaria saiu para reforçar o dispositivo de segurança.

Foi nessa unidade, no limite da capital, que se localizou o quartel-general do Movimento triunfante.

Mas na "baixa" os manifestantes, para além de cercarem, com os seus violentos apupos, a sede da P. I. D. E./D. G. S., alvejaram outros objectivos afectos ao regime caído.

Assim, penetraram no diário "Época", órgão da extinta A. N. P., (dita associação cívica, mas equivalente a partido único); depois, subindo um pouco na mesma rua — a da Misericórdia — entraram nos antigos Serviços de Censura da Imprensa (ultimamente cha-



Na Cova da Moura, no Ministério da Defesa Nacional, ficou instalado o novo Quartel-General que, até ao dia 26, funcionara no Regimento de Engenharia 1, na Pontinha.



25 DE ABRIL:

NUNCA SE DESEJOU O DERRAMAMENTO DE SANGUE



A zona da Cova da Moura encontrava-se guardada por quatro carros blindados: um AML Panhard e três Chaimites. Naturalmente, as atenções da miudagem foram despertadas.

mados de Exame Prévio), onde — infelizmente — terão inutilizado muito do arquivo que iria constituir precioso material para elucidação de todos os portugueses de quanto sofreram (eles e muito especialmente os jornalistas) sob o impiedoso lápis azul dos censores do governo salazarista.

Os manifestantes subiram mais ainda e, no Largo da Misericórdia, penetraram na sede da A. N. P. Entretanto, um pouco mais tarde, para evitar justamente os excessos de entu-

siasmo popular, elementos das Forças Armadas, sem molestar qualquer cidadão, tomaram posições nesses locais assaltados, não se tendo registado outros incidentes.

No fim da tarde do dia 26, uma grande manifestação organizada pela C. D. E. — que desde logo emitiu diversos comunicados políticos, em apoio à acção das Forças Armadas — reuniu milhares de pessoas no Rossio, tudo se processando sem incidentes.

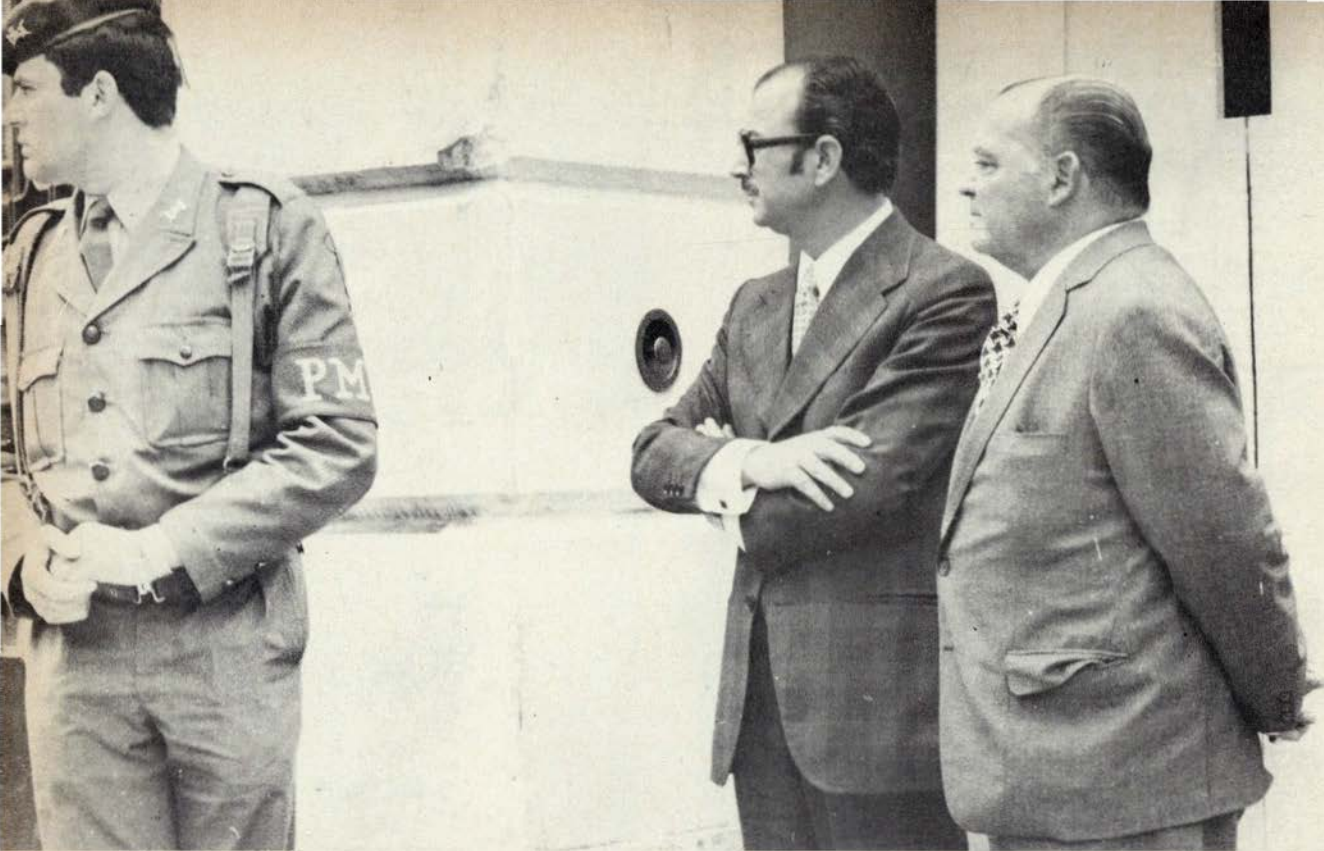
A O princípio da tarde do último sábado o general Spínola reuniu-se com os directores dos órgãos da Informação e organizações como o C. D. E., a SEDES e a Convergência Monárquica. A reunião efectuou-se no Palácio da Cova da Moura, onde está instalado o Quartel-General da Junta de Salvação Nacional. O general António de Spínola, que

estava ladeado por todos os outros componentes da Junta, começou por prestar homenagem à Imprensa portuguesa e expressar o desejo de que ela esteja à altura da hora crítica que o País vive. "Também sou — disse — dos que julgam que o País vive um momento histórico. Todos somos poucos para colaborar na solução dos complexos problemas que temos de enfrentar". Lembrou, depois, que o País viveu largos anos num regime que criou um determinado clima de carência de consciencialização da grande massa, traduzindo-se a situação presente na necessidade de se encontrar novas formas de evolução. Assim, e dado que a Imprensa terá uma alta missão a cumprir nesse sentido, foi abolida a censura prévia e será revista a Lei de Imprensa.

"Todavia, há um aspecto que, desde já de-sejo salientar: a alta responsabilidade com que

fica a Imprensa, fundamentalmente as direcções dos jornais, pois estes têm de se tornar em elementos válidos. É evidente que os jornais passarão a ter uma feição diferente. Uns não farão qualquer esforço. Outros terão de se reajustar". O presidente da Junta de Salvação Nacional afirmou que não hesitava em pedir a colaboração da Imprensa, apesar de não pretender influenciar, de modo algum a orientação de cada jornal. O objectivo será o de "preparar um povo que não está preparado", devendo a Imprensa "procurar desipotocar-se de quaisquer atitudes demagógicas".

Para a Junta de Salvação Nacional, conforme as palavras do general António de Spínola, "o trabalho é o de consciencializar a Nação para que escolha o regime em que quer viver". No entanto, acentuou, "as coisas não podem ser feitas de um momento para o outro



25 DE ABRIL: QUEM COM FERRO MATA...

e uma precipitação na aceleração do processo poderá ser desastrosa".

O segundo ponto abordado pelo general António de Spínola foi o do problema do Ultramar. Disse que de há muito tempo se vem confundido no nosso País o conceito de autodeterminação com o conceito de independência e que as suas próprias afirmações sobre esta distinção já não haviam sido entendidas pelos governantes depositos. "Sempre defendi — recordou — que a aceitação imediata de independência contraria a pureza do princípio da autodeterminação. Entendo que para que um povo possa escolher livremente os seus destinos tem de estar consciencializado, sob pena de ser em terceiros a aproveitar-se dele".

O princípio de autodeterminação terá, segundo o general António de Spínola, de ser progressivamente conseguido, cabendo, depois, às populações dos territórios ultramarinos decidirem do seu destino através de um plebiscito: autodeterminação pela bandeira portuguesa ou independência." Para isso, temos de acelerar o processo ultramarino no aspecto cultural. É indispensável que assentemos numa política de autenticidade, que tenha aceitação nos homens de boa vontade de todo o Mundo".

Às 17.5 do dia 26 apresentaram-se à porta de armas do Ministério da Defesa duas das mais (infelizmente) conhecidas figuras da P. I. D. E./D. G. S.: Bernardino Leitão (inspector) e Mortágua (chefe de brigada). Segundo soubemos terão ido colocar-se às ordens da Junta, teriam sido mandados entrar pelo general Spínola que teria ordenado a sua prisão. EM BAIXO — O Chaimite Bula que levou do quartel do Carmo o prof. Marcello Caetano, transporta agora três elementos da P. I. D. E./D. G. S., reconhecidos e detidos no Bairro Alto.



QUEM com ferro mata, com ferro morre", dizia um comerciante, um dos poucos que abriu temporariamente o seu estabelecimento no dia 25 de Abril. Invocava o rifão referindo-se à P. I. D. E./D. G. S., e à teimosa, mas inútil, resistência (ou agonia?) dos seus agentes.

A rendição dos últimos elementos da Polícia política refugiados no seu quartel-general foi anunciada pelo Posto de Comando do Mo-

vimento ao princípio da madrugada do dia 27.

Paradoxo: depois de terem sido libertados — conforme promessa da Junta de Salvação Nacional — os patriotas detidos em Caxias, o que sucedeu às 0.17 do dia 27, começaram a ser para ali transportados os antigos donos e senhores daquele temível forte prisional, os agentes da P. I. D. E./D. G. S., presos pelas Forças Armadas.

DONA DE CASA PREVENIDA VALE POR MUITAS...

Nas mãos da dona de casa está o bem-estar da família. Das suas decisões depende o sorriso das crianças e a paz do lar. Ela está atenta, ela sabe escolher o melhor para todos os seus.

Ela quer economizar tempo e dinheiro.

Por isso, é FAGOR que ela tem em casa.

FAGOR, o guarda do frio.

FAGOR, uma linha completa de frigoríficos.

Estudados cuidadosamente para manter a temperatura ideal para a conservação de alimentos, os FAGOR caracterizam-se por uma grande resistência, donde, uma longa duração. Uma maior economia.



FAGOR
PARA VIVER MELHOR



QUALIDADE
GARANTIDA

**NR
SGO**

ASSISTÊNCIA
EM TODO O PAÍS.

Venha escolher o seu FAGOR. Na linha de prata, modelos Silver Line: FAGOR 200, 235, 285 e 315. Ou, se preferir, um diamante: FAGOR 320 Diamond. Com FAGOR, Você é dona de casa que vale por muitas.

FAGOR é também: esquentadores, fogões, máquinas de lavar. Tudo, qualidade, resistência, economia.



A supremacia masculina é o facto mais óbvio e dominante da nossa sociedade. Todas as nossas instituições sociais de onde emana poder, e todas as que guiam acções e opinião, são dominadas pelos homens.

O Governo, as Forças Armadas, os tribunais, os sindicatos, as igrejas, as universidades, as comunicações, a banca, a produção, os meios de transporte, enfim, todas as mais significativas profissões se encontram sob a orientação masculina. O homem toma as decisões cruciais na sociedade.

Dos 80 milhões de mulheres adultas americanas, apenas 30 milhões estão devidamente empregadas. Embora as mulheres com mais de vinte anos representem actualmente um terço da força de trabalho, a esmagadora maioria está empregada em tarefas menores. As mulheres são as "domésticas" do "establishment" masculino.

A única instituição em que a mulher aparece em igualdade numérica com o homem é na nossa instituição de casamento monogâmico (80 por cento das mulheres adultas são, ou já foram, casadas). Legalmente, o casamento é a instituição mais masculinamente dominada de todas. Trata-se da única instituição em que se parte do princípio de que as mulheres devem trabalhar sem receber qualquer pagamento e sem horário fixo. Uma mulher que entre no casamento sem meios de subsistência (como sucede à grande maioria) fica totalmente dependente do marido quanto a cama, mesa e roupa lavada, e todo o dinheiro de que necessita para orientar a casa e tratar dos filhos provém do marido.

O DIVÓRCIO É UM GRAVE PROBLEMA ECONÓMICO PARA A MULHER

Se o matrimónio termina em divórcio, a mulher tem de trabalhar para o seu sustento, ou então continua na dependência da caridade do ex-marido, ou da caridade dos tribunais. Esta caridade chama-se pensão alimentar. Mas uma pensão permanente só é concedida em dois por cento dos divórcios. Por outro lado, a pensão estipulada é, em média, inferior a 30 por cento dos rendimentos do ex-marido. Quanto ao sustento dos filhos, a maioria dos juízes determina que à mulher, e do seu futuro trabalho, caberá metade da despesa.



O problema económico que o divórcio representa para a mulher com filhos é patente nas seguintes estatísticas: um em cada três casamentos termina em divórcio e o número não é superior porque as mulheres temem os problemas económicos subsequentes.

Um recente estudo governamental sobre o casamento nos Estados Unidos revelou que apenas três em cada vinte mulheres declaram serem felizes no matrimónio. Sete, dizem "ir andando", mas com bastante esforço. Dez confessam a sua infelicidade, mas continuam com os companheiros "por razões de ordem prática".

Mais de metade dos divórcios concedidos são instigados pelos maridos. Muitos casamentos acabam com a deserção do marido de casa.

No caso geral, a mulher que abandona o casamento sai tão pobre como entrou, mas bastante mais velha e muito menos apta a encontrar emprego de ordenado satisfatório.

Depois de uma vida a investigar, em profundidade, a psicologia feminina, Sigmund Freud escreveu esta pergunta angustiada no seu diário: "Meu Deus, mas que quererão as mulheres?" A resposta feminista é a seguinte: "Por Deus, elas querem liberdade!" Tal como os homens o são, as mulheres querem ser livres para satisfazer todo o seu potencial e aprofundar a sua própria identidade. Querem igualdade política, económica e social ao homem. É esta igualdade, base da luta feminista, que tem vindo a ser negada, directa ou encobertamente, por coacção masculina.

© THE SATURDAY EVENING POST/THE CURTIS PUBLISHING COMPANY/FLAMA

PORQUE LUTAM AS MULHERES?

POR DEUS ELAS QUEREM A LIBERDADE!

Na verdade, cerca de 40 por cento das famílias cujo chefe é uma mulher encontram-se, economicamente, abaixo da linha de pobreza.

Não há qualquer dúvida: o mundo é dos homens.

Um segundo facto óbvio na nossa sociedade é o de que, casadas ou solteiras, a maioria das mulheres a aceitam deste modo. Porém, as casadas gostam mais. Se oferecerem para escolher entre uma insegura tarefa de "mulher casada" e um trabalho que a sociedade dos homens lhe oferece, a mulher geralmente opta pelo casamento, por ser dona de casa. Passivamente, ela prefere as alegrias da maternidade, os privilégios do casamento, e o estatuto que a sociedade confere ao título de senhora.

Casadas ou solteiras, felizes ou desgraçadas, a vasta maioria das mulheres aceita a desigualdade da sua condição social. E, quando não são indiferentes aos esforços organizados e activistas dos movimentos feministas tendentes a uma igualdade sexual, chegam a mostrar-se mesmo hostis.

MULHERES CONTRA MULHERES

Uma recente sondagem revelou que são em maior número as mulheres, e não os homens, que atribuem às activistas dos movimentos de

libertação da mulher o estereótipo de frustradas, históricas, masculinizadas, ou provavelmente lésbicas.

As mulheres têm o direito de voto há meio século. Ao contrário dos negros americanos ou dos "chicanos", elas não são uma minoria política. Representam, nos Estados Unidos, 51 por cento do eleitorado. São uma maioria política subjugada por uma minoria. Se as mulheres exigissem a igualdade de direitos, nenhum político (de tal modo eles são esmoados por votos) a poderia negar. Mas as mulheres, como classe, nunca tal pediram.

Todos os estudos mostram que a maioria das mulheres casadas prefere ignorar os assuntos políticos, mesmo aqueles que afectam directamente os seus direitos pessoais. Mais ainda, deixam-nos entregues aos maridos. Parece que a maioria das mulheres é intelectualmente, para além de economicamente, dependente dos homens.

A tentação é não mexer na questão feminista. A sociedade é livre, e as suas cidadãs femininas têm o direito de viver e ser felizes como entenderem. Se preferirem as alegrias e os privilégios do casamento aos direitos dominados pelos homens, se não se sentem uma classe oprimida, então para quê insistir, se o problema é só delas?

Todavia, esta indiferença manifestada pelas mulheres relativamente ao seu desigual estatuto numa chamada sociedade livre necessita de uma explicação racional.

O ANTIFEMINISMO

O ponto de vista antifeminista nunca foi mais claramente apontado do que num editorial do "New York Herald", em 12 de Setembro de 1852.

O editor (provavelmente o célebre James Gordon Bennett), comentando um encontro de sufragistas do estado de Nova Iorque, escreveu:

"Como terá acontecido à mulher, em todo o Mundo, ficar sujeita ao homem? Certamente devido à sua natureza, ao seu sexo, tal como os negros são, e serão sempre, até ao fim dos tempos, inferiores à raça branca e, além disso, destinados à sujeição; no entanto, ela é mais feliz assim do que de qualquer outro modo, pois é essa a lei da sua natureza."

Hoje, tal como ontem, o antifeminista sustenta que as diferenças fisiológicas e psicológicas entre os dois sexos determinam os seus papéis e as suas posições na sociedade. Essas diferenças são de ordem genética e biológica. Cada sexo possui uma "verdadeira natureza". A da mulher é submissa, passiva, dependente e emocional, embora também se utilizem muitos outros adjectivos. A mulher nasceu com uma "mentalidade feminina". Quanto à verdadeira natureza do homem, é dominante, activa, independente. Para reduzir estas preposições a linguagem mais simples, pode dizer-se que a mulher pensa com o útero e o homem



Os outros podem pensar que
V. irradia uma secreta alegria;
mas na verdade V. sabe
que é o tratamento Tokalon.



As pessoas reparam... E interrogam-se sobre o que terá acontecido. Uma nova suavidade da pele. Frescura. Um brilho jovem. E tudo isso custa afinal muito pouco a conseguir. Todos os rostos possuem uma expressão. Só é preciso saber-se como revelar essa expressão. Tudo o que se requer são alguns cuidados atentos — TOKALON. TOKALON é uma gama completa de cremes para todas as peles e para todas as horas. Cremes de dia de alto poder hidratante, que defendem a pele das irritações e do contacto directo com o

ar poluído. Cremes de noite que alimentam e lhe restituem a frescura. Cremes vitaminados que a estimulam. Cremes que a libertam das impurezas. Uma gama simples mas objectiva de cremes especializados. Entre eles, há pelo menos um de que a sua pele carace neste momento. E V. só precisa de dispor de poucos minutos por dia para os aplicar. Assombrosamente fácil. A princípio só V. saberá o que se passa. Mas depressa os outros notarão a diferença. De facto custa muito pouco a conseguir.

Um pouco de **Tokalon** pode fazer muito por si.

com o pênis. As suas diferentes "mentalidades" — passe o termo — vieram, mais exactamente, dos seus órgãos genitais. (Freud e o Deus de Adão e Eva no Paraíso estão em acordo absoluto quanto ao princípio de que a anatomia é um destino. É o velho e tradicional dogma da civilização judaico-cristã.)

Portanto, dizem os antifeministas, não existe qualquer discriminação ou coacção contra a mulher. As mulheres — pelo menos as "autênticas mulheres" — sabem o que são e o que querem. Querem que os homens as dominem.

OS "NEGROS" DOMÉSTICOS

O padrão (mas não ainda tradicional) da posição dos movimentos de libertação feministas é de que, para além das diferenças entre os aparelhos reprodutores dos dois sexos, não existem quaisquer outras distinções entre eles. (Pausa para que os homens chauvinistas gremem *vive la différence*).

Os movimentos feministas perguntam, então, por que motivo, se as mulheres nasceram para ser submissas, teriam os homens recorrido à força bruta para as subjugar? (Uma questão interessante, na verdade. Freud, sem conseguir encontrar uma boa explicação, surgiu com uma melancólica resposta: a mulher é, por natureza, masoquista; o homem, sádico. Ela gosta do sofrimento físico. Ele gosta de o infligir.) Após séculos de violência física, o homem foi negando todos os direitos femininos, embora concedendo alguns privilégios. Usando técnicas que hoje são conhecidas como pavlonianismo ou lavagem ao cérebro, ele finalmente domesticou-as.

O que o homem hoje chama natural mentalidade feminina é a antinatural mentalidade escravagista que lhe impôs, do mesmo modo que aos negros. Ele transformou-as em "negros domésticos". (Muitos movimentos feministas vêem a mulher como um "negro".)

Por fim, o homem concedeu às mulheres o direito de voto, mas apenas quando estava seguro da mentalidade escravagista se ter tornado uma segunda natureza, logo sem o risco de o voto ser utilizado para a emancipação.

No entanto, o homem continua a não correr riscos. As esposas divorciadas são substituídas por outras mais submissas, e normalmente mais jovens. Mulheres empregadas que insistem em iguais salários para trabalho igual são facilmente despedidas. Só empregadas submissas são deixadas sobreviver no mundo chauvinista masculino. Bonitas empregadas que se submetem recebem pequenos privilé-

gios, pequenos aumentos e, por vezes, pequenas promoções. As mulheres boas profissionais são ridicularizadas. (Chamam-lhes agressivas, não femininas, frustradas sexuais.) Por outro lado, o "establishment" masculino nunca deixa as mulheres esquecerem que não são mais do que objectos sexuais (vaginias submissas e úteros frutíferos) bem como serventes domésticas devotadas.

O homem e a mulher sempre viveram juntos em sociedade. Em variadíssimas sociedades históricas e antropológicas têm desempenhado uma espantosa variedade de comportamentos.

Copulação, gravidez e parto não são funções sociais. São funções biológicas. (O único papel que não pode ser divorciado da função sexual é o da prostituta profissional — homem ou mulher — por isso até é chamado de mais antiga das profissões.)

O "TRABALHO DE MULHER"

Na sociedade actual, aceita-se a mulher como motorista da família, dado ser "natural" fazer as compras familiares e levar os filhos à escola. Mas se, no seu papel de esposa subserviente, ela deve passar a posição de motorista ao marido, se viaja com ele, sobretudo se em presença de outro casal. Trata-se de uma satisfação do "ego" masculino, aliada à suposição — seguida por todas as companhias de seguros — de que o homem é, "por natureza", melhor volante do que a mulher.

Ao longo da história, a mulher tem desempenhado todas as funções que o homem executa, desde monarca absoluto até trabalhador das minas, desde guerreiro a apanhador de lixo.

Lugares de prestígio e rendimento são, invariavelmente, atribuídos ao homem por outro homem. Aos homens cabe o papel de ensinarem outros homens, e não mulheres.

Durante séculos, na sociedade judaico-cristã, "o trabalho de mulher" era a inteira preparação da comida, a produção de utensílios caseiros e outras necessidades, o tratamento dos animais domésticos e, já noutra sentença, o trabalho na agricultura.

Poderia ser agradável pensar que o homem tem retirado à mulher muitas das suas ocupações para a libertar para o trabalho doméstico. A verdade, porém, é que as retirou porque descobriu que podiam ser bastante rentáveis. Nos Estados Unidos, duas grandes situações de emergência nacional forçaram os homens a ceder muitos dos seus trabalhos rentáveis às mulheres. Durante as duas grandes guerras, foi

permitido que as mulheres preenchessem um vasto número de ocupações que os homens consideravam ser "naturalmente" demasiado fracas ou estúpidas para si próprios. As mulheres ocuparam-nos tão bem que, quando os homens regressaram da guerra, muitos empresários afastaram as mulheres apenas porque a lei os forçava a tal.

O impacto da ciência e da tecnologia no mundo da mulher — o lar — foi-lhe psicologicamente devastador exactamente porque a libertaram de tantos trabalhos femininos que lhe deram mais tempo para a sua própria vida.

Jeanne Binstock, sociologista da Universidade de Massachusetts, em Boston, assinalou que os "afazer de mãe", que chegaram a ocupar oito horas de trabalho diário, estão reduzidos a quatro. A mulher casada deixou de ser uma produtora de bens. De há muito que é, por excelência, uma *consumidora*.

Com uma esperança de vida de setenta e três anos e meio, uma mulher de vinte anos com dois filhos pode contar com vinte anos libertos de cuidados maternais e domésticos.

O problema que agora se levanta à sociedade masculina é o de resolver o que deve fazer a mulher durante todo esse tempo que lhe foi dado pela sua tecnologia.

O MALOGRO DAS RELAÇÕES HOMEM-MULHER

O homem, que cada vez mais usa o computador e não o cérebro para resolver problemas difíceis, já chegou à conclusão de que, actualmente, o natural e tradicional destino da mulher rumo à maternidade pode ainda ser mais perigoso para a sociedade do que uma guerra. O homem concluiu que a fecundidade incontrolada é impossível. Daí, o "contrôle" de natalidade.

O homem está a colaborar com os movimentos feministas do decréscimo da maternidade. Consequentemente, está a fazer decrescer o papel da mulher como dona de casa. Por outro lado, está a criar condições para mais fáceis divórcios. A tradicional resistência de "deixar a mulher trabalhar" diminuiu. Hoje, 62,5 por cento das mulheres empregadas são casadas. Ele não só está a permitir que a sua mulher tenha o duplo papel de dona de casa não paga e de empregada mal retribuída, como ainda a encoraja a isso.

O homem está a deixar, emocionalmente, economicamente, fisicamente, a mulher subempregada. O resultado é este cruel e estúpido malogro nas relações do homem com a mulher.

Apesar de tudo, a igualdade dos sexos emerge lentamente.

Quando isso suceder, todas as instituições — sobretudo a mais antiga de todas, o casamento — serão revolucionadas. Entretanto, as organizações feministas continuam, corajosa e brilhantemente, a tentar preparar as mulheres para a maior tarefa de todas as que já desempenharam até hoje — a conquista da própria libertação. ■

**A LUTA CONTRA
A SUPREMACIA MASCULINA**



A dona de casa perfeita

Toda a gente gosta dos seus jantares, porque ela põe toda a gente à vontade. Mantém a conversa animada e o ambiente agradável e cordial. Está sempre a sorrir, graciosa, segura de si. Como o consegue?

Parte do seu segredo são os tampões Tampax. Como são de uso interno, ela não se preocupa com chumaços, nem com cheiros, nem com desconforto. Confia na suave protecção dos tampões Tampax. Dão-lhe a confiança de que uma boa dona de casa precisa.

SEM OÍTOS
SEM ALFINETES
SEM OÍMAGENS
SEM CHEIRO

O nosso único interesse é protegê-la.



PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO
DISTRIBUIDOR: A. P. AGOSTINHO - LISBOA



27. SALÃO PRONTO-A-VESTIR DE PARIS



* OUTONO INVERNO MODA JOVEM EM DUAS FRENTES

Texto e fotos de MARIA DO CARMO VASCONCELLOS (Correspondente da "Flama" em Paris)

O XXVII Salão do Pronto-a-vestir, que se apresenta actualmente no Palácio Sul do Parque das Exposições da Porta de Versailles, reúne 920 expositores, entre os quais todos os grandes nomes do pronto-a-vestir francês, que apresentam aos profissionais (da venda) as colecções que aparecerão daqui a seis meses em todas as revistas especializadas e montras de Paris.

É aqui que se lança hoje o que será a moda para o Outono-Inverno 1974-75.

O Salão divide-se em duas secções: o Salon

International, com 700 expositores, dos quais 30 por cento são estrangeiros, e o Salon Boutique, com 220 expositores franceses — ou assimilados à França — e que inclui 50 "stands" de acessórios de moda e o pronto-a-vestir dito de luxo.

Cerca de 50 000 compradores do Mundo inteiro são esperados neste Salão. Às ordens desses 50 000 visitantes, o Salão estende-se em três níveis diferentes, numa superfície de 68 000 m², dos quais 30 800 m² são "stands". Alcatifas, iluminações, quadros in-



Estilo clássico rejuvenescido de pormenores ou um estilo nitidamente jovem caracterizam a moda do pronto-a-vestir para o Outono-74 e Inverno-75. As linhas são amplas e livres, direitas e cintadas. Verde, tijolo, barro e azul estão entre as cores mais vistas.

dicadores luminosos e... comes e bebes em quase todos os "stands" que apresentam passagens de modelos. Um laboratório de fotografia, um salão "relax-beauté" duma grande marca francesa de produtos de beleza; um "clube de crianças" animado por uma revista conhecida. Além de... uma Sala de Imprensa reservada aos jornalistas com possibilidade de revelação e ampliação de documentos fotográficos, "stands" de agências de viagem, bancos, correios, telex, agências de espectáculos, cruz vermelha, tabacarias, institutos de beleza e

PRONTO-A-VESTIR

AS FORMAS LIVRES DA MODA

cabeleiros, um restaurante, uma cervejaria, um "self" e 25 "snacks"! Um serviço especial de táxis e de "navettes" gratuitas para a Porta de Versailles, para o Rond Point dos Campos Elíseos e para os aeroportos. Tudo isto e mais 70 "hotesses"-intérpretes em permanência!

A TENDÊNCIA DA MODA PARA O OUTONO 74 E O INVERNO 75

Estilo — clássico rejuvenescido de pormenores, ou um estilo nitidamente jovem.

Linhas — amplas e livres, direitas, "cardigans", cintadas. Saias "movediças", busto e cintura moldados.

Alturas — todas.

As cores — são doces, normalmente lisas e escuras. As mais vistas: cobre, tijolo, barro, azuis e verdes profundos, violetas e roxos. (No Salão há também uma bolsa das cores para as próximas colecções — bolsa muito concorrida até porque a Bolsa de Valores está fechada

desde o meio de Março.)

Tecidos de lã — "shetlands", lã "du pays", "mohair";

"secos" — alpaca, gabardina, rami; algodões — "jeans", "twills", "whipcords", veludo;

sedas — crepes e "jerseys" de seda, passamaneria, musselina. Efeitos mates e brilhantes; motivos bordados e "pailletés".

CASACOS E GABARDINAS — linhas leves e flexíveis, bustos amplos e cintados. Especial chuva: algodão impermeabilizado, mate e ligeiro, popelines e gabardinas.

"TAILLEURS" — casacos direitos, "cardigans", muita vez 7/8

CONJUNTOS — casacos ligeiros, cintados e forrados com camisa ou quimonos, ou casacos cintados com saias em viés, especialmente nos modelos mais novos.

SAIAS — largas, moldadas nas ancas, em "évasé" ou godés ligeiros. Machos e pregas. Pregas a meio da frente.

As saias-calças voltam a estar na moda.





Três dos modelos apresentados: casaco de Dejac, em malhas grossas "courtelle" (100 por cento acrílica) da S. N. T.; vestido de noite "marbrée" de "jersey" Banlon de Michel Pelta; "tailleur" e calça de "tweed" em cor de hera.

sé" ou em sino. O "évasé" por vezes só nas costas.

— linhas direitas, casacos abaixo do Joelho ou 7/8.

— linhas direitas, casacos abaixo do Joelho ou 7/8.

— cintados para os modelos mais novos. Redingote junto ao corpo com golas e bandas; bolsos de veludo ou gola e punhos de pele.

— duas tendências "marginais": a capa e o "estilo pastor" com capucho.

Coiro misturado com pele e "tricot". Peles tosquiadas e encaracoladas.

O FUTURO "EN ROSE"

Enfim, há de tudo! Uma diversidade enorme a todos os níveis. Das pequenas empresas aos grandes costureiros (Paco Rabane, Guy Laroche, Vogue, etc.). A criação e a confecção. O pronto-a-vestir de luxo, "prêt-a-porter" de estilo, "prêt-a-porter" difusão, "prêt-a-porter" "griffe-couture".

O "prêt-a-porter" francês está cheio de saúde. Apoiado essencialmente sobre o utensílio industrial cada vez mais moderno e mais "perfeito", com possibilidades cada vez maiores podendo atingir um público sempre mais largo. Com uma exportação hoje dez vezes maior do que há dez anos a moda francesa vê o futuro "en rose". Hoje em dia já 80 por cento das indumentárias que as francesas usam são pronto-a-vestir. Quanto a impermeáveis e calças a percentagem é de 100 por cento.

O próximo Salon du Prêt-a-porter que apresentará as coleções Primavera-Verão 75 está previsto para Outubro deste ano. ■

CALÇAS — no Inverno sempre, na cidade ou fora, sempre. Ancas lisas direitas, calças estreitas.

BLUSAS E "CHEMISIERS" — "empiècements", golas largas e lisas, gravatas e laços. Mangas pelos cotovelos ou compridas ou a 3/4.

VESTIDOS — direitos, estilo camisa, ligeiros e cintados; saias plissadas ou em viés. Tecidos de malha. Vestidos mais moldados para os modelos mais jovens.

NOITE E FESTA — camiseiros, fluidos, atados na cintura; blusas sofisticadas sobre saias amplas e franzidas.

— "tailleurs" para noite com saia lisa, casacos compridos e bandas "smoking". Vestidos estreitos afinados e simples, abertos ao lado.

— linha moldada e sinuosa: túnicas compridas com suspensórios ou alças sobre saias "bailarina"

— vestidos de "tricot".

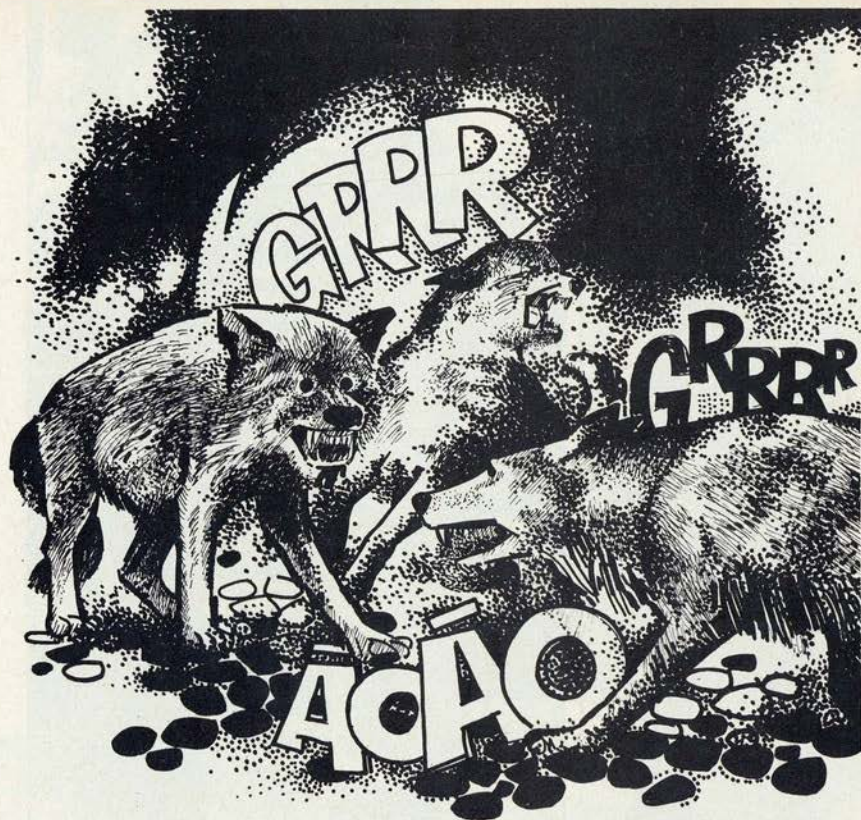
— duas-peças cintados, abas estreitas, saias de machos.

COIROS E PELES — linhas amplas, "éva-



CRÔNICA DOS NOSSOS DIAS

Por CARLOS CASCAIS



CAES

NA máquina a folha de papel ainda branca aguarda que as teclas, obedecendo às ordens que as farão movimentar num bailado ora rápido e febril ora lento e hesitante, a massacrem de alto a baixo, não permitindo que passe incognitadamente branca entre a brancura das outras folhas de papel. Mas para quê ser chamada à vida se...

(Que é isto? Arremesso de frases ataviadas? Desculpem, foi engano. A linguagem aqui é a de todos os dias, contando casos dos nossos dias.)

Assim, a crônica de hoje nasce da preocupação que mais aflige o dia-a-dia de todos nós: a carestia da vida, que nasceu criança e foi crescendo e se fez adulta. E instalou-se, agarrando-se a todos nós como tentáculo de polvo: à dona de casa na preocupação da hora das compras que a obriga a complicadas operações aritméticas, tornadas complicadíssimas nos últimos dias do mês; aos que não se cansam de recomendar aos colegas que perguntem sempre quem os chama ao telefone. (Às vezes os alfaiates descobrem os números dos telefones onde os fregueses estão empregados...); a todos os outros que não são aqueles que têm tanto "unto" que não há polvo que se lhes agarre...

Tudo isto serve de preâmbulo ao caso que chegou ao meu conhecimento, como sempre, através de um dos meus vizinhos. Dizia-me ele:

Li há dias num jornal da tarde, a "República", que no México está a proliferar um novo espectáculo: a luta de morte entre cães. Os cães são colocados a certa distância um do outro. A um sinal são libertados e o combate começa. Quando a peleja não se encaminha para um desfecho ou os cães se agarram pelas mandíbulas, são separados pelo árbitro, que os coloca no ponto de partida. O combate pode demorar uma hora. É raro que o contendor mais ferido resista muito tempo às hemorragias. Quando baqueia, sem forças, dá-se a luta por finda. Quase todos os derrotados morrem e não poucas vezes logo a seguir sucede o mesmo aos próprios vencedores.

Isto, que é de uma crueldade inqualificável — acrescentava ele — dá-me uma vaga esperança de poder resolver alguns problemas que a carestia da vida me trouxe, como seja a existência, contra minha vontade, de alguns "cãezitos" no merceiro, no padeiro, etc. Ora se eu pusesse estes "cães" frente uns aos outros e eles se eliminassem mutuamente não seria uma grande solução?



Starlet

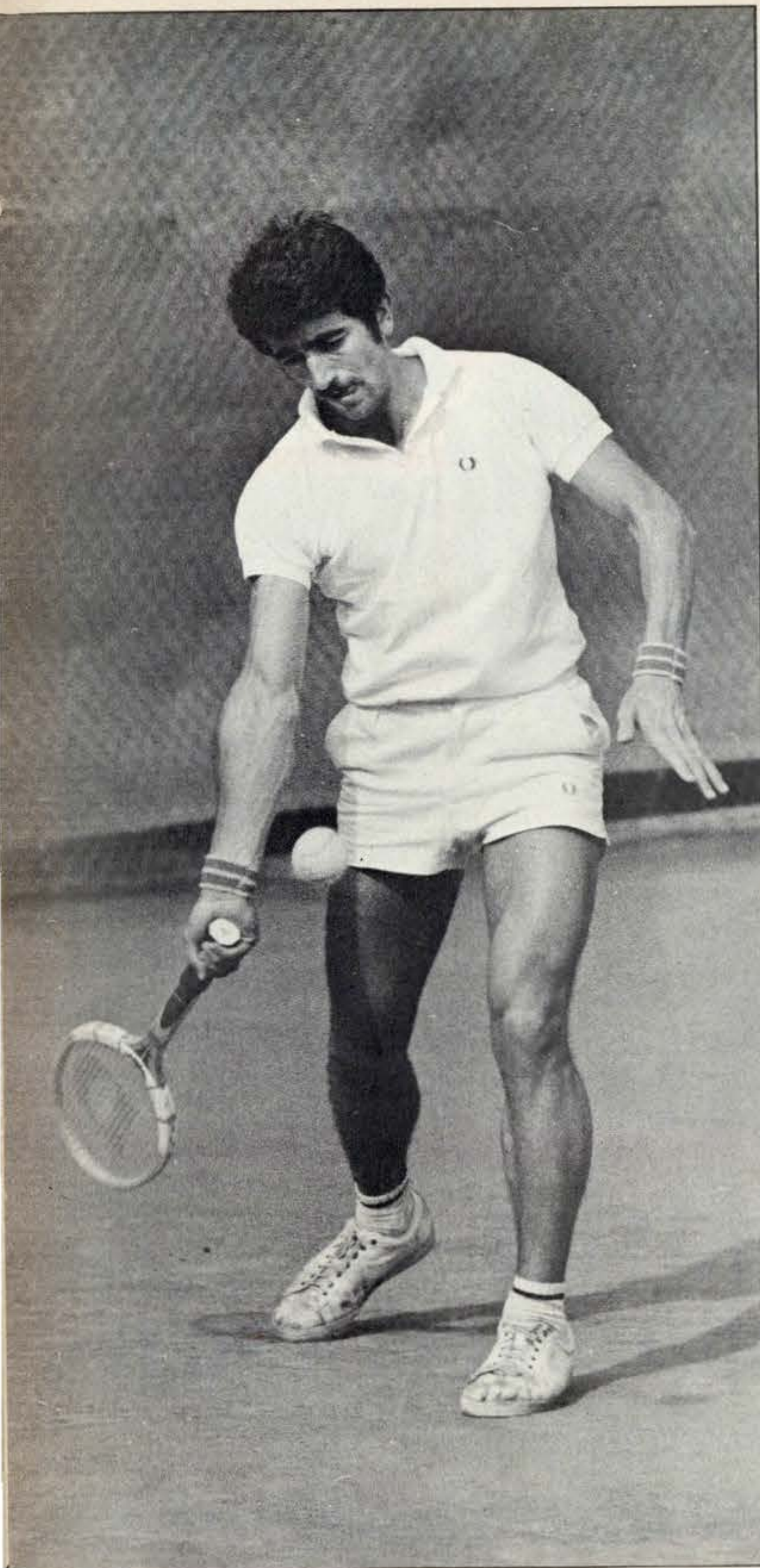
a máquina de costura jovem

fácil de transportar
fácil de arrumar
fácil de trabalhar

Para todas as idades.
Este ano o importante da moda é a nova Starlet da Singer*
Por ser portátil. Por ser decorativa. Por ser completa.
Com Starlet costura fácil
e a sorrir.
Veja-a hoje mesmo na
loja Singer mais próxima.

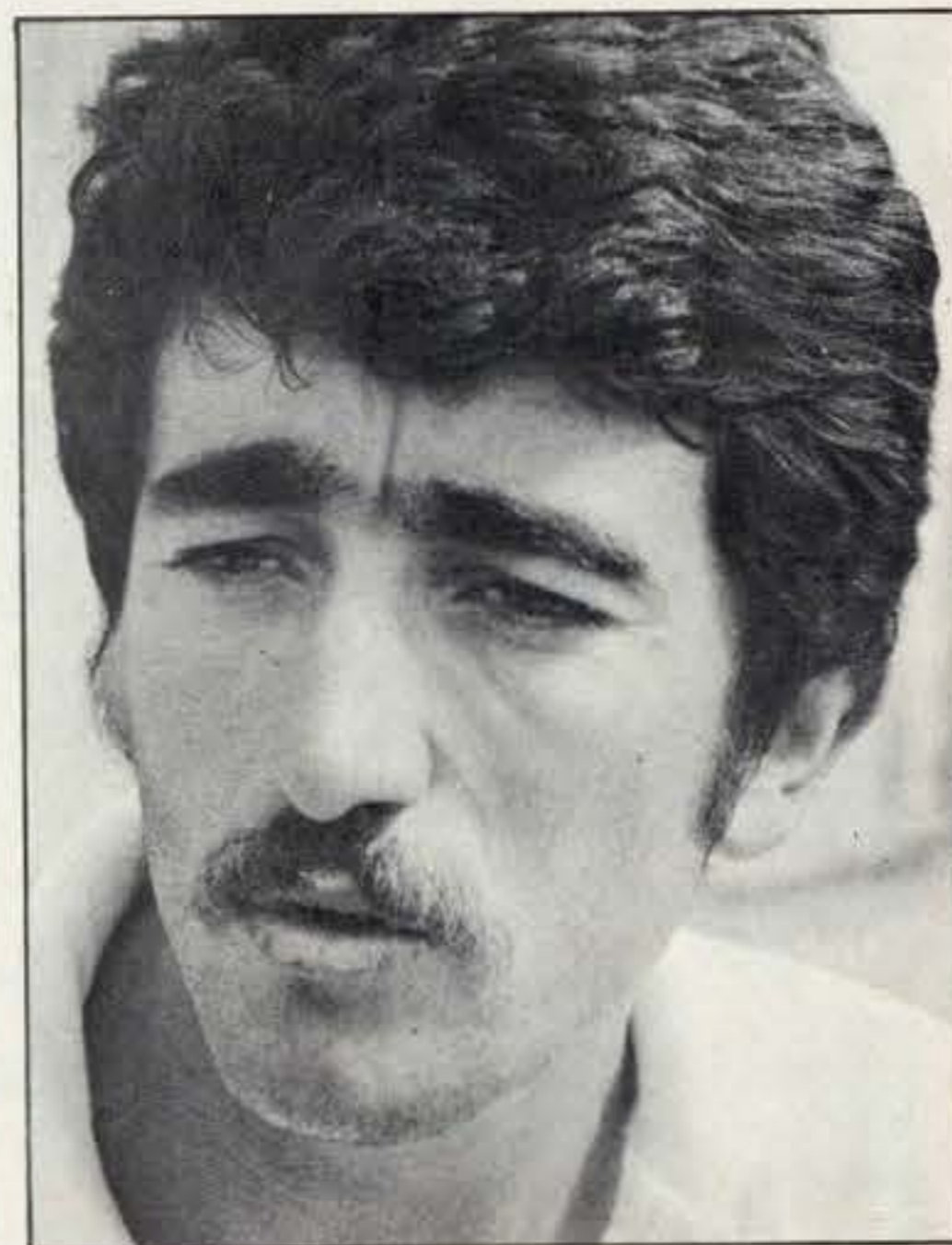
SINGER

*Uma marca de fábrica de THE SINGER COMPANY



Texto de FERNANDO CASCAIS
Fotos de ARMANDO VIDAL

ENTRE



Aos sete anos, José Vilela brincava ao ténis com uma raqueta de madeira, nos jardins da Foz do Douro. Aos treze anos, começou a jogar a sério. Nessa altura, os seus ídolos eram Alfredo Vaz Pinto, Roquete, João Lagos. Nove anos se passaram. Hoje, com 22, é titular e jogador em foco da selecção nacional de ténis. Surpreendentemente — ou talvez não — veio encontrar como companheiros de equipa os seus ídolos dos tempos de iniciado.

José Vilela foi chamado pela primeira vez à selecção portuguesa de ténis com dezassete anos. Hoje, com 22, e após as exhibições feitas contra a Irlanda, deve ter obtido a promoção a titular da equipa.

JOSE VILELA: JOVEM CAMPEÃO VETERANOS

PELA primeira vez, a selecção portuguesa de ténis conseguiu meter a raqueta na terceira eliminatória da Taça Davis. É certo que ficámos isentos da primeira eliminatória da prova, mas o triunfo sobre a Irlanda foi, para os adeptos crescentes da modalidade, um resultado muito saboroso. Agora — de 3 a 5 do corrente, no Porto — segue-se a França. Um jogo para perder, evidentemente. De qualquer modo, a selecção continuou a treinar, como pôde, para não fazer má figura. É o melhor que se poderá arranjar...

Boa figura nos encontros contra a Irlanda foi a do jovem José Vilela, vencendo duas partidas. Por ter estado na base da vitória da selecção nacional, ficou na berlinda tenista portuguesa. No entanto, embora jovem, não é um novato nos "courts".

"Há quatro ou cinco anos que ando no meio da selecção. Fui chamado, pela primeira vez, aos dezassete anos. Porém, só entrava quando o resultado estava feito, portanto com a derrota ou a vitória definida. Jogava apenas para ganhar calo, porque os titulares continuavam a ser os jogadores mais experientes."

Neste encontro para a Taça Davis, Vilela foi, pela primeira vez, titular da equipa. "Creio que devem ter tido maior confiança em mim."

No ano passado, alcançara o título de campeão nacional da primeira categoria. Era o único que lhe faltava. Desde os treze anos, idade em que começou a jogar "a sério", ganhara quatro campeonatos regionais de juniores; aos dezasseis anos, foi campeão nacional nessa categoria e, antes da idade legal, passaram-no a sénior. Foi então que ganhou o campeonato nacional de terceira e segunda categorias e, no mesmo ano, chegou às meias-finais da primeira. Aos dezassete anos foi chamado à selecção nacional e, um ano mais tarde, era classificado na primeira categoria da modalidade. Nessa época foi campeão nacional de pares (ao lado do veterano João Lagos).

INVERNO PORTUGUÊS E VERÃO EUROPEU

A vida de José Vilela é, e tem sido, o ténis. Dentro do que a modalidade permite nesse

aspecto em Portugal, ele é um profissional do ténis.

Muito novo ainda, começou a dar aulas no clube onde se iniciou, o Ténis Clube da Foz. Antes, como muitos outros garotos da Foz do Douro — onde o ténis é quase o desporto rei, muito embora, como diz José Vilela, as autoridades locais acabassem por ter lá aberto um campo de... minigolfe —, jogara com raquetas de madeira pelas ruas e jardins.

Foi nos seus princípios que um engenheiro italiano, que trabalha no Porto e tem como passatempo o ténis, Aldo Shibler, reparou nele e o ensinou. Hoje, Vilela mostra-se-lhe muito reconhecido. No fundo, encontrara a sua profissão.

Três anos mais tarde, veio para a capital, onde o seu "pai de Lisboa", o eng. Pedro Vasconcelos, seleccionador nacional, o conseguiu fixar.

Agora, desde há dois anos, voltou ao Porto e continua como treinador do Ténis Clube da Foz. Isto durante o Inverno, porque no Verão é profissional que anda, sobretudo, por França e Espanha disputando torneios particulares — a sua segunda forma de ganhar a vida. A vida e alguns jogos: já triunfou, por exemplo, num torneio em Barcelona e noutra em Torremolinos.

"Mas os torneios, lá fora; tornam-se cada vez mais difíceis. Os prémios estão a ser dados por eliminatórias ganhas, o que exige muito maior esforço e preparação. Claro que um tenista português tem bastante dificuldade em conseguir uma boa forma e técnica."

AGUENTAR ATÉ APARECEREM OS NOVOS

José Vilela não compreende por que motivo o ténis sempre foi uma modalidade fechada, santuário de uma "élite" social onde dificilmente poderia penetrar o miúdo que jogava ténis com uma raqueta de madeira.

Só nos últimos três ou quatro anos a modalidade se começou a abrir. De certo modo, a "democratizar". Hoje há muito mais clubes a praticar ténis e existem diversas esco-



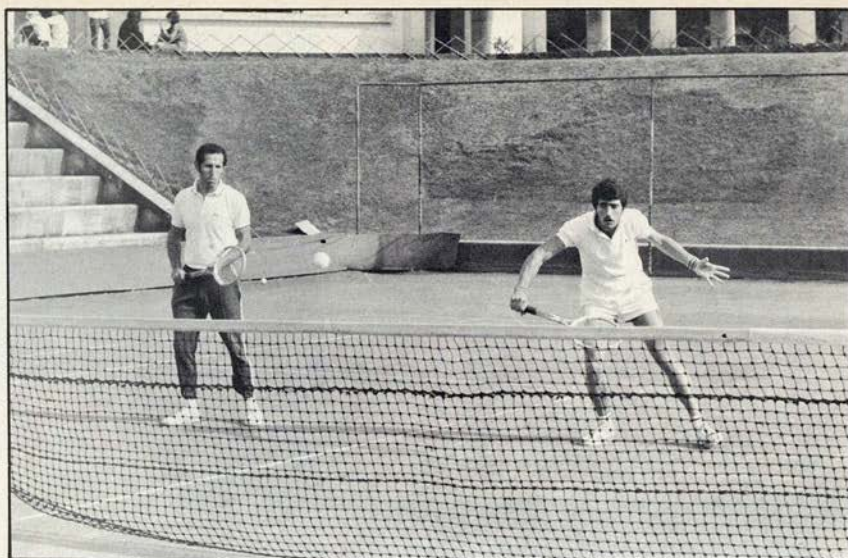
JOSÉ VILELA: UM BOM SERVIÇO NO TÊNIS

las de jogadores. Uma delas, por exemplo, é a que funciona no Estádio Nacional, dirigida pelo internacional Vaz Pinto. Consultando-se as estatísticas do Estádio quanto a utilização das suas instalações, verifica-se, até, que é o ténis a modalidade com maior número de praticantes.

De facto, segundo também testemunha o treinador Vilela, começou a surgir uma camada jovem interessada no ténis. O público também se tem aproximado, a julgar pela afluência: no encontro com a Irlanda bateram-se os "records" nacionais de assistência a uma partida da modalidade.

Porém, relativamente à competição, José Vilela não é muito optimista, pelo menos a curto prazo. Actualmente, a selecção nacional é formada por dois jogadores veteranos, com mais de 30 anos de idade (Vaz Pinto e Peralta) e por dois jovens (Vilela e Sérgio Cruz). Para que a remoçagem se verificasse, muitos anos foram necessários. E, de qualquer modo, o esporádico êxito que possa ser obtido pelo ténis português deve-se à melhor ou pior forma, ao número maior ou menor número de treinos de um punhado de jogadores, não a uma selecção que vem de uma camada sujeita a uma conveniente preparação de base.

"Para que este interesse dos jovens dê frutos, o que ainda é cedo para acontecer, vão passar alguns anos. Até lá, nós, os mais novos



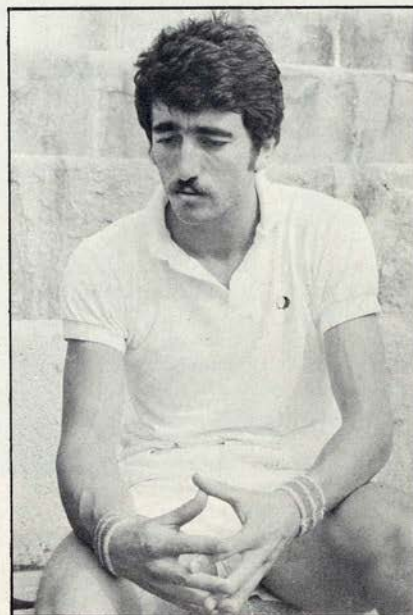
Das gerações de tenistas internacionais: Alfredo Vaz Pinto e José Vilela. Finalmente, entrou gente nova no seleccionado português da modalidade.

— e só vejo mais um ou dois valores no panorama do ténis nacional com possibilidades de ascensão —, teremos de nos aguentar", diz Vilela.

Aguentar para ver se aparecem os jovens parecem, ser, de momento, os destinos de Vilela, Sérgio Cruz, Luís Filipe e poucos mais. Todos eles são, em maior ou menor grau, profissionais da modalidade, mas a sua base económica deriva das aulas. Para José Vilela, "dar aulas é estagnar como jogador, o que só nos prejudica".

PROFISSIONALIZAR O TÊNIS

"Futebolizar" o ténis poderia ser uma solução, segundo o jovem tenista do Porto. "Se



nos pudéssemos libertar das aulas, até porque ainda temos muito que aprender antes de ensinar, e só disputássemos torneios, em Portugal e no estrangeiro, com a garantia federativa de que era assegurada a nossa independência económica, então poderíamos aperfeiçoar-nos e beneficiar o ténis do País. Ao todo, somos três ou quatro (chamemos-lhes) profissionais, mas poucas possibilidades temos de trabalhar. Só para treinos, tornam-se necessárias seis a sete horas diárias. Depois, há toda a preparação física, que é muito intensa. Basta ver que enquanto um jogador de futebol sabe que vai correr durante hora e meia, o tenista, por vezes, disputa partidas que ultrapassam as cinco horas."

ESTEFÂNIA

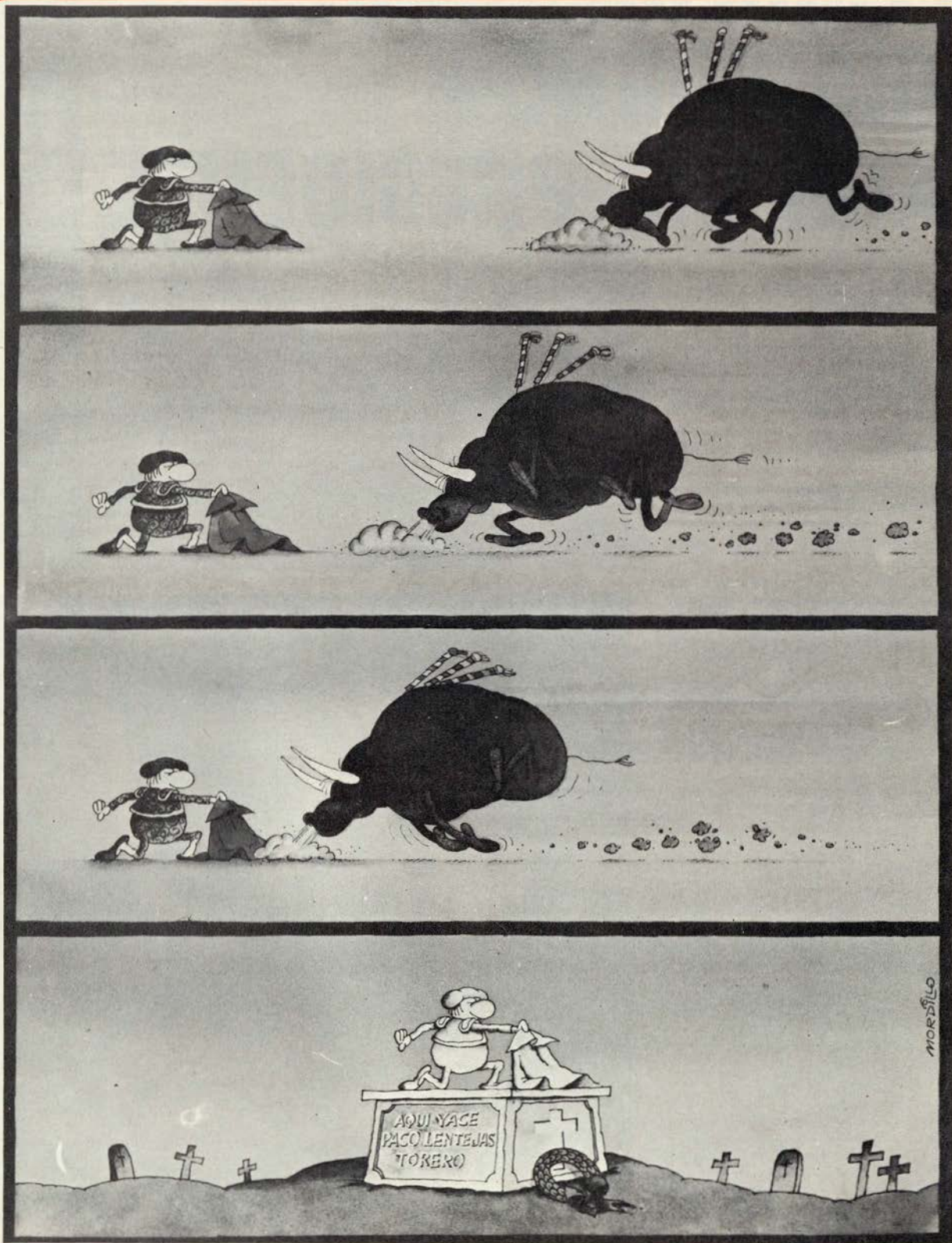
DISCOTECA ÚLTIMAS NOVIDADES
NO MUNDO DO DISCO

TODA A GAMA DE ELECTRODOMÉSTICOS

A PRONTO OU A PRESTAÇÕES

RAIO DE SOL LARGO D. ESTEFÂNIA, 12-D
LISBOA

(GRUPO JOVICA) TELEFONES: 48856-534536



ELEIÇÕES FRANCESAS: DOIS "ROUNDS" PARA UM PRESIDENTE

Texto de FERNANDO CASCAIS/Fotos de HUGUES VASSAL (C) GAMA/A.E.I./FLAMA

O primeiro "round" das eleições francesas disputa-se no domingo. Em princípio, haverá dois "rounds", pois nenhum dos candidatos deverá reunir — dizem as sondagens — mais de 50 por cento dos votos. Neste caso, segundo manda a lei eleitoral francesa, terá de se realizar segunda volta eleitoral, o que sucederá quinze dias depois, no domingo, 19 de Maio. A este combate final comparecem apenas os dois candidatos mais votados no primeiro escrutínio.

Ora os grandes candidatos são três, o que significa que um ficará pelo caminho. O perdedor nessa primeira volta será fatalmente (a não ser que a opinião pública francesa mude radical e subitamente de opinião), um dos que se dizem descendentes do gaullismo. De facto, François Mitterrand, primeiro-secretário do Partido Socialista francês, usufrui, desde a primeira sondagem, de uma confortável margem de avanço sobre os outros dois concorrentes directos: o antigo primeiro-ministro Chaban-Delmas e o actual ministro das Finanças Valéry Giscard d'Estaing.

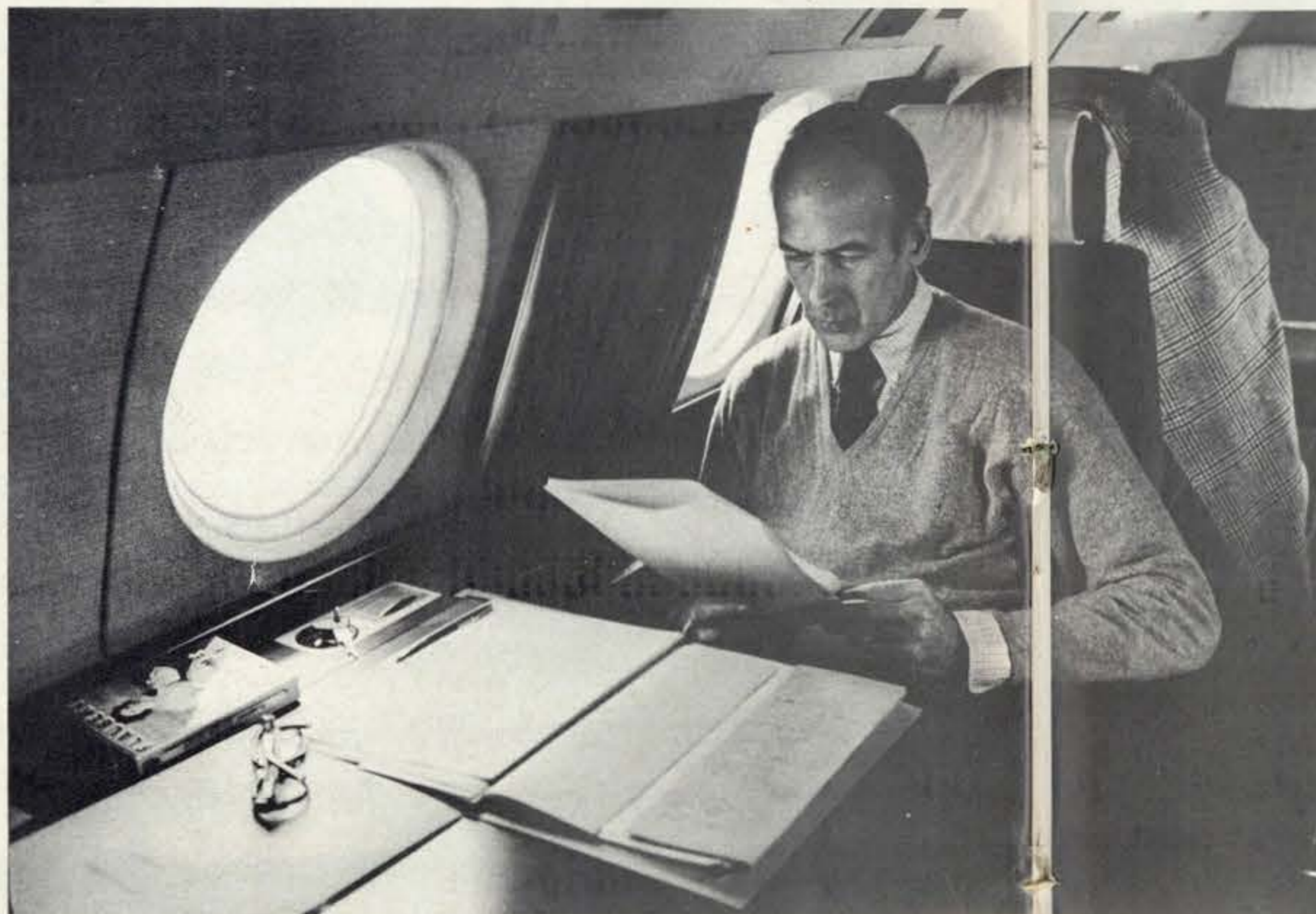
Portanto, ninguém parece ter dúvidas quanto à presença de Mitterrand, candidato único da Esquerda Unida, na eleição decisiva. Quanto aos outros dois, que, embora não muito distintos em princípios e ideologias, são os verdadeiros inimigos eleitorais, tudo indica que Giscard d'Estaing será o rival de Mitterrand. Porém, quem poderá bater Mitterrand?

Valéry Giscard d'Estaing, actual ministro das Finanças, ganha pontos com a sua tecnocracia. Em princípio, será o adversário de Mitterrand no segundo escrutínio eleitoral. Mas poderá vencer a união da Esquerda?

A sucessão de Pompidou, morto subitamente às 21 horas do dia 2 de Abril, acabou uma dinastia que apenas viveu quinze anos, iniciada por De Gaulle e continuada pelo seu "delfim", Georges Pompidou. A morte deste, porém, criou o vazio num sistema que, lentamente, embora oficialmente seja chamado "maioria", se encaminhou para a minoria.

Nas últimas eleições legislativas, realizadas em Março de 1973, a Esquerda obteve 45,5

Jacques Chaban-Delmas, o antigo primeiro-ministro de Pompidou e defensor de uma pouco definida "Nova Sociedade". É o candidato apoiado pelo partido gaullista, a U. D. R., mas perde terreno e prevê-se que não atinja o segundo escrutínio eleitoral.



por cento dos votos, contra 37,9 por cento para a maioria. Por outro lado, a altura da morte de Pompidou coincidiu com um momento particularmente agudo da política e da economia francesas, enquanto os problemas diplomáticos, avivados com a questão franco-americana, estavam na ordem do dia.

A Administração da "maioria" pompidouliana vinha sendo combatida com um largo movimento de greves na classe operária, enquanto os adversários do regime a atacavam na Assembleia Nacional. Porém, no sistema francês, o presidencialismo transforma o presidente da República, simultaneamente, em chefe do Governo e Pompidou tinha notórias tendências absolutistas.

Todavia, se, ao afastar-se, De Gaulle tinha quase feito eleger o seu discípulo Pompidou, este, ao morrer, deixou a França sem "delfim". Por isso, a guerra pelo poder logo se desencadeou. O grande acontecimento da campanha eleitoral francesa foi, precisamente, o espectáculo da divisão das "direitas" (eufemisticamente chamadas maioria).

François Mitterrand, secretário-geral do Partido Socialista, tem praticamente assegurada a presença na segunda volta eleitoral. Ele é o candidato com mais fortes possibilidades de ser presidente francês. Uma viragem na política francesa?

ELEIÇÕES FRANCESAS: DOIS "ROUNDS" PARA UM PRESIDENTE



Chaban-Delmas tem vindo a "desafinar" a sua campanha, e baixa de cotação nas sondagens. Giscard, pelo contrário, parece estar a recuperar os adeptos desgostosos do candidato U. D. R.



DOZE candidatos foram confirmados pela Comissão governamental encarregada de apreciar as suas candidaturas. Mesmo assim, este número que se considera excessiva (e veio criar alguns problemas, como por exemplo no tempo de distribuição televisivo para as respectivas campanhas, que teve de ser reduzido) não é nada comparado com os quarenta que anunciaram pretender candidatar-se. Porém, embora as posições se estendam desde a extrema-esquerda (como os representantes da Luta Operária, Arlette Laguiller, a única mulher que concorre, e Alain Krivine,



Mitterrand, "maire" de Nievre, repousou tranquilamente na sua casa de campo antes de proclamar a sua candidatura à presidência. A única da Esquerda contra a confusão e a ânsia de poder da Direita.

da Frente Revolucionária) à extrema-direita (há um candiato, Jean Marie Le Pen, nacionalista e monárquico), apenas três são verdadeiramente significativas, as já indicadas. Porém, um quarto nome pode ser acrescentado a esta lista. Trata-se do ministro demissionário das Telecomunicações, Jean Royer, um defensor da moralidade burguesa e dos bons costumes (bons, segundo a sua reaccionária perspectiva) que, mais do que possibilidades de conseguir a presidência, terá o propósito de retirar votos aos candidatos da dita "maioria", em especial a Chaban-Delmas.

A existência de Jean Royer é mais uma prova da grande dissidência entre uma "maioria" que perdeu quase todo o prestígio de outrora, dos tempos do general De Gaulle. Outra prova do caos entre as "direitas" foi a tentativa gorada do actual e pouco apreciado primeiro-ministro, Pierre Messmer, um gaullista da velha guarda, que incitou os candidatos pró-governamentais a desistir em seu favor. Apenas um candidato independente, Edgar Faure, desistiu, os outros mantiveram-se. Quanto aos Reformadores, divididos entre o centrismo de Lecanuet e a hesitação perma-

ELEIÇÕES FRANCESAS: DOIS "ROUNDS" PARA UM PRESIDENTE

nente de Servan-Schreiber, não apresentaram candidaturas, o que representa (ou continua a representar) a falência desse centrismo.

MITTERRAND, candidato do Programa Comum, não teve problemas de nomeação no seu quadrante político. Embora a extrema-esquerda o considere "um burguês de esquerda", os partidos Socialista (de que é primeiro-secretário), Comunista (dirigido por Georges Marchais) e os Radicais de Esquerda foram unânimes em apoiar a sua presença na corrida para o Eliseu, defendendo

favores dos eleitores, recai em Giscard D'Estaing, que representa, talvez, uma posição mais conservadora que Delmas (embora este se proclame o fiel depositário da herança de Pompidou e mesmo de De Gaulle, o que só aumenta a confusão entre a "maioria"), e apresenta a sua tecnocracia económica e financeira.

Por outro lado, Mitterrand, enquanto assiste quase tranquilamente ao desafio disputado entre os seus dois rivais políticos, também tem visto a sua percentagem de aderentes aumentar ligeiramente.



o Programa Comum de há muito estabelecido e que pretende tirar a França da confusão económica e social em que a maioria capitalista a tem vindo a mergulhar.

Segundo as estatísticas, mais de 50 por cento dos Franceses consideram-se de esquerda, seja ela qual for. Por esse número, Mitterrand teria a vitória assegurada, mas isso é apenas um dado teórico. A Nova Sociedade pregada por Chaban-Delmas tinha igualmente os seus adeptos, mas eles têm vindo a crescer. O antigo primeiro-ministro de Pompidou, que foi demitido após certos incidentes com impostos em que se viu envolvido, perde terreno rapidamente. Começou com 24 por cento de votos e as mais recentes sondagens mal lhe atribuem 18. O que lhe é retirado, nos

D'Estaing à caça (do Eliseu?) e, à direita, a família Mitterrand, na sua casa de campo.

Para este primeiro escrutínio parecem não restar dúvidas quanto ao desfecho. Primeiro, deve ser necessário recorrer-se a uma segunda volta, a 15 de Maio. Segundo, os candidatos finais, para a parte decisiva da corrida ao Eliseu, serão — espera-se — Mitterrand e D'Estaing.

Durante os quinze dias de campanha para o segundo escrutínio, as posições tornar-se-ão bastante mais claras e a luta política mais acesa. Por isso, este assunto fica adiado. ■

O casal Chaban-Delmas posa para a propaganda eleitoral. Delmas que "prega" a Nova Sociedade tem vindo a perder adeptos. Começou com 24 por cento. vai em 18 por cento...



DECORE A SUA CASA E GANHE DINHEIRO ESTUDANDO DECORAÇÃO



POR CORRESPONDÊNCIA, A UM PREÇO MÓDICO, QUE LHE DARÁ DIREITO A RECEBER CADERNOS DE LIÇÕES E MATERIAL COMPLEMENTAR E A DISPOR DE UMA ASSISTÊNCIA PEDAGÓGICA PERMANENTE E COMPLETA QUE INCLUI CORRECÇÃO DE EXERCÍCIOS E RESPOSTA A TODAS AS DÚVIDAS E CONSULTAS SOBRE A MATÉRIA, APROVEITANDO OS TEMPOS LIVRES, SIGA UM CURSO DE ALTA QUALIDADE QUE O CETA SE ORGULHA DE OFERECER AO PÚBLICO. APRENDA A DOMINAR ESTA ARTE DE PLENA ACTUALIDADE.

Você pode seguir este excepcional **CURSO DE DECORAÇÃO** na sua própria casa, beneficiando das múltiplas vantagens que o seu estudo lhe proporcionará. Decorará a sua casa e, assim, além de a embelezar, estará também a adquirir prática. Provará desse modo o seu bom gosto e aplicará os conhecimentos aprendidos no curso. Poderá ganhar dinheiro logo enquanto estuda, pois durante o curso estará já em condições de fazer projectos e arranjos de decoração, e bastar-lhe-á o que recebe por um projecto para pagar totalmente o curso. Tendo o curso completo, possuirá um **arquivo profissional** constituído por uma colecção de mais de 600 gravuras e uma **autêntica enciclopédia** de 1800 páginas. Quando for decorador — ou decoradora — terá as maiores facilidades em conseguir bons rendimentos, pois são inúmeras as oportunidades que esperam por si. Poderá, por exemplo, colaborar com arquitectos, encarregando-se da parte decorativa dos projectos e instalações. Se preferir, poderá empregar-se em lugares com alto ordenado e de trabalho agradável e interessante em empresas de decoração e mobiliário ou em outras actividades. Mas poderá também estabelecer-se por conta própria, dedicando-se a decorar interiores de habitações, estabelecimentos comerciais, salas de espectáculos, lugares públicos, etc.



Que estudará? O curso dá-lhe uma completa formação técnica, de natureza muito prática, sobre todas as matérias de decoração. Ficará preparado para todos os trabalhos que um decorador deve saber realizar, estudando, em termos práticos, «Teoria de Decoração» e outras disciplinas, como «Complementos Decorativos», «Conjuntos e Projectos», «Esboços e Desenhos», «Técnica do Móvel», «Estilos Artísticos».

... preencha com letra clara o cupão junto e envie-o, por favor, a

CETOP — Centro de Ensino Técnico e Orientação Profissional



Apartado 7 — Mira-Sintra — Mem Martins — Portugal

Queiram enviar-me, sem compromisso, o folheto do curso de

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____

Ref. D — 176

CETOP Membro do Conselho Europeu de Ensino por Correspondência

CERCA DE UM TERÇO DA POPULAÇÃO ACTIVA PORTUGUESA VIVE (SOBREVIVE) DA AGRICULTURA. MAIS DE METADE DESSE TOTAL SUBSISTE POR CONTA DE OUTREM E APENAS UM TERÇO DA SUPERFÍCIE DO TERRITÓRIO CONTINENTAL REVELA RAZOÁVEL APTIDÃO AGRÍCOLA. PARA ALÉM DO EXCESSO DE TRABALHADORES SOBRE OS AGRICULTORES PROPRIAMENTE DITOS, PREDOMINAM DENTRO DAQUELE GRUPO OS NÃO ESPECIALIZADOS (CERCA DE 97,7 POR CENTO) E OS ASSALARIADOS EVENTUAIS (92 POR CENTO DOS TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM). PARALELAMENTE, CONTINUA A ASSISTIR-SE A UM PANORAMA TEIMOSAMENTE IMPEDITIVO DAS TRANSFORMAÇÕES DE UMA AGRICULTURA ENRAIZADA NO PASSADO E ALHEIA A SITUAÇÕES QUE POSSIBILITEM O SEU ENQUADRAMENTO EM ECONOMIAS MODERNAS. E O FACTO É QUE ESTA ESTAGNAÇÃO INIBE NECESSARIAMENTE O DESENVOLVIMENTO DOS RESTANTES SECTORES ECONÓMICOS.

Texto de ALEXANDRE MANUEL/Fotos de ANTÓNIO XAVIER E ARQUIVO

AGRICULTURA RAÍZES POBRES DÃO FRUTOS POBRES SECOS



EM "O Desenvolvimento da Agricultura na Europa Meridional", trabalho elaborado por um grupo de especialistas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económicos (O. C. D. E.) e aprovado pelo respectivo Comité de Agricultura, pode ler-se, a modos de conclusão: "O ritmo da exploração agrícola, medido em termos de crescimento global da produção, foi razoavelmente satisfatório, excepto em Portugal, onde a produção aumentou muito lentamente." A expansão agrícola do grupo de países analisados "foi obtida sobre a base duma melhoria de estruturas e dum recurso mais amplo à tecnologia moderna". Este processo traduziu-se "num aumento geral dos rendimentos vegetais e animais, que foi menos pronunciado em Portugal".

De acordo com os peritos, a principal responsabilidade desta inferioridade deve buscar-se na inércia de determinadas estruturas agrárias que, de facto, "deixam muito a desejar". Com efeito, um grande número de explorações da analisada Europa meridional são demasiado pequenas e não conseguem assegurar rendimentos suficientes aos seus ocupantes. Por outro lado, em alguns destes países,

"uma larga parte da superfície agrícola está ocupada por um pequeno número de muito grandes proprietários e é explorada geralmente numa base extensiva. É por isso que o desenvolvimento da agricultura exige que sejam tomadas medidas próprias para resolver este problema".

Concretamente, ao nível de cada país, o documento refere o facto de serem pouco satisfatórias as estruturas agrárias, sobretudo em Portugal, Espanha e Turquia, onde um pequeno número de grandes domínios, ocupando uma parte desproporcionada das terras agrícolas, coexistem ao lado de pequenas e parceladas explorações. Na parte que nos diz respeito, refira-se o facto de 95 por cento das explorações ocuparem 32 por cento da superfície arável, enquanto, por exemplo, na Grécia essa mesma percentagem é de 85 por cento. A Espanha e a Turquia situam-se entre estes extremos. Curiosamente, metade das terras aráveis concentram-se em um por cento das explorações.

Um gráfico, aí inserto, diz ainda pertencermos o primeiro lugar de concentração de propriedades fundiárias. Assim, por exemplo, nas planícies do Alentejo, "predominam os

grandes domínios com mão-de-obra assalariada, coexistindo frequentemente com numerosas explorações familiares. Esta situação é de toda a evidência nefasta, não somente do ponto de vista social, mas igualmente do ponto de vista económico, porquanto o carácter demasiado extensivo da maioria dos grandes domínios é um dos primeiros obstáculos à expansão da produção agrícola. Por outro lado, a execução dos projectos de regadio e melhoramento fundiário é consideravelmente entravada pela falta de homogeneidade das estruturas”.

Merecem ainda uma referência especial, pela sua acuidade, os capítulos dedicados ao reempareamento da propriedade rústica (“as actividades empreendidas foram até agora muito limitadas”); ao regime do inquilinato agrícola e, sobretudo, às cooperativas e outros agrupamentos de produtores agrícolas que, apesar da sua reconhecida necessidade, enfrentam realizações muito limitadas ou até inexistentes.

A situação torna-se ainda mais dramática quando atentamos no acordo celebrado com a alargada Comunidade Económica Europeia, que, apesar das suas conhecidas limitações, pode ainda servir de aferidor. Com efeito, uma análise, ainda que muito rápida, das nossas exportações de produtos agrícolas para os países membros daquele Mercado diz-nos que elas se concentram em número de mercadorias demasiado restritas: vinhos (33,8 por cento), conservas de tomate (15,7) e amêndoas (5,8), que, no seu conjunto, representam mais de metade do total.

Como oportunamente declara M. Campos, “o acordo com a Comunidade Económica Europeia, no que respeita a produtos agrícolas, não nos trouxe vantagens especiais — a não ser a diminuição de entraves à manutenção das correntes comerciais de concentrados de tomate e dos vinhos do Porto — já que todos os outros produtos não têm grande significado, tomando à primeira vista aspectos algo ridículos, como sejam a concessão de redução da ordem dos 50 por cento e de 100 por cento a produtos como o piretro, o linho e o cânhamo, de pouco ou nenhum significado na economia agrícola portuguesa”.

Refira-se ainda, a propósito, que as concessões da C. E. E. constituem pesado compro-



AGRICULTURA: MÍLDIO DA INÉRCIA CORRÕI AS ESTRUTURAS

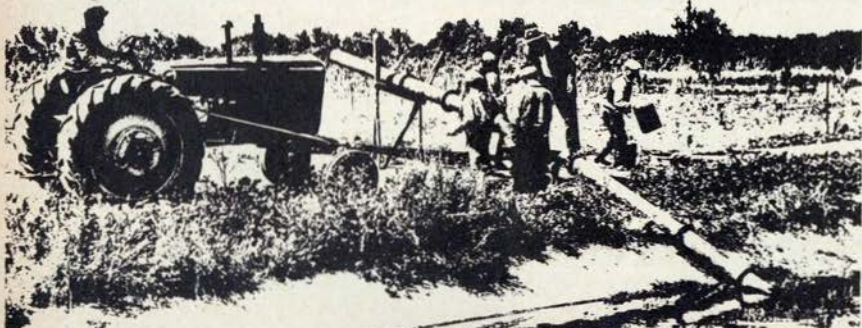
misso, a que o IV Plano de Fomento jamais parece capaz de responder. Até porque, como afirma Blasco Hugo Fernandes, o Mercado Comum “não é, pois, de forma alguma uma organização económica que abra perspectivas favoráveis a uma agricultura essencialmente constituída por agricultores de tipo familiar, como conviria ao progresso económico e social de uma grande parte dos nossos camponeses”. Até porque, advirta-se a propósito, devido às características e às contradições inerentes ao próprio capitalismo, o Mercado Comum, à imitação de outras internacionalizações monopolistas, não só não consegue eliminar (longe disso) a concorrência entre os monopólios, como exige que as unidades produtivas utilizem formas (e meios) cada vez mais produtivos e, conseqüentemente, menos onerosos.

Diz ainda o economista e agrónomo Blasco

Hugo Fernandes: “O Mercado Comum é uma forma de integração económica europeia com tripla finalidade: adição de possibilidades económicas, a fim de alguns dos seus países membros enfrentarem conjuntamente a concorrência internacional; alargamento de mercados e, finalmente, redução dos custos de produção com o intuito de, no exterior e no interior, tanto na agricultura como na indústria, os grupos dominantes das diferentes economias integradas aumentarem as respectivas taxas de lucro. Nesta medida, o Mercado Comum não é mais do que um novo meio de repartição das esferas de influência capitalista, cujo objectivo é o de harmonizar as diversas políticas económicas e concretizar os fins acima mencionados.”

Analisando, pois, esta situação, facilmente concluiremos que o mercado económico “levanta dificuldades muito sérias aos agricultores cuja estrutura económica não lhes permite a sua adaptação às novas exigências do mercado integrado, convergindo, por conseguinte, para a sua rápida eliminação”.

O UTRO facto a merecer referência especial diz respeito à evidente estagnação da agricultura caseira. Basta, para tal, a análise de alguns números que nos repetem verdades evidentes. Assim, a taxa média anual de crescimento desse sector foi de um por cento entre 1935 e 1968 e de cerca de três na





Três milhões lavam com Siemens



SIEMENS

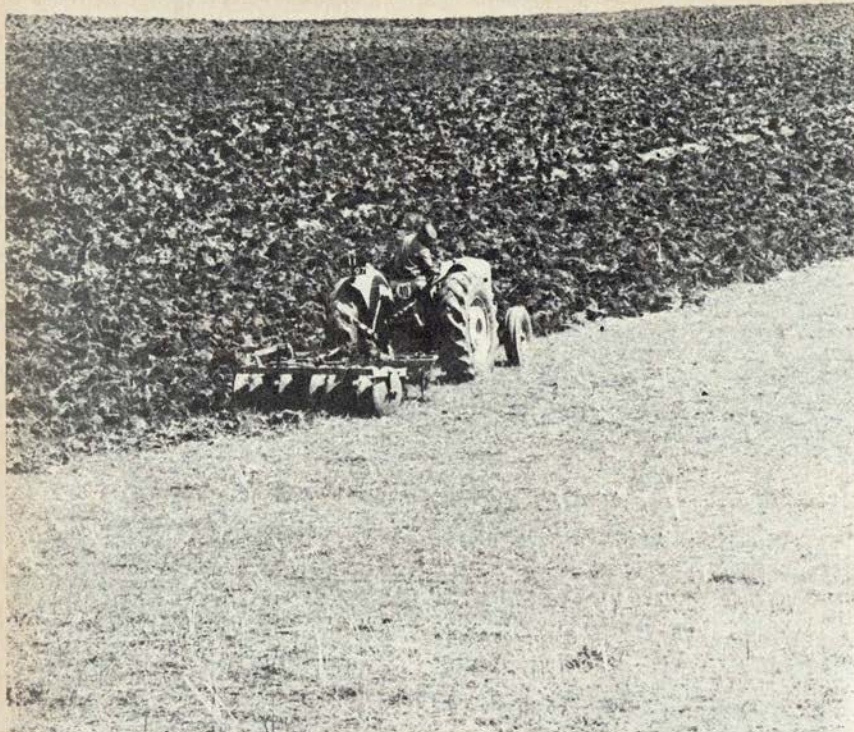


Recomendamos
Detergente e Amaciador de roupa

**Será a Senhora
a próxima?**

Estamos convencidos que sim... pois lavagem, hidroextração e secagem num só aparelho é a solução ideal para um lar moderno. Duas máquinas numa, num espaço de menos de uma... e outros modelos de máquinas

de lavar e secar roupa são criações da nossa gama de electrodomésticos para facilitar as tarefas da dona de casa. Visite os nossos salões de exposição ou consulte os revendedores autorizados Siemens.



AGRICULTURA: VIRAR O TORRÃO COM ENXADA NOVA

década seguinte. E se, em 1970, sofreu um acréscimo de seis, entre 1971-72 assistiu à descida de quase três por cento.

Números oficiais referem que, em relação à estrutura das explorações agrícolas, 96,1 por cento possuem menos de vinte hectares, ocupando cerca de 39 por cento da superfície agrícola. Apenas 3,6 por cento dispõem de mais de vinte hectares, abrangendo na totalidade 61,3 por cento da área agrícola. Acrescente-se ainda que, no grupo das explorações com menos de vinte hectares, 77,3 por cento do total (14,9 por cento da superfície agrícola global) possuem uma área inferior a quatro hectares, enquanto 18,8 por cento oscilam entre esta área e os vinte hectares (23,6 por cento da totalidade da superfície).

Paralelamente, se subdividirmos por classes de extensão a percentagem indicada para as explorações com vinte e mais hectares, verificamos que 2,1 por cento do número total se situam entre os vinte e os cinquenta hectares; 0,8 dispõem de uma área compreendida entre cinquenta e duzentos e 0,3 têm mais de duzentos. As explorações com extensão superior aos mil hectares ocupam mais de vinte por cento da superfície agrícola.

Significativamente, os salários médios dos trabalhadores rurais não excediam, em 1970, os 75 escudos diários, no caso dos homens e os 40, no das mulheres. No ano seguinte, o

aumento não ultrapassou os quinze por cento, enquanto, em 1972, os índices médios salariais eram de 90 e 48 escudos, respectivamente.

Atendendo às várias e conhecidas circunstâncias impeditivas (doença, chuva e falta momentânea de trabalho), o Inquérito às Receitas e Despesas Familiares, organizado pelo Instituto Nacional de Estatística, mostrava que, em 1971, era de cerca de quinze mil escudos a receita anual familiar, no estrato constituído por trabalhadores agrícolas ao serviço de outrem, o que dava um rendimento mensal inferior a 1500 escudos.

Comenta, a propósito, Blasco Hugo Fernandes: "Está-se, pois, em face do mecanismo específico das economias capitalistas na formação do valor da mercadoria constituída pela força do trabalho na agricultura, mecanismo aquele de que os grandes empresários são os beneficiários, pelo facto não só de as características do mercado de trabalho lhes permitir práticas salariais mais baixas do que aquelas que a sua condição económica tornaria possível, comparáveis com os das restantes empresas, como também de não existirem organizações profissionais dos trabalhadores agrícolas que conseguissem salários mais justos e adaptados à realidade global e imediata das unidades em que trabalham".

Assim, aquela classe empresarial, para além

da situação de privilégio que o sector lhe concede, pode ainda dispor da enorme fonte de receitas que dá pelo nome de trabalho assalariado injustamente remunerado. Por outro lado, a dimensão das empresas torna possível a utilização de tecnologias libertadoras de mão-de-obra, "as quais, na prática, devido ao aumento da oferta de trabalho se traduzem numa forte pressão sobre os salários dos trabalhadores e, conseqüentemente, num novo aumento dos lucros dos respectivos empresários".

Aqui, surgem, então, os números emigratórios a referirem o acentuado despovoamento das terras do interior, normalmente dominadas pelas actividades rurais. E o facto é que o decréscimo da população activa na agricultura, sobretudo a partir de 1960 (de 43 por cento, em 1960, passou para 33 dez anos depois), não reflecte qualquer desenvolvimento económico, como à primeira vista pode parecer, mas é sobretudo consequência duma actividade que não cobre o custo mínimo de reprodução da força de trabalho.

De facto, durante a década de sessenta, Viseu perdeu 67 715 habitantes, Beja 66 718, Guarda 64 279, Castelo Branco 58 894, Vila Real 58 141 e Bragança 53 606. Apenas Setúbal, Lisboa, Porto, Aveiro e Braga viram aumentada a sua população em percentagens que oscilaram entre os 24 e os 4 por cento. Podemos, pois, referenciar, entre nós, a existência de dois "países" distintos dentro do mesmo país: um formado pelos habitantes que beneficiam do desenvolvimento económico do litoral (sobretudo à volta dos centros urbanos de Lisboa, Porto e seus satélites) e outro constituído pela população do interior, que vive, na grande maioria, em regime de sobrevivência.

Não é muito díspar a situação dos pequenos e médios agricultores. Com efeito, de acordo com estudos da O. C. D. E., baseados em dados fornecidos pelo Governo, em 1971, 78 por cento dos agricultores portugueses retiravam da sua exploração uma média mensal (líquida) inferior a dois mil escudos. Cerca de vinte por cento tinham um rendimento que oscilava entre as duas e as dez dezenas de milhar de escudos e menos de 0,5 por cento do total obtinham receitas anuais brutas bastante superiores aos 1200 contos (!).

A análise, ainda que sucinta, destes dados evidencia a necessidade duma modificação estrutural da agricultura portuguesa. Mas longe, muito longe mesmo, da proclamada (e defendida) "organização sistemática e generalizada de concentração de produção".

Para isso, torna-se, pois, necessário a garantia de um sistema de crédito agrícola; a criação de indústrias agro-alimentares nacionalizadas nos dois sentidos. Tudo isto, no entanto, pressupõe outras reformas a médio prazo e, sobretudo, o desaparecimento da propriedade fundiária e das explorações de tipo capitalista.

QUOTIDIANO

V. Exa. quer saber o seu futuro? Tire aqui a sua sina. Preço 1\$00. Barata a feira, realmente. Uma sina por dez tostões. Sina de anos duros, de experiências difíceis a da velhinha que na feira cheia dos ruídos dos carros, dos artifícios das luzes ganha a vida. Uma sugestão — boa? má? vá lá saber-se — em cada dez tostões. Que faz rir a carantonha? Não. Essa vive na inconsciência das coisas mortas...

Foto CARLOS GIL





UM HOMEM DE SORTE
LINDSAY ANDERSON
IMPÉRIO

Malcolm McDowell, o intérprete inesquecível de "Clockwork Orange" de Stanley Kubrick, é o autor da ideia original de "Um Homem de Sorte". E torna-se extremamente interessante verificar os pontos de contacto deste filme com o de Kubrick.

"Um Homem de Sorte" é a história de Mick Travis (Malcolm McDowell), um jovem simpático e cativante que conhece algumas aventuras e profissões, as quais o levam a concluir que a simpatia e o oportunismo são as principais condições para atingir o sucesso e a fortuna num mundo industrializado. Integrado no mundo dos negócios, Travis acaba por ser vítima da sua inocência e é preso durante cinco anos.

Ao abandonar a cadeia, Travis tenta transformar-se num ser verdadeiramente humano, praticando a solidariedade e o amor. No entanto, e à semelhança do herói de "Clockwork Orange" após a operação a que se submete e que o transforma num homem sem vícios e apto para a sociedade a que pertence, Travis é afastado por todos aqueles que reconhecem nele um perigoso opositor da desonestidade, da vingança, da injustiça e da ambição que caracterizam a vida de quase todos os mortais.

Lindsay Anderson aproveita com enorme inteligência os dotes excepcionais de Malcolm McDowell e a música — excelentemente integrada na acção do filme — de Alan Price, um nome de larga importância na assimilação dos "blues" negros pelo "rock" britânico da segunda metade da década de 60, e revela, ainda, alguma sensibilidade no modo como assinala as atitudes perante situações diferentes e as transformações operadas em Travis.

"Oh lucky man" é a revelação de um cineasta seguro e coerente, um filme indiscutivelmente importante que sobressai numa cinematografia (britânica) bastante pobre em termos qualitativos.



MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES...
ARTUR SEMEDO
AVIS

"Malteses, Burgueses e às Vezes..." é uma comédia satírica que pretende atingir, através duma história que não está longe daquelas que o (mau) cinema português de Constantino Esteves e Augusto Fraga nos impinge e de um simbolismo demasiado ineficaz, certas instituições e pessoas que fazem parte da realidade do nosso país.

Assim, desde as intervenções no Congresso do Lixo que pretendem evocar as discussões que, por vezes, têm lugar na Assembleia Nacional até ao poder da publicidade e à força do futebol junto dos habitantes de qualquer cidade ou aldeia, passando pelas empresas que possuem, nos seus quadros, administradores pouco competentes e com uma vida particular duvidosa, Artur Semedo tenta uma crítica indirecta que se perde definitivamente quando, à excepção de duas ou três sequências, se tem por meta uma cena pornográfica ou uma piada picante. "Malteses, Burgueses e às Vezes..." resulta, portanto, num filme extremamente equívoco e superficial que, ainda, tem a seu desfavor uma fotografia tipo bilhete-postal e um tom que mais faz lembrar um filme publicitário que uma obra de cinema.



ATÉ AO AMANHECER
PETER COLLINSON
ROXY

Peter é um jovem, filho de pais endinheirados, que foge de casa à procura duma felicidade que a vida familiar não lhe ofereceu. Peter vai ter várias aventuras amorosas com raparigas que procuram, apenas, o seu dinheiro e que nunca saberão amá-lo verdadeiramente. Começa, então, para Peter uma crise provocada pelo ódio à beleza das mulheres que se limitaram a prolongar a sua infelicidade. A crise de Peter durará até ao dia em que encontrará uma jovem de pouca beleza que saberá amá-lo e dar-lhe finalmente uma estabilidade duradoira.

Desta banal história de amor, Peter Collinson realizou um piegas e lacrimoso filme onde a existência de alguma humanidade alterna com o ridículo através de uma montagem que se quer inovadora, mas que se limita a ser confusa e pretensiosamente moderna. Em suma, mais um equívoco a juntar aos muitos que se exibem actualmente em Lisboa e que têm nomes como "Segredos Proibidos", "O Nosso Amor de Ontem" ou "O Porteiro", para indicar, apenas, exemplos de maior sucesso.



- ***** — Genial (veja muitas vezes);
- **** — Muito bom (veja sem falta);
- *** — Interessante (veja);
- ** — Decepcionante (escusa de ver);
- * — Detestável (se for ver... é bem feito)

HUMOR



— Ele era um sujeito alto e com um uniforme dos correios.



— Tu e a tua varinha de encontrar água! Pfff! Mais um poço de petróleo.



— E aqui está, para o caso de incêndio.



— Pst... Fotografias educacionais.

MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA IORQUE: UM LUGAR CONQUISTADO NA CIDADE

Reportagem de NUNO COUTINHO

QUANDO, em 27 de Abril de há 37 anos, os aviões alemães ao serviço das forças nacionalistas espanholas arrasaram a cidade de Guernica y Luno, os seus pilotos estavam longe de imaginar que, ao assinarem a obra de destruição e morte de que foram autores, estavam simultaneamente a contribuir para a criação de uma das mais espantosas obras de arte que a humanidade jamais pôde contemplar, e que, hoje, é tema obrigatório de recolhimento para todos os que, em Nova Iorque, têm a oportunidade de visitar o Museu de Arte Moderna da cidade. Admirável documento de uma grande tragédia da guerra, nos seus tons quase monocromáticos de brancos, cinzentos e negros, embora o cor-de-rosa, a confundir-se com os cinzentos, também surja aqui e ali, "Guernica", que Picasso pintou pouco depois do sacrifício da população da cidade, constitui, pelos valores expressionistas que a definem, uma das obras-primas do século e, quiçá, a mais representativa do Museu.

Contudo, não é apenas a extraordinária obra de Pablo Picasso que leva de peregrinação todos aqueles que se interessam pela arte moderna ao imponente edifício que tem o número 11 na cosmopolita Rua 53 da importante metrópole americana.

Num país onde, apesar das tradições não possuírem a "patine" que outros se arrogam, existem cerca de cinco centenas de escolas de arte e mais de cem milhões de pessoas visitam, anualmente, os 2500 museus e galerias de arte espalhados por todas as cidades, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque completa, a nível cidadão, um conjunto de santuários dedicados à arte nos seus mais variados aspectos e características.

Assim, o visitante desprevenido ficará, certamente, bastante surpreendido ao verificar que, em Manhattan, poderá encontrar, quase lado a lado, o Museu de Arte Primitiva, que vive graças ao interesse de alguns peritos em antropologia, arqueologia e etnografia, e o Museu de Arte Judia, onde se encontra a mais extensa colecção do mundo de objectos do cerimonial religioso israelita.

Todavia, pelas características de universalidade das obras que encerra nos seus três



"Guernica" ocupa uma enorme parede do átrio principal do segundo piso do Museu, frente à saída dos elevadores. Não admira, portanto, a facilidade de execução do atentado de que, recentemente, foi alvo. Contudo, a camada protectora de plástico que envolve a tela não permitiu quaisquer estragos na obra. À ESQUERDA — De Pablo Picasso, mas de 1951, é a escultura que a imagem reproduz "Babuino e o Jovem".



Estudos em papel e lápis para pormenores de "Guernica". À ESQUERDA — No piso que dá directamente para a Rua 53, duas obras de Miró chamam a atenção do visitante acabado de chegar: uma escultura, a que o artista chamou "Pessoa com Guarda-Chuva" e que data de 1931, e um óleo pintado 7 anos depois, "Mulher Sentada".

MUSEU DE ARTE MODERNA DE NOVA IORQUE: UM LUGAR CONQUISTADO NA CIDADE



Dois obras de dois artistas americanos. À ESQUERDA — "Espectro de Kitty Hawk". Data de 1946/7 e é obra de Theodore Roszak, um filho do Tio Sam, nascido na Polónia. Isamu Naguchi, que se naturalizou americano, é o autor desta "É Mesmo Centopeia", que data de 1952.



pisos, o Museu de Arte Moderna da maior cidade norte-americana é, talvez, o mais acessível aos amantes da beleza, já que ali podem observar, em inesquecíveis momentos de prazer, algumas das principais criações dos mestres modernos da pintura, da escultura e da gravura, bem como a evolução de todos os importantes movimentos artísticos verificados desde 1880 até aos nossos dias.

Deste modo, apenas separados por algumas paredes — e até mesmo, na mesma sala — podemos encontrar uma escultura de Miró ou um óleo de um dos mais recentes artistas estado-unidenses, como aquele extraordinário Jackson Pollock, que a morte arrebatou em 1956. Contudo, o Museu não é apenas um mostruário de obras de arte.

Para uma grande percentagem de nova-iorquinos, a instituição faz parte das suas vidas. As suas galerias, jardim, cinema e restaurantes tornaram-na num centro social, onde, especialmente aos sábados e domingos, os nova-iorquinos marcam ponto de encontro para admirarem algumas das mais belas peças artísticas do mundo, verem um filme, ouvirem um concerto, lerem um livro, venderem um quadro, comprarem algumas gravuras ou, simplesmente, se encontrarem com os amigos.

Criado em 1929, a título experimental, o Museu teve tão larga aceitação e despertou tão grande interesse, através dos anos, que, presentemente, quem passa as suas enormes portas vidradas caminha ao encontro de uma das mais importantes instituições do género em todo o Mundo.

Nos seus vastos espaços exteriores podem admirar-se ousados projectos de arquitectura, para, portas adentro, nos deliciarmos com as colecções permanentes de pintura, nas quais estão representados cada um dos gigantes dos últimos anos: Cézanne, Van Gogh, Gauguin,

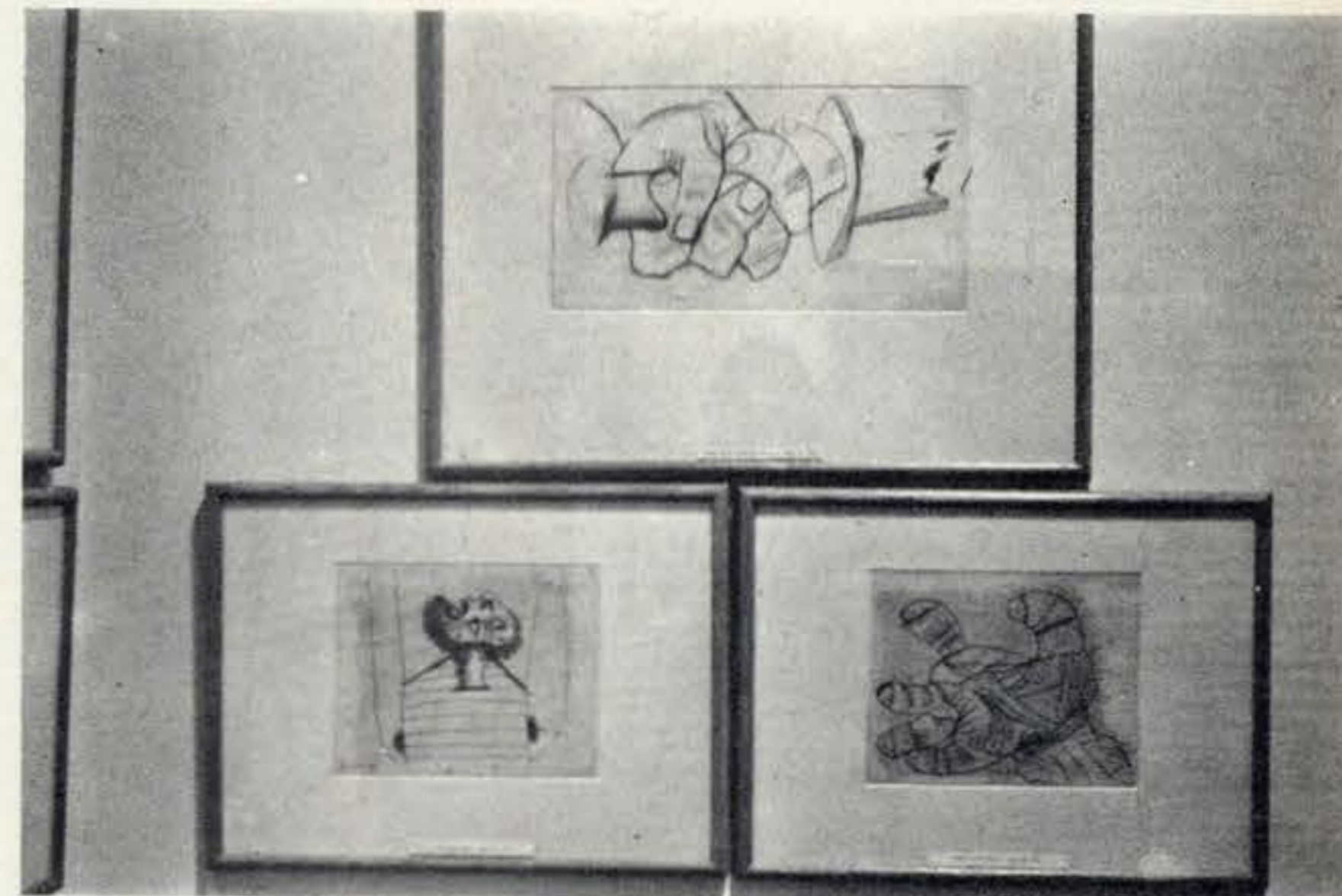
As salas, não muito grandes, mas de vastos espaços livres, permitem uma completa observação das preciosidades expostas. À DIREITA — Outro pormenor de "Guernica", a mão, a cabeça e a espada aparecem nas imagens como pormenores feitos em Maio de 1937 para a mais importante obra que se encontra no Museu. EM BAIXO — Quadros de expressionistas de várias épocas alinham-se ao longo das paredes da instituição.

Monet, Bonnard, Modigliani, Rousseau, Picasso, Bracque, Matisse, Pollock, etc. A escultura ocupa também uma grande percentagem da superfície livre dos interiores das instalações, se bem que, no jardim, igualmente se possam observar algumas peças magníficas. Rodin, Maillol, Brancusi, Henry Moore e tantos outros estão representados nas galerias e ao ar livre; no meio da verdura, dos mármore e dos pequenos lagos que mais parecem espelhos.

Mas, para os milhares de americanos e estrangeiros que o visitam ao longo do ano, o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque tem ainda outros valiosos motivos de interesse para lhes oferecer e que se traduzem em im-

portantes exposições de desenho industrial, fotografia e gravura, para além das curiosíssimas sessões de cinema clássico que são proporcionadas ao público, duas vezes por tarde, num cómodo auditório para 500 pessoas. De salientar que estas sessões incluem desde a exibição de primitivos filmes mudos até aqueles que, indo directamente dos estúdios, ainda não foram exibidos em circuito comercial. A selecção obedece a um rigoroso critério em função do interesse dos estudiosos da história do cinema nos Estados Unidos.

A enorme biblioteca sobre Arte Moderna, que se encontra aberta ao público, contém mais de 20 000 publicações sobre a matéria, bem como 75 000 fotografias e mais de



25 000 diapositivos, que se encontram ainda à disposição dos 4500 artistas amadores que, ao longo do ano, utilizam as instalações do Museu para participarem em cursos de pintura, desenho, escultura, história da arte e outros. As aulas podem ser frequentadas por crianças a partir dos três anos de idade e, em alguns casos, os pais e os filhos frequentam, em conjunto, as mesmas classes, residindo talvez aqui uma das razões do êxito que o Museu vem registando ao longo de gerações de nova-iorquinos que, diariamente, vão enchendo as suas salas.

E isto, apesar dos preços elevados das entradas, mesmo quando a Unesco recomenda a adopção de preços especiais para estudantes e turistas. Seja como for, a verdade é que Nova Iorque não é apenas a Estátua da Liberdade ou o Empire State Building, e em ambos se paga (e bem!) para a tradicional visita.

Contudo, uma é oca e o outro, que o não é, de belo apenas tem as nuvens que perfura... ■



A alcatifa que você deseja... e os seus amigos admiram.

Uma alcatifa da mais alta qualidade. Luxuosa.
Macia. Confortável.
Com cores maravilhosas... Cores que dão prestígio
e requinte ao ambiente acolhedor da sua casa.

LIDER
Courtelle



LINTAS 73-CTC-03

A cor para o seu gosto...

Entre estas maravilhosas cores escolha a sua alcatifa LIDER COURTELLE. LIDER COURTELLE alia ao equilíbrio da cor a beleza estética, distinção e qualidade. Espessa e macia... tão confortável! De grande resistência e duração. E é tão fácil de limpar!...

Alcatifa LIDER COURTELLE completa a decoração da sua casa

MÚSICA

A Primavera desabrochou na ópera e no piano

A Sociedade de Concertos de Lisboa abriu a Primavera musical com dois recitais de piano de grande nível. Do primeiro, com o pianista russo Emil Guillels, não posso infelizmente dar testemunho, pois estava fora da Europa nesse momento. Mas, neste caso, a unanimidade de opiniões que recolhi "a posteriori" foi de tal modo esmagadora que mal me ficaria não registar este concerto como um dos acontecimentos máximos da temporada musical em curso.

Ao segundo recital, que teve como protagonista a pianista húngara Anni Fisher, já assisti — e com que prazer! Sob a capa da mais rigorosa parcimónia de efeitos, de uma contenção ascética no uso de condimentos expressivos, uma natureza vibrante e calorosa e o dom da eloquência, isto é, da compreensão da mensagem escrita e do poder irresistível na sua comunicação. A "Primeira Sonata" de Schumann é uma obra raramente ouvida e estou em dizer que principalmente pela sua aparente desorientação: as linhas de força cruzam-se um tanto desabridamente, demasiado impacientes na afirmação das respectivas feições para se congraçarem numa teia de relações mútuas facilmente perceptível. Isto pensava eu até a ter ouvido interpretada por Annie Fisher: agora sei que a desorientação é apenas aparente e que o fio condutor da meada é o fio da poesia, no duplo sentido do desafio à imaginação e da descoberta de novas realidades pela ordenação nova de coisas familiares. A "Sonata fácil" op. 49 número 1 de Beethoven foi outra relativa surpresa: frescura e leveza são os seus despreziosos atributos da praxe — Annie Fisher serviu-se deles para levantar voo e planar a altitudes poéticas vizinhas do "inefável mozartiano". A "Apassionata" de Beethoven fechava o programa... e fechou-a com chave de ouro. Ainda e sempre um fio de lirismo exaltante que, à falta de melhor, tenho apodado de poesia, canalizou a emoção, latente mas permanentemente controlada, para regiões estéticas só acessíveis aos muito grandes intérpretes, regiões de síntese ricamente integrada por todos os factores do consciente e do inconsciente: inteligência, sensibilidade, afectividade e abertura de espírito a transcendências apenas pressentidas.

Não só nas salas de concertos se sobe a alturas destas: a ópera (a boa ópera, entenda-se) é um convite à ascensão a regiões estéticas, se não tão rarefeitas, pelo menos mais humanamente acidentadas. A ópera italiana esteve representada, na temporada do S. Carlos (e seu prolongamento mais popular no Coliseu) pela "Bohème" de Puccini, "La Favorita" de Donizetti e "La Traviata" de Verdi. Das três, apenas vale a pena falar da última e só dos seus aspectos musicais, já que as encenações (todas de Enrico Sportiello) merecem, na hipótese mais caritativa, o silêncio. A "Traviata" é incontestavelmente a melhor ópera das três — a grande distância da famosa obra-prima de Puccini e deixando a perder de vista a insossa "Favorita" — e foi servida por um elenco muito superior aos das outras: Joan Sutherland, pela primeira vez em Portugal, justificou a sua celebridade como soprano-coloratura (no primeiro acto) e revelou (nos actos restantes) insuspeitadas virtualidades dramáticas; Alfredo Kraus foi, mais do que nunca, um modelo de arte-de-dizer-cantando e de intensidade de caracterização; Giorgio Zancanaro, em começo de carreira (o que justifica o seu pouco à-vontade em cena), revelou uma das mais belas vozes de barítono jamais ouvidas no nosso S. Carlos, fácil, extensa, musical e admiravelmente timbrada em todos os registos.

JOÃO PAES

BONEV: O "CARRASCO" DE LISBOA

QUANDO a Bulgária impôs um 2-2 a Portugal, em Lisboa, no dia 13 de Outubro de 1973, obtendo a qualificação no Grupo 6 para a fase final do Campeonato do Mundo de 1974, o homem que marcou os dois golos da sua equipa, levando-a para a Alemanha Ocidental este Verão, foi Kriste Bonev.

Bonev, com 26 anos, jogador do Lokomotiv Plovdiv, é pouco conhecido no Ocidente, embora já tenha participado na fase final do Campeonato do Mundo de 1970.

De robusta constituição física, tem 1,82 metros de altura e pesa 77 quilos. Inicialmente, era um general do meio-campo, do tipo de Bobby Charlton, mas mais tarde emergiu como pontade-lança, depois da infortunada morte do melhor marcador do futebol búlgaro, o talentoso Gheorghji Asparoukhov.

Na final de 1970, a Bulgária foi colocada no Grupo 4 e, embora Bonev se tenha revelado um jogador de classe mundial, a sua influência não bastou para que a equipa passasse aos quartos-de-final.

Num grupo que reunia a Alemanha Ocidental, o Perú e Marrocos, os búlgaros não foram capazes de vencer um único desafio, e regressaram a casa muito desapontados.

Embora os búlgaros nunca tenham conseguido alcançar uma posição das mais destacadas no futebol mundial, não há dúvida de que se têm mostrado muito regulares. No actual Campeonato Mundial, foram agrupados com Portugal, Irlanda do Norte e Chipre, no Grupo 6.

Eliminaram virtualmente a Irlanda do Norte no terceiro jogo da série, vencendo por 3-0 em casa. No jogo fora empataram 0-0.

O jogo chave, contra Portugal, também foi ganho em casa, o que significava que apenas te-

riam de empatar em Lisboa. Bonev encarregou-se disso.

Como muitas outras estrelas da Europa oriental, Bonev é excelente no jogo pessoal. É um driblador inteligente e uma vez com a bola dominada nos pés é

muito difícil desapossarem-no dela.

A sua primeira internacionalização foi em 1967, contra a Alemanha Ocidental. Actualmente, aproxima-se do seu septuagésimo desafio internacional, o que o torna um dos mais experientes jogadores de todos quantos tomam parte na final do Campeonato do Mundo deste ano, em Munique.

Já marcou mais de 150 golos no campeonato nacional búlgaro, ao serviço do Lokomotiv Plovdiv, grupo que é geralmente considerado como o terceiro

melhor do país, depois do Levski Spartak e do CSKA de Sofia, o verdadeiro "exército" que eliminou o Ajax da Taça dos Campeões Europeus em 1973-74.

A Associação de Futebol da Bulgária, fundada em 1923, foi completamente reorganizada quando os comunistas tomaram o poder em 1945. Os jogadores são, actualmente, empregados do Estado, "amadores" que assinam contratos de quatro ou mais anos com os seus clubes.

Reúnem as condições necessárias para participarem nos Jogos Olímpicos, apesar das dúvidas que surgem sobre se são ou não jogadores não remunerados. Em 1968, a Bulgária atingiu a final olímpica e foi batida por 4 a 1 pela Hungria, depois de um desafio muito duro em que três búlgaros foram expulsos.

No entanto, de um modo geral, os búlgaros são jogadores tranquilos. Bonev é disciplinado, de carácter frio, tal como o seu estilo de jogo.

Os búlgaros têm-se qualificado para as finais do Campeonato Mundial desde 1962, mas os seus resultados, nessa fase da prova, não têm sido brilhantes. Praticam um futebol linear, mas demasiado denunciado e defensivo para preocupar equipas como o Brasil, a Alemanha Ocidental ou a Itália.

O sistema futebolístico búlgaro parece produzir jogadores poderosos, mas pouco imaginativos, e isso tem-se reflectido no historial de resultados da selecção. Todavia, Bonev tem maiores potencialidades do que os seus companheiros e este ano, em Munique, com uma equipa mais experiente, os búlgaros estão esperançados no sucesso.



Texto de STEVE DOUGLAS/
/ (c) FIRST FEATURES/ SYNDI-
CATION INTERNATIONAL/
/ ADS/FLAMA

-Você precisa saber o que lhe oferece um Seguro de Vida.



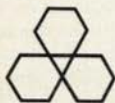
-Eu?... Porquê?...

Porque é um homem consciente e actualizado.
O Seguro de Vida Soberana protege sempre a família e dá-lhe confiança para enfrentar o futuro.
Nos estudos, na formatura, no casamento de seus filhos e para um justo complemento de reforma.
A Soberana é uma Companhia especializada.
Peça mais informações.

Com um SEGURO DE VIDA

SOBERANA

começa hoje um amanhã melhor.



GRUPO SEGURADOR

MUTUALIDADE

SOBERANA

ALLIANÇA MADEIRENSE

RUA MARTENS FERRÃO, 11 - TELEFONE 562441/6 - LISBOA

Para avaliar melhor as vantagens proporcionadas pelos SEGUROS DE VIDA SOBERANA nas várias modalidades, preencha, recorte e envie-nos p.f. o cupão abaixo:

A Companhia de Seguros **SOBERANA** - RUA MARTENS FERRÃO, 11 - LISBOA

Queram enviar-me, sem compromisso, documentação referente a SEGUROS DE VIDA.

NOME

MORADA TELEF.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO: ENCONTRO COM AS CÂMARAS DE COMÉRCIO ESPANHOLAS

No Solar do Vinho do Porto, em Lisboa, o Fundo de Fomento de Exportação ofereceu um Porto de honra aos presidentes e secretários-gerais das câmaras de Comércio espanholas.

Entre os convidados viam-se o encarregado de Negócios da Embaixada de Espanha e os presidentes e secretários-gerais das Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Madrid, Câmara Oficial de Comércio, Indústria e Navegación de Barcelona, Câmara Oficial de Comércio, Indústria e Navegación de Sta. Cruz de Tenerife, Câmara Oficial de Comércio de Las Palmas, Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Córdoba, Câmara Oficial de Comércio, Indústria e Navegación de Sevilla, Câmara Oficial de Comércio, Indústria e Navegación de Huelva, Câmara Oficial de Comércio,



Indústria y Navegación de Vigo, Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Valladolid, Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Badajoz, Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Salamanca, Câmara Oficial de Comércio e Indústria de Cáceres, Câmara Hispano-Portuguesa de Comércio e Indústria en España e os representantes dos órgãos de informação.

O presidente do F. F. E., que se encontrava acompanhado dos vice-presidentes do organismo, secretário-geral e directores daquele departamento, saudou os visitantes, agradecendo a colaboração prestada por aquelas Câmaras às iniciativas do F. F. E. e afirmou por sua vez o seu interesse na cooperação com as entidades do país vizinho para um incremento das relações comerciais luso-

-espanholas.

Analisando a actual conjuntura económica internacional, o dr. Nelson Trigo deteve-se depois sobre o comércio externo português, tendo dedicado especial atenção às exportações.

Após ter referido os pólos de desenvolvimento industrial mais salientes da actividade económica nacional, previstos no Plano de Fomento e já em curso, o presidente do F. F. E. fez uma análise das principais coordenadas do comércio entre Portugal e a Espanha, enunciando as intenções do seu organismo para aquele mercado.

Deu depois a palavra ao seu director de Serviços de Relações Públicas, o qual, através duma exposição ilustrada com vários mapas e quadros, descreveu a organização do F. F. E. desde a sua criação, em 1949, tendo destacado na sua comunicação os objectivos, os produtos prioritários de exportação, os incentivos usados pelo Fundo de Fomento para promoção das exportações, os serviços externos e suas funções e alguns factos mais relevantes, devidamente quantificados, sobre acções do organismo.

Sketch
MOLINARD
PARIS GRASSE
EAU DE COLOGNE 80°

fresca... suave... subtil...



MARTINI PORSCHE NO CAMPEONATO MUNDIAL DE CONSTRUTORES 1974

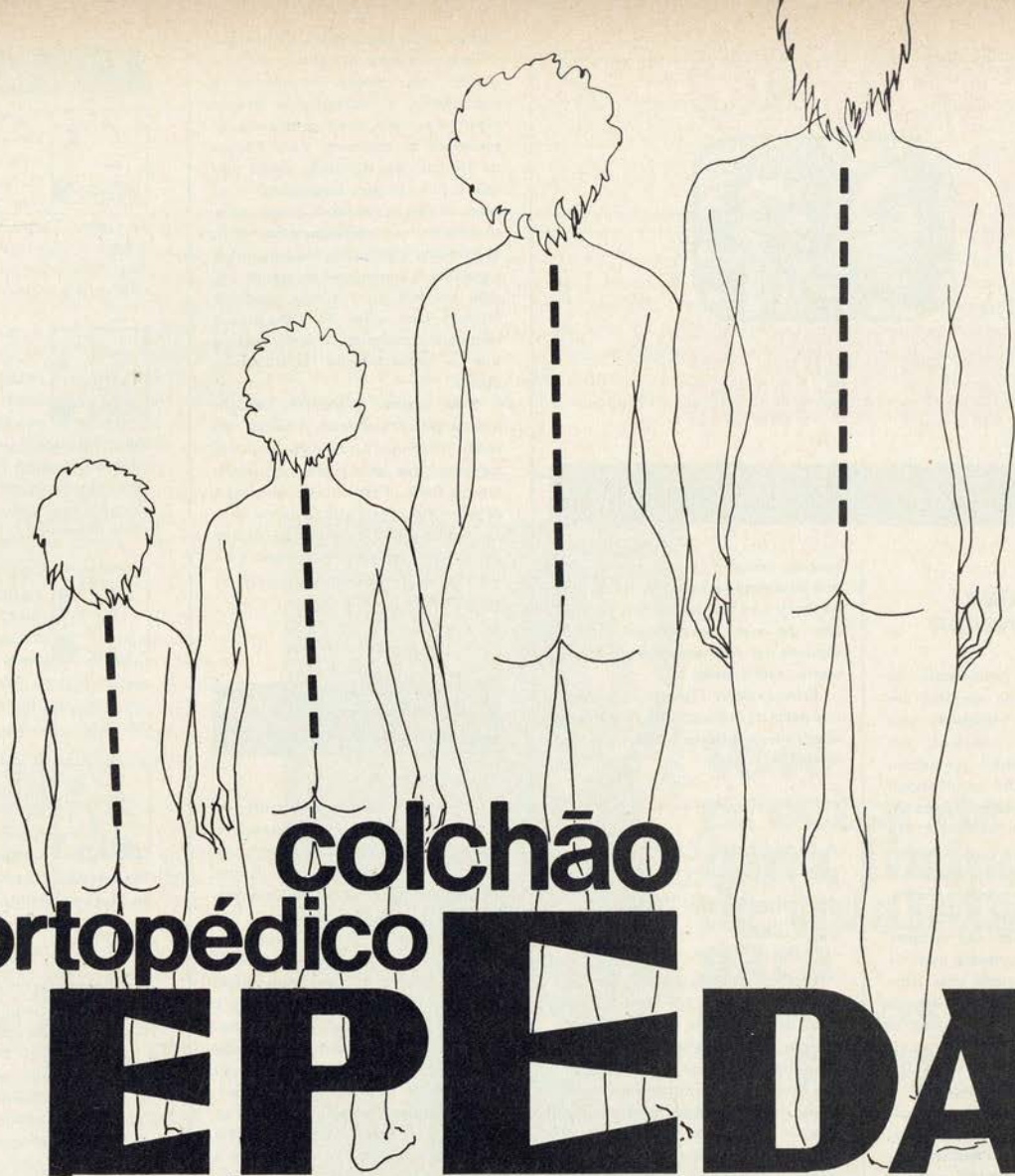
Depois de uma época, de 1973, com êxito, o Martini Internacional Club e a Sociedade Porsche possuem a sua cooperação desportiva.

Os "Porsches" de fábrica tomarão parte nas corridas do Campeonato Mundial de Construtores 1974, com as cores do Martini Racing, cujo presidente é o conde Gregório Rossi di Montelera, que dirige, desde há vários anos, esta escuderia.

Como no ano anterior, o Martini Racing Porsche inscreve as viaturas derivadas unicamente do "Porsche Carrera" de série contra os verdadeiros protótipos dos concorrentes. Contudo, um interessante desenvolvimento técnico foi feito pelos enge-

nheiros da Porsche. Com efeito, os "Porsches"-Martini 1974 serão propulsados por motores alimentados por turbocompressor, técnica baseada na recuperação dos gases de escape. A Sociedade de Estugarda continuou o desenvolvimento técnico deste sistema de alimentação, começado, com sucesso, nas viaturas CanAm (Tipo 917 Turbo). Os "Porsches"-Martini serão, assim, mais rápidos e menos barulhentos.

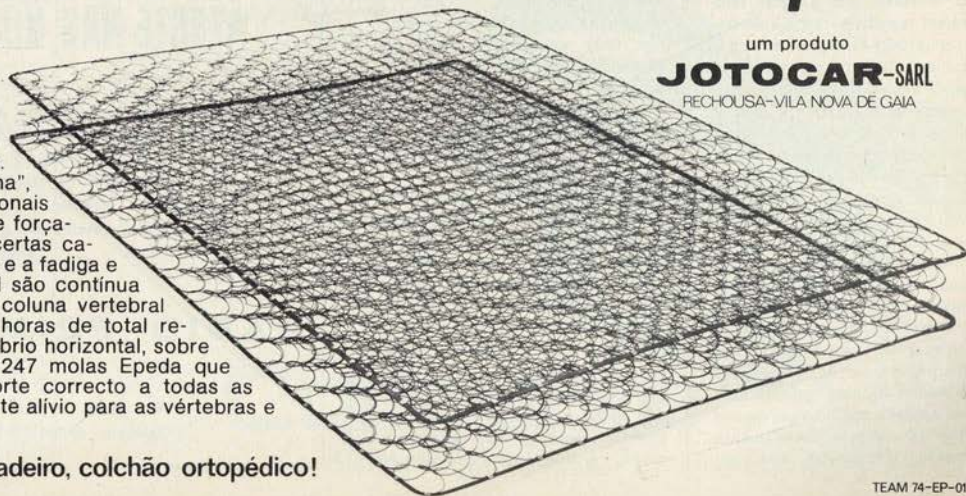
Em 1973 o Martini Porsche acabou em terceiro lugar no Campeonato Mundial de Marcas, atrás do Matra e Ferrari, ganhando, contudo, o Challenge Mondial de Vitesse et d'Endurance. É provável que os Porsches Carrera venham a competir no Campeonato Mundial de Marcas em 1976, quando os protótipos forem substituídos por viaturas "silhouettes" derivadas das de série.



colchão ortopédico **EPEDA**

o único onde a sua coluna vertebral repousa

Garanta o bem-estar presente, e futuro, da sua coluna vertebral; escolha o colchão ortopédico Epeda. Você não "sofre da espinha", mas longas horas profissionais em posições defeituosas e forçadas, a moleza suave de certas cadeiras, as horas ao volante e a fadiga e nervosismo da vida actual são contínua agressão à sua saúde. A coluna vertebral não pode resistir sem 8 horas de total repouso - em perfeito equilíbrio horizontal, sobre a rijeza controlada das 1.247 molas Epeda que acompanham e dão suporte correcto a todas as curvas do corpo, repousante alívio para as vértebras e músculos.



um produto
JOTOCAR-SARL
RECHOU-SA-VILA NOVA DE GAIA

EPEDA - o único, verdadeiro, colchão ortopédico!

TEATRO VIVO



Por CARLOS PORTO

OS CRIADORES - AS IDEIAS - OS FACTOS

contracena...

O MAR de EDWARD BOND NO VASCO SANTANA

Um comerciante (proprietário de uma pequena loja de modas); um vagabundo que faz filosofia; uma senhora abastada e caridosa; um jovem que chora o amigo que perdeu num naufrágio — são as principais personagens de uma peça que põe em questão a sociedade ocidental e a violência incontrolada que a marca.

O comerciante teme a chegada dos homens do espaço e organiza a defesa; o vagabundo virou as costas à civilização e acredita nas virtudes humanas; a senhora ensaia com os amigos e o pároco local uma peça para a récita anual de caridade; o jovem procura o corpo do amigo e apaixonou-se pela jovem que fora noiva dele.

Bond situou a sua peça numa pequena cidade costeira e datou-a do princípio do século. No entanto, espaço e tempo são aqui relativamente arbitrários. É conosco, com o nosso mundo e com o nosso tempo, com os nossos conflitos e com as nossas loucuras, que o autor fala. Utilizando registos de farsa e de tragédia, Bond não conseguiu, contudo, dar à ambiguidade do seu projecto a necessária força dramática. Os problemas essenciais que a peça deveria levantar são, dessa forma, escamoteados por problemas secundários e já excessivamente tratados em teatro. É o caso, em especial, do tratamento caricatural das personagens burguesas da peça, cujos aspectos ridículos são bem dados mas não atingem o cerne do problema. Um admirável cenário de António Alfredo permitiu a Luzia Maria Martins criar os diversos planos em que a acção da peça se situa.

Seria, no entanto, de desejar que a leitura cénica da peça tornasse mais vincado o jogo de conflitos que o autor quis levantar, embora, tanto quanto me parece, dificilmente esse jogo

podesse assumir o carácter crítico que seria necessário. Penso que a peça de Bond será um texto mais para ser lido do que representado porque algumas das suas passagens são, como escrita, muito belas.

Interpretação razoável, sobretudo por parte de Helena Félix, Rui Pedro, Mário Pereira, Dário de Barros e Cremilda Gil.

A DAMA DE COPAS E O REI DE CUBA de Timochenko Wehbi no Villaret

Este espectáculo, embora não seja exemplar, aponta um caminho possível para um teatro de grande comunicação, ao mesmo tempo divertido e com uma certa carga crítica. Quer isto dizer que é bastante mais significativo do que os espectáculos comerciais — traduzidos do francês, do inglês ou do espanhol — que habitualmente as nossas companhias representam.

Utilizando o esquema da fotonovela e da chanchada, o autor e o encenador (Odavlas Petti) procuraram fazer uma desmontagem das coordenadas ideológicas desses processos de alienação. O texto utiliza uma linguagem popular em que se tentou, por vezes, uma recriação das próprias letras das canções sentimentais brasileiras.

O risco que este espectáculo corre é o de não conseguir dar aos espectadores a que se dirige — e que são recrutados principalmente entre a pequena-burguesia nele retratada — a noção de que se serve dos códigos criticados como forma directa e acessível de clarificar os referidos processos de alienação.

Num "décor" marcado pelos sinais que definem as personagens, duas mulheres revelam, cada uma a seu modo, o tritamento a que são sub-

metidas pela engrenagem de que são vítimas. Desde a fotonovela ao fetichismo, da canção sentimental à publicidade, o espectáculo levanta alguns dos mais sérios problemas da sociedade de consumo. Fá-lo através de formas cuja distorção talvez não seja suficiente para transformar o retrato numa caricatura feroz; para transformar a chanchada numa anti-chanchada. Parece-me, todavia, que o espectador minimamente atento poderá verificar que os seus criadores visaram para além da bilheteira e tentaram denunciar as abdicções a que a subordinação à bilheteira obriga.

Três actores excelentes provam que o teatro brasileiro, mesmo não sendo de primeira qualidade, mantém um nível que bem podemos invejar: Norma Suely, Fernanda de Almeida e Myriam Pires (esta última dando muito bem a curva da evolução da sua personagem, graças a uma máscara e a uma voz cuja expressividade deve ser sublinhada).

... tabela...

O Grupo Cénico Paroquial de Arroios apresentou, no respectivo Salão, um espectáculo composto por três peças em um acto de Anton Tchekhov: "Um Pedido de Casamento", "O Aniversário no Banco", "O Urso". Trata-se de um grupo de jovens que têm mais boa vontade do que capacidade, e que foram, ainda por cima, vítimas de uma direcção e de uma encenação pelo menos débeis. No entanto, o entusiasmo do público e a entrega dos actores ao espectáculo demonstram que vale a pena continuar, embora procurando rever os processos utilizados, tanto na escolha do reportório como na maneira de o pôr em cena.

cartaz
dos indecisos



O MAR — de Edward Bond. Encenação: Luzia M. Martins. Produção: Teatro-Estúdio de Lisboa. Teatro Vasco Santana. *Valeria a pena revelar este texto? Aos espectadores compete julgar. (Ver crítica neste número).*



A DAMA DE COPAS E O REI DE CUBA — de Timochenko Wehbi. Encenação: Odavlas Petti. Produção: Consórcio Brasileiro de Teatro. Teatro Villaret. *Um espectáculo divertido que fala de coisas muito sérias. (Ver crítica neste número)*



HISTÓRIA DO JARDIM ZOOLOGICO — de Edward Albee. Encenação: Costa Ferreira. Produção: Metrul. Teatro Laura Alves. *Um belo texto. Um espectáculo a ver.*



TUDO A NU — de Nicholson, Gonçalves Preto e Mário Alberto. Produção: Sérgio de Azevedo. Teatro ABC. *Uma das melhores revistas dos últimos anos.*

PORTO



WOYZECK — de Georg Buchner. Encenação: José Cayolla. Teatro Experimental do Porto. *Para o seu centésimo espectáculo (25 anos de vida atribulada) o T. E. P. apresenta um grande texto alemão.*

ATESTES NAS NOSSAS BOMBAS!

Em electrodomésticos continuamos a atestar de bons preços o público em geral. Veja, como exemplo: Máquinas de lavar roupa, automáticas, 4500\$00; esquentadores, 990\$00; gira-discos, a pilhas e corrente, 968\$00; painéis de pressão, 298\$00; secadores de cabelo, 147\$50; máquinas de lavar louça, frigoríficos, televisores, alcatifas, mobílias, sofás-cama aos melhores preços da concorrência. Grandes facilidades de pagamento. A pronto, descontos de revenda

RADIO PRIMAVERA

(GRUPO
JOVICA)

Rua Gomes Freire, 9-B — LISBOA
Telefones 49406-557152 (Extensão 51)

Mário Santos: um precursor esquecido

Apenas os velhos aficionados se recordam dele. Um bandarilheiro artista, fino, com rara intuição para o toureiro e — o que era invulgar na época — um gosto e uma habilidade para a muleta verdadeiramente de espantar. Seu nome: Mário Coelho Nogueira dos Santos, natural de Lisboa, onde nasceu a 29-9-1900, vindo a falecer em Dezembro de 1942.

Mário Santos, como era conhecido, homem que me dizem tinha uma graça natural na piada, no dito, homem folgazão, a despeito de pertinaz doença — a tuberculose — que o haveria de matar aos 42 anos, viria a desempenhar, no frouxo panorama taurino de então, relevante acção, quase desconhecida, ele que, no plano profissional jamais ocupou o lugar a que tinha direito, por duas razões fundamentais: a falta de saúde e de valor, isto é coragem.

De uma habilidade inata e intuitiva, Mário Santos, a quem apurado sentido toureiro reforçava as qualidades para a profissão, apenas diminuídas pela abulia que por vezes o invadia, fruto da doença, e por esse receio, tão comum aos grandes artistas, reproduzia, com espantosa facilidade e apuro, um lance, um passe, e até a maneira pessoal, interpretativa, das figuras do toureiro que passavam por Lisboa.

Companheiro de José Fernandes e de Júlio Procópio — o primeiro subalterno português que tivemos com categoria verdadeiramente internacional adentro das características do toureiro moderno — Mário Santos foi o companheiro dedicado do toureiro de Avis, nos ensinamentos, nas correções, nos conselhos, no apoio que lhe dava, quando iam treinar para o Campo Pequeno ou para o quintal existente na Rua Camilo Castelo Branco, onde hoje se ergue a nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

A Mário Santos se deve também a fundação de uma escola de toureiro em Lisboa, a primeira de real sentido didáctico, frequentada pelos irmãos Saraiva (Inácio, Domingos e Sebastião), por Augusto Gomes (de quem foi o verdadeiro mestre) e do malogrado Joaquim da Moça, bandarilheiro de eleição e a quem havia de dar a alternativa.

Como curiosidade para a sua biografia, que a "Enciclopédia Tauromá-

quica" regista somente por alto acrescenta-se que Mário começou como componente de uma "troupe" cômica, juntamente com Domingos Mesquita e Feliciano António, tendo ficado na memória dos aficionados a sua "faena" de muleta em Vila Franca de Xira, pelo ano de 1918, que lhe valeu saída em ombros, e os vaticínios de que viria a ser matador de toiros. Os tempos eram outros. E do toiro corrido também. Seria um seu aluno — o Augusto Gomes —, quase trinta anos depois, o primeiro português a sair como novilheiro, num espectáculo formal (e para isso anunciado), em terras de Espanha. O destino fora ingrato para Mário Santos. Ele ficaria apenas na memória dos amigos e dos poucos aficionados que tiveram olhos e sensibilidade para o ver.

SARAIVA MENDES



**Você
precisa de
uma linha
de qualidade
para
coser os seus
vestidos**

Por isso escolha CORRENTE — a linha forte e inconfundível, que tem um toque perfeito. CORRENTE é a linha preferida por todas as senhoras experientes. CORRENTE é produzida em cores firmes e brilhantes, que condizem com toda a espécie de tecidos. CORRENTE a linha de qualidade que você merece.

Peça CORRENTE ao seu fornecedor habitual.



Corrente

LIVROS, AUTORES, LEITURAS

Por MARIA TERESA HORTA

MONTRA DE LIVROS

Pode parecer extemporâneo criticar hoje um livro editado há já uns meses atrás... ainda para mais tratando-se de uma reedição (o livro fora editado primeiro pela Bertrand), obra certamente adquirida (e esquecida?) ou não, quando das suas duas edições... no entanto, porque só agora o li (por razões praticamente alheias à minha vontade) só agora acerca dele poderia escrever, e ignorar um romance tão impressionante como "De Víbora na Mão" (1) de Hervé Bazin, não creio ser atitude honesta da parte de quem pretende dar com cuidado e clareza, semanalmente, um panorama ainda que infelizmente incompleto (a falta de espaço não permite mais) e algumas vezes não tão actualizado como se desejaria, mas o mais isento possível, no nosso meio editorial... por isso aqui estou, depois de duas leituras demoradas que fiz de "Víbora na Mão", páginas e páginas "devoradas" de um fôlego, para logo voltar atrás e me deter de novo nas páginas já lidas, presa, ao mesmo tempo, pelo terror e pelo fascínio que a leitura deste romance provoca.

Mas que foi que tanto me impressionou, afinal, neste livro de um escritor que nunca amei, aliás, nem sequer admirei a distância?

O ódio. O ódio com toda a sua força descomunal, monstruosa. O ódio com todas as suas inúmeras "nuances": o prazer, o gozo quase físico, a náusea, a lâmina dos gestos e das palavras retidas, repetidas depois, apontando seus gumes certos na direcção precisa, o deslizar do corpo e dos sentidos: atentos, prontos, erectos...

Jamais, na realidade, me foi dado ler algo de semelhante... jamais me foi dado ver um autor assim expor (se expor) tão cruamente, seus sentimentos pessoais, íntimos, sua vida,

sem nada esconder ou sequer suavizar.

E fê-lo Hervé Bazin, dolorosamente? Nem por sombras: este livro autobiográfico é a sua grande vingança, a sua última desforra: o seu último aranco, vômito de ódio. Ódio que em criança quase o sufocou, aniquilou. Ódio intacto que ele dedica, sempre dedicou a sua mãe.



"A doida. A grande porca! — repetia ele enquanto se despia, e tão alto que as suas injúrias atravessavam o tabique.

E de súbito, fazendo a contracção desses termos enérgicos, baptizou a nossa mãe pela segunda vez:

— Folchoche! O estafermo da Folchoche. Nunca mais a conheceríamos por outro nome."

Nunca outra coisa lhe dedicaria senão ódio; ódio mesclado por vezes de admiração, mas sempre ódio violento, convulso.

Desmistifica ele, com este romance, a imagem da mulher-mãe? De forma alguma; direi mesmo: pelo contrário, pois ao atacar a sua mãe, imputando-lhe todos os defeitos (por exemplo: ela é má, feia, mesquinha e até mentirosa, no fim, quando se sente a perder terreno na tortura dos filhos, que entretanto vão crescendo e assim lhe fogem, escapam ao seu domínio total), ele mistifica, automaticamente, A MÃE... a outra, a que ele sonhou ter: avesso da que lhe coube e ele tentou matar, quando adolescente.

"— Esplêndido! Esplêndido!

Mas não era tão esplêndido como isso. A sra. Rezeau bem chafurdava no seu caldo de ervas; a verdade, porém, é que não ia ao fundo. (...) — Vai safar-se, a grande porca! É preciso dar-lhe um pontapé na cabeça. (...)"

"De Víbora na Mão" é, sem dúvida, um livro de uma ferocidade sem limites: perverso, fascinante... mas também doentio, desencantadamente árido, e em alguns momentos pobre... empobrecido pelo ódio que o envenena, o mina, o constrói e o vai destruindo; o ódio — sua motivação e seu aniquilamento?

Mas quem ganhará essa luta feroz, travada entre dois seres da mesma força e com a mesma capacidade de ódio?

O filho, a mãe? :

"Essa víbora, a minha víbora, devidamente estrangulada mas que renasce em todo o lado, ainda hoje a brando e brandi-la-ei sempre, seja qual for o nome que te agrade chamar-lhe: ódio, política do pior, desespero ou gosto pela desgraça! Essa víbora, a tua víbora, brando-a eu, agito-a, avanço na vida com esse troféu, assustando o meu público, fazendo o vácuo à minha roda. Obrigado, minha mãe! Eu sou aquele que caminha com uma víbora na mão."

Seja qual for que ganhe, terá uma magra vitória... uma amarga vingança...

(1) — Unibolso — Editores Associados

DOMINGO A TARDE

AUTOR — Fernando Namora
EDITOR — Bertrand
PREÇO — 80\$00

Publicou a Bertrand a décima edição do conhecido romance "Domingo à Tarde", sem dúvida um dos mais belos, um dos melhores livros de Fernando Namora.

Esta é a primeira reedição a sair pela Bertrand da obra deste escritor.



PESSOA REVISITADO

AUTOR — Eduardo Lourenço
COLECÇÃO — Civilização
EDITOR — Inova
PREÇO — 85\$00

Eduardo Lourenço é um dos grandes nomes do nosso ensaísmo literário; homem culto, inteligente, isento e lúcido, avesso a "capelinhas" e a grupos inevitavelmente condicionantes...

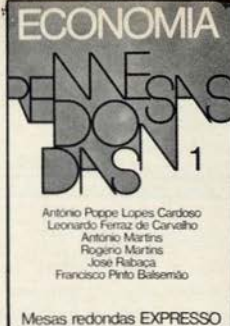
Afastado de Portugal (é "maitre-assistant" na Universidade de Nice) mas sempre presente entre nós, pois jamais deixou de se interessar por tudo o que diz respeito à literatura portuguesa, publicou, agora, pela Inova, um excelente estudo sobre Pessoa: "Pessoa Revisitado" — leitura estruturante do drama em gente, para o qual chamo a atenção de todos.

ECONOMIA

AUTOR — Vários
COLECÇÃO — Mesas-Redondas
EDITOR — Expresso
PREÇO — 40\$00

Publicou o "Expresso" o seu primeiro caderno, que dedicou à economia. No debate, estão presentes os seguintes nomes:

António Martins, António Poppe L. Cardoso, Francisco Balsemão, José Rabaça, Leonardo Ferraz de Carvalho e Rogério Martins.



BARROCO E CLASSICISMO

AUTOR — Victor L. Tapié
TRADUTOR — Lemos de Azevedo
COLECÇÃO — Biblioteca de Textos Universitários
EDITOR — Presença
PREÇO — 120\$00

Saiu o primeiro volume do estudo de Victor Tapié, "Barroco e Classicismo", obra importante não só para o conhecimento da arte barroca como para a história da cultura europeia dos séculos XVII e XVIII.

HISTÓRIA E VERDADE

AUTOR — Adam Schaff
TRADUTORA — Maria Paula Duarte
COLECÇÃO — Teoria
EDITOR — Estampa
PREÇO — 80\$00

Na colecção Teoria da Editorial Estampa, foi editado o livro "História e Verdade", de Adam Schaff, que desde já recomendo, sem qualquer dúvida.

RECOMENDAMOS

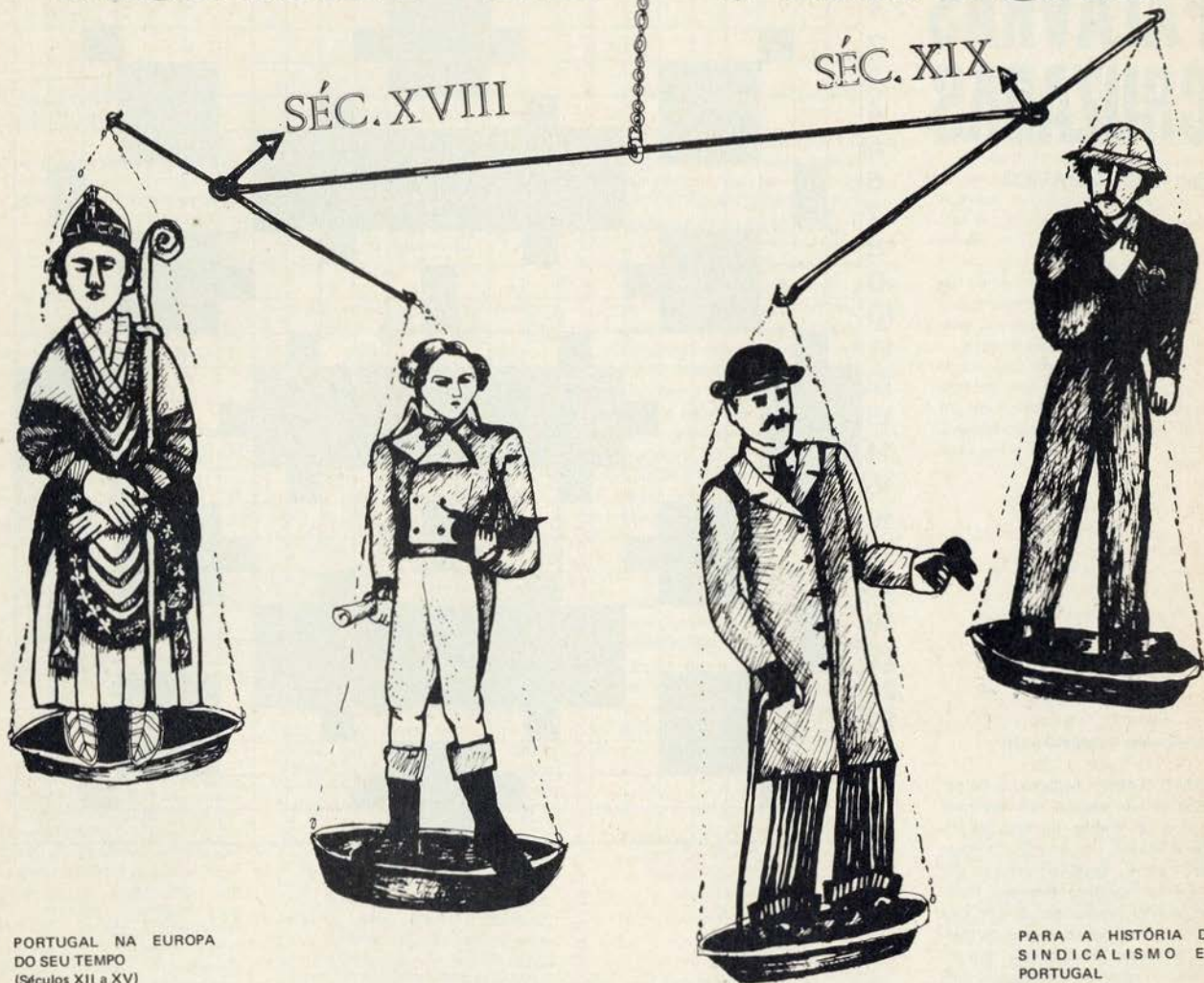
FICÇÃO

"De Víbora na Mão" — Hervé Bazin — Bertrand
"Domingo à Tarde" — Fernando Namora — Bertrand

ENSAIO

"Pessoa Revisitado" — Eduardo Lourenço — Inova
"História e Verdade" — Adam Schaff — Estampa
"Barroco e Classicismo" — Victor Tapié — Presença

LIVROS HISTÓRIA DE PORTUGAL



PORTUGAL NA EUROPA DO SEU TEMPO
(Séculos XII a XV)
Armando Castro
Preço: 64\$00
Seara Nova

PORTUGAL NA ESPANHA ÁRABE (2 vols.)
Seleção, tradução, prefácio e notas de António Borges Coelho.
Preço: 60\$00
Seara Nova

ITINERÁRIO EM QUE SE CONTÉM COMO DA ÍNDIA VEIO POR TERRA A ESTES REINOS DE PORTUGAL
António Tenreiro
Preço: 30\$00
Estampa

O PROCESSO DE DAMIÃO DE GOES NA INQUISIÇÃO
Introdução, actualização ortográfica pontuação e notas de Raul Régo
Preço: 90\$00
Edição do Autor

O ÚLTIMO REGIMENTO DA INQUISIÇÃO PORTUGUESA
Introdução e actualização de Raul Régo
Preço: 60\$00
Edição do Autor

CRONICA DE D. JOÃO I
Preço: 25\$00
Seara Nova

TRATADO DA CIÊNCIA CABALA
D. Francisco Manuel de Melo
Preço: 30\$00
Estampa

NOTÍCIAS LITERÁRIAS DE PORTUGAL/1780
José Anastácio da Cunha
Prefácio e notas de Joel Serrão
Preço: 36\$00
Seara Nova

CRISE DO LIBERALISMO E AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES DAS IDEIAS SOCIALISTAS EM PORTUGAL (1820-1852)
Vitor de Sá
Preço: 64\$00
Seara Nova

AS IDEIAS POLÍTICAS E SOCIAIS DE ALEXANDRE HERCULANO
J. Barradas Carvalho
Preço: 64\$00
Seara Nova

OS CRIMES DA MONARQUIA
Alexandre Cabral
Preço: 40\$00
Seara Nova

PARA A HISTÓRIA DO SINDICALISMO EM PORTUGAL
Alexandre Vieira
Preço: 60\$00
Seara Nova

PORTUGAL E A COMUNA DE PARIS
Ana Maria Alves
Preço: 50\$00
Estampa

a venda nas livrarias

PALAVRAS CRUZADAS

Por COSTA RAMOS

PROBLEMA NÚMERO 1220

HORIZONTAIS: 1—Guisados de pedaços de aves assadas; relativas a panorama. 2—Prefixo de negação; finais; beldades; s. q. do bário. 3—Cheguei; verbais; demônio; debaixo de. 4—Íntima; mealheiro; relembro; Astúrias (abrev.); repercussão. 5—Locução (abrev.); ilha inglesa no mar do Norte. 6—Nome de homem; limpei. 7—Delito; repercutir. 8—Patroa; dificuldade; conjunto de touros que vão ser corridos numa lide; muitos; nome de homem. 9—Radical (abrev.); navio; delinear; oceano. 10—Fileira; apelido; nome de um rio da Palestina; nome de mulher. 11—Sãs; provira; poentes. 12—Afastei; prender. 13—Eia!; ordinário (abrev.); 14—Leve camada; durma. 15—Pequena rosa; nome de homem; expressão de sentimento pelo falecimento de alguém. 16—Senhor; extinguiu; clarabóia (Açores); santo. 17—Madeira (abrev.); nome de homem; mancha; capitão (abrev.). 18—Colocar; transpira; suportar; pedra de altar; reza. 19—Cópia; peça de qualquer aparelho a que o pé imprime movimento. 20—Comum; nome de um treinador chileno de futebol. 21—Entrego; Radicalista (abrev.). 22—Cantiga; ilha do arquipélago de Querimba (Moçambique); areal; arcaico (abrev.); gavinha.

23—Rente; nome de homem; estacionai; título dado aos reis de França. 24—Interjeição que serve para incitar os bois a andar; isolei; pátio; nome de uma letra; 24—Aluno de um seminário; solenizares.

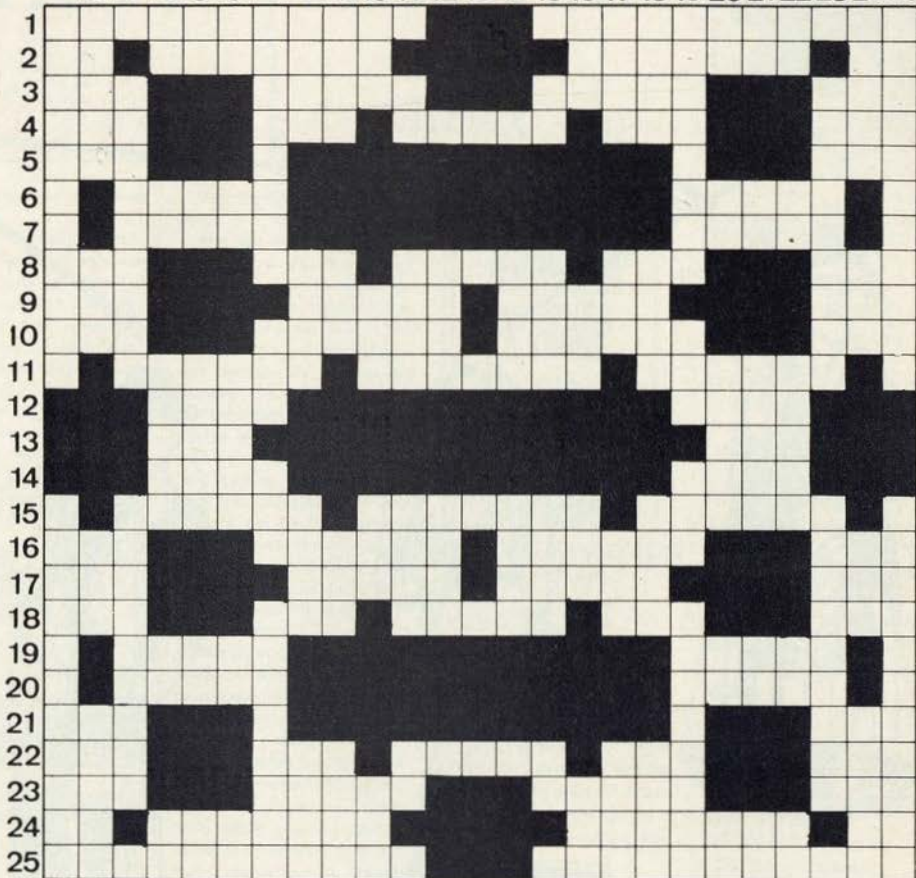
VERTICAIS: 1—Educaram; chefes. 2—Entusiasmo; doença; nome de um dirigente da China comunista; abomine. 3—Trejeitos grotescos; apelido. 4—Preposição; réus (abrev.); pinheiro alvar; pronome pessoal; nota musical. 5—Letra grega; pronome pessoal; prejuízo; caminhar; Emissora Nacional. 6—Sufixo designativo de profissão; indivisível; vazio; basta!; apanhadeira. 7—Mudarem; parte; prende; colocar de espaço a espaço. 8—Aéreo; nome de uma dinastia de reis portugueses; guarneceu de abas; nome de uma cidade italiana. 9—Espaço de tempo (pl.); santo (abrev.); panela; rezes.

10—Empunhei; coloca; pronome pessoal; mitologia (abrev.). 11—Catedral; filtrem; vocífera; polvilho. 12—Nome de duas constelações boreais (Maior e Menor); sacrifício. 14—Vigorosa; projectil. 15—Solitário; perfume; encolerizar; apóstolo. 16—Beira; data; rio da Rússia; constelação austral. 17—Filha de filho ou filha; madeirense (abrev.); ovário; cultivam. 18—Painéis; Iraque; comparativo de mau; mordisque. 19—Que produz renda; vazio; nome de uma letra (pl.); estimam. 20—Gume; Antes de Cristo; rebocas; interjeição que incita os bois a andar; pedra de moinho. 21—Nociva; letra grega; pessoa impertinente e pegajosa; preposição; viração. 23—Ópera em dois actos de Rossini; estudantes. 24—Toca com a boca; chefe etíope; rio da Suíça; nome de mulher. 25—Recipientes para conter o sabonete; que amparam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA NÚMERO 1219

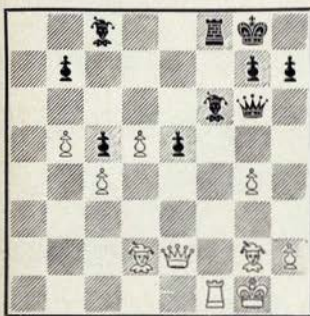
HORIZONTAIS: Vital — Marta — viela — pinto — ave — crisois — assados — sub — lo — ensinar — escamar — it — s — pea — Américo — agá — u — ar — is — ad — ás — metais — ósculo — palmas — traíra — pavão — ac — Hernâni — ga — moira — ágio — opino — rober — unir — dar — panejamento — Ada — aral — anosa — Osias — Brás — amens — apodo — bane — Abel — Ilesa — praia — maca — riuta — apora — Sado — Ema — comemorável — til — sons — anata — areia — bela — areei — os — Serafim — si — Nunes — Flávio — violam — moitas — maisal — ás — ta — pi — sé — n — mim — pedroso — mit — v — um — opereta — carioca — ri — eia — isolara — Carrara — mit — lazer — saias — arear — bruma.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25



ERROS MISTERIOSOS por João Cordovil

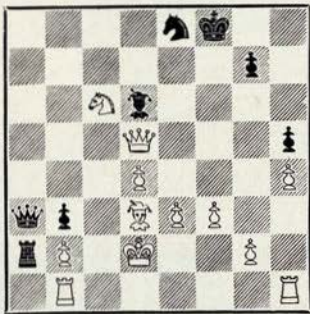
Numa retrospectiva técnica ao XXX Campeonato de Portugal, uma vez já aqui referidas as mais importantes partidas de mestre Joaquim Durão, apresentamos hoje outros jogos de grande interesse classificativo, nomeadamente aqueles que afastaram do vencedor da Prova os seus mais directos opositores. Recorde-se que mestre Durão ganhou o Torneio, um ponto à frente de Fernando Silva e deste articulista.



Na partida entre ambos, Fernando Silva teve um Meio-Jogo muito auspicioso, e mesmo depois de ter permitido desanuviadoras trocas de figuras ao adversário, sucedendo-se a posição do diagrama número 1, aquele jogador poderia ter continuado com 25.h3...; mantendo vantagem posicional, uma vez que a aventureira linha de 25...e4!?; poderia ser contestada com 26.Rh1...; deixando o Peão no "ar", para melhor momento de vir a ser tomado. É claro que a defesa ainda se conseguiria suportar com 25...Dc2...; mas o certo é que, tal como se seguiu na partida, 25.g5?...; o empate aparece sem esforço, por intermédio de: 25...Bxg5; 26.Txf8 ; Rxf8; 27.Bxg5, Dxg5; 28.Df2 ; Rg8; 29.Dxc5, Bh3; 30.Df2, Bxg2; 31.Dxg2, De3 ; 32.Df2, Dg5 ; por xeque perpétuo.

Na sessão seguinte, Fernando Silva, que ainda mantinha a igualdade pontual com mestre Durão, deixar-se-ia afastar irremediavelmente, por perder contra o eng. Hélder Sardinha. A posição crítica desse jogo está expressa no diagrama número 2. Aqui, Fernando Silva, jogando com as peças Pretas deveria ter continuado com 16...Dc7!; Em vez disso, preferiu 16...Db6?; possibilitando a Sardinha um excelente ataque. Vejamos a bem expressa diferença: 17.Cg5, Bd4; 18.Dh5, g6; 19.Df3, Dh7?; (de novo parece melhor a retirada da Dama para "c7", mas agora já as Brancas

têm perigosa iniciativa, que lhes compensaria qualquer eventual perda de material) 20.Tfe1, h6; 21.Ce4, Bxe5; 22.Cc5, Dc7; 23.Bxg6, Cf4; 24.Be4, Cd5; 25.Cxe6, fxe6; 26.Bxd5, Bxd5; 27.Dh5 ; Rd7; 28.Txe5, a5; 29.Tc1, Dd6; 30.Df7 ; Rd8; 31.Df6 ; *rendem-se*, já que está iminente a cedência de importante material.



A maior reviravolta de uma partida, neste Torneio, deu-se na quarta jornada. Com uma Torre e três Peões a mais (!), mesmo próximo de finalizar o jogo a seu favor, este articulista, por qualquer razão desconhecida dele próprio (segredos que nem o xadrez explica em análise de lances), perdeu a posição do diagrama número 3.

É evidente que há mais de que um lance para ganhar. Mas o mais simples seria jogar 35.Rc1...; após o qual as Pretas teriam apenas duas alternativas: a) 35... Tbx2?; 36.Txb2, Dal ; 37.Bb1, Ba3; 38.Dxb3, e deveriam abandonar, ou b) 35...Da8; 36.Bc4, e seriam obrigadas a abandonar devido à indefensável ameaça de mate.

Por repentina ilusão, as Brancas continuaram com: 35.Bc4?...; confiadas em: 35...Txb2 ; 36.Rd3...; sem calcularem previamente o espantoso sacrifício da segunda Torre, com: 36...Td2 !; que as obrigaria a empatar, por repetição de lances, após 37.Rc3, Tc2 ; 38.Rd3, Td2 ; etc. Em vez disso, arriscando o ponto por inteiro, sacrificaram involuntariamente a Dama com a ida do Rei para "e4", expondo-se ao duplo de Cavalos em "f6", com péssimo resultado prático devido ao forte Peão passado das Pretas. É curioso notar-se, voltando ao sacrifício de Torre, que esta não se pode aceitar sem funestas consequências. Vejamos: 37.Rxd2? ; Da2 ; 38.Rd1!, Dc2 !; 39.Re1, Bg3 ; 40.Rf1, Df2 mate. Todas as figuras das Pretas estavam colocadas em locais de fatalidade para o Rei das Brancas... E por anterior provocação atacante destas... Se não fôssemos protagonistas não acreditaríamos!

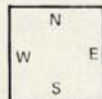
A MANOBRAS GALLIMARD

Existem em bridge manobras de execução bastante fácil, que se tornam difíceis pela aparente violação dos hábitos do jogador. A manobra Gallimard é uma delas.

Em jogos trunfados com um naipe lateral dividido 4-3 entre as duas mãos, é frequente a aplicação de tal manobra, sempre que o lado com três cartas é também o mais curto em trunfos. Consiste em tirar as voltas de trunfo necessárias para ficar apenas com um trunfo do lado curto e em seguida jogar esse naipe lateral, em que a quarta carta é uma possível perdente. Agora, se o naipe estiver dividido 3-3 nos adversários, tudo é indiferente; só não ganharemos se o adversário que tiver o último trunfo for também o que tiver quatro cartas do naipe lateral.

O jogo que a seguir descrevemos é um belo exemplo desta manobra e foi executado em partida livre por Jorge Monteiro dos Santos, que consideramos um dos nossos melhores jogadores. O jogo com o morto é quanto a nós um dos seus fortes, de que damos uma amostra.

E - A 4 3 2
C - 4 3 2
O - A R 2
P - 10 9 2



E - 5
C - A R D 5
O - D V 10 4 3
P - A R 3

S (J. M. Santos) jogava 6 Ouros; não sabemos como decorrerá a marcação, mas sugerimos 1 Ouro - 1 Espada - 2 Copas (prometendo um mínimo de 16 pontos) - 3 Paus (quarto naipe a pedir definição da mão) - 3 ST - 4 Ouros - 4 ST (Blackwood para Aões) - 5 Copas - 6 Ouros.

Saída à Dama de Paus.

S jogou pequena do morto e fez Rei da mão. Analisou agora o jogo, contando as perdentes possíveis.

Em Espadas e Ouros, nenhuma; em Copas e Paus uma possível em cada naipe.

O jogo não teria problemas se as Copas estivessem 3-3 no adversário; a hipótese desfavorável, e de que há que se precaver, é a de outra distribuição (4-2 ou até 5-1).

Há agora que acumular um máximo de hipóteses de ganho e passemos a examinar a solução de Jorge Monteiro dos Santos.

Jogou a Dama de trunfo, da mão, em seguida duas voltas de Copas e uma segunda volta de trunfo, para o Rei do morto, tendo ambos os adversários fornecido. Encontra-se, assim, na seguinte posição:

E - A 4 3 2
C - 4
O - A
P - 10 9



E - 5
C - D 5
O - V 10 4
P - A 3

Jogou agora o 4 de Copas do morto, conseguindo assim acumular as seguintes hipóteses ganhantes:

- as Copas divididas 3-3: realiza a Dama de Copas, destrunfa e faz a Copas firme;

- as Copas divididas 4-2 nos seguintes casos:

- a mão com as quatro cartas de Copas, seja ela qual for, ter o terceiro trunfo; nesta hipótese S realiza a Dama de Copas e corta a última Copas com o Ás de trunfo do morto;

- as quatro cartas de Copas em W; nesta hipótese E pode cortar a Copas, onde S joga o 5, mas em seguida a Dama de Copas serve para baldar uma carta de Paus do morto e o último Pau perdente será cortado do morto.

A análise das hipóteses restantes mostra que esta linha só perde contra quatro cartas de Copas em Este e três trunfos em W, sendo ganhante em todas as outras hipóteses.

Esta é mais uma manobra que não é segura; é uma manobra de probabilidades ou de acumulação de hipóteses. Pertence àquele enorme tipo de jogos em que o jogador não pode dizer que vai ganhar, mas sim que vai tentar reunir o maior número de probabilidades para tal.

Crónica de ALEXANDRE O'NEILL

LEGENDAS DE FOTOGRAFIAS

O hábito magazinesco de legendar fotografias com frases "poéticas" foi-se perdendo. Hoje, a fotografia fala por si própria e a poesia também... À parte legendas de mera identificação (ou de humor), as imagens fotográficas dispensam o fraseário que era suposto apoiá-las. O jornalismo evoluiu para uma comunicação mais substantiva. A fotografia de imprensa deixou de ser "em beleza" e passou a ser "em verdade". Texto e imagem estão mais integrados. A fotografia perdeu o carácter de brilharete ornamental. Da paisagem passou-se para o corpo. Do nu artístico para o nu erótico. A "bela prosa" gastou toda a sua importância. E assim por diante, nesta verificação de mudanças que vieram afectar o nosso pasto cultural de civilizados...

Desses tempos, o que ainda se salva é a fotografia, que era às vezes de extraordinária qualidade. O enfoque da prosa, esse, mostra quase sempre uma pretensão ridícula de com ela se completar ou aperfeiçoar a fotografia. Já nessa altura (anos 20, 30 e 40) a prosa estava em atraso no contexto geral da comunicação...

Dentro da preocupação de inventariar, que também põe em movimento a minha mão de cronista, aqui deixo um lote de *legendas de fotografias de magazine* que, para serem compreendidas nas suas intenções, "dispensam" perfeitamente as imagens fotográficas de que eram acompanhantes...

Na frescura do Tejo, a frescura dos frutos...

O Castelo domina a imponente paisagem.

Junto do mar, ao sol, as crianças tornam-se mais saudáveis, mais felizes. Os seus sorrisos ficam, assim, espontâneos e fotogénicos.

O Nabão — a écloga ribeirinha.

Onde a Natureza se harmoniza com a Arte: — através da ramaria das árvores, o Convento de Cristo, em Tomar.

Quando os noivos tiram o retrato... Quando os lavradores contam o dinheiro... Quando os feirantes expõem ou avaliam as mercadorias... Quando os vendedores ambulantes apregoam elixires infalíveis... o povo põe a descoberto a sua psicologia, em atitudes, expressões e palavras que também traduzem, claramente, a índole, os costumes e a paisagem provincial.

Os negros, ágeis, trepam pelos coqueiros elegantes.

O Bispo de Lourdes fala ao Bispo de Leiria. E ascende no ar o perfume da Graça que desabrocha em duas terras de eleição.

Furadoiro: À beleza da paisagem alia-se o interesse da faina e dos costumes dos pescadores. Vida simples e repousante.

O negro trabalha no campo até ao pôr do sol.

Ar livre! Ar livre para as crianças pobres! Sem sol, sem mar, sem campo — é inútil toda a acção de assistência social.

O trabalho de hoje exige uma arquitectura racional e moderna.

O que seria Lisboa sem os seus telhados? O que seriam os telhados, se não houvesse Lisboa para os entender?

Antes na varanda do que dentro de casa. Mas no jardim é preferível.

todos os dias

café puro

Aos casais modernos,
com vida activa,
cada qual independente
e realizado,
liga-os o amor e a amizade.
Mas é preciso todos os dias
o comum das pequenas coisas.
Café Puro.
O convívio
da cuidadosa preparação
de um para ambos.



- 1 Use só CAFÉ PURO EM GRAO, moído na altura e na quantidade de que precisar.
- 2 Por cada chávena, deite uma colher de sobremesa, bem cheia (10 a 12 gramas), de CAFÉ PURO moído.
- 3 Não ferva a água durante muito tempo, nem mais de uma vez.
- 4 Sirva o CAFÉ PURO, em chávenas escaudadas, imediatamente depois de o fazer.
- 5 Nunca torne a aquecer o CAFÉ PURO. Prepare-o, de novo, cada vez que o desejar.

5 normas para um bom café



1



2



3



4



5

só do grão do café se pode fazer café puro



Whipped Creme Lipsticks da Max Factor Um delicioso toque de beleza hidratante

Imagine o conteúdo de um boião de maravilhosa
côr para os lábios, lentamente batido com
preciosos agentes hidratantes.
Eis a receita da Max Factor para o mais sedutor dos
batons até hoje inventados.
Whipped Creme Lipsticks – com elementos hidratantes
que protegem e embelezam os seus lábios
durante todo o dia.



Whipped Creme – o batôn da sedução!.

Do mundo maravilhoso da **MAX FACTOR**...Naturalmente